

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Alex Gonçalves dos Santos

**O Serviço Social e o conservadorismo na sociedade brasileira  
contemporânea**

Mestrado em Serviço Social

São Paulo  
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Alex Gonçalves dos Santos

**O Serviço Social e o conservadorismo na sociedade brasileira  
contemporânea**

Mestrado em Serviço Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, na área de concentração em Serviço Social, sob a orientação do Prof. Dr. Ademir Alves da Silva.

São Paulo

2018

ALEX GONÇALVES DOS SANTOS

**O Serviço Social e o conservadorismo na sociedade brasileira contemporânea**

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, na área de concentração em Serviço Social, sob a orientação do Prof. Dr. Ademir Alves da Silva.

---

Prof. Dr. Ademir Alves da Silva

---

Profa. Dra. Camila Felice Jorge

---

Profa. Dra. Dirce Harue Ueno Koga

---

Profa. Dra. Aurea Satomi Fuziwara (Suplente)

---

Profa. Dra. Maria Carmelita Yazbek (Suplente)

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocópias ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para  
Dissertações com dados fornecidos pelo autor.

SANTOS, A. G dos. O Serviço Social e o conservadorismo na sociedade brasileira contemporânea. / Alex Gonçalves dos Santos. - São Paulo: [s.n.], 2018. 139p.

Orientador: Ademir Alves da Silva.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, 2018.

1. Classe social; 2. Serviço Social; 3. História, 4. Conservadorismo.

À todas as Marias e Joões, que derramam seu sangue diariamente nesse mundo débil e ao professor Fábio Belloni (in memoriam).

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que, por intermédio da PUC-SP, proporcionou uma bolsa de estudos, fundamental para a realização desse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a todas as trabalhadoras que acordam de madrugada para o sustento da família e que contribuíram, junto com todos os cidadãos brasileiros, no financiamento desse trabalho. Infelizmente, muitas dessas, jamais chegaram perto de uma universidade como esta, quando muito, entram nela para limpar as salas e os banheiros. Um mundo ao qual somente uma pequena parcela dos pobres e favelados tem acesso.

À Pontifícia Universidade Católica, aos docentes, discentes e aos funcionários dessa Universidade. Pois, um trabalho vai além do mérito individual e sem ajuda de várias pessoas pelo caminho, esse mérito não chegaria a lugar algum. Com isso, agradeço aos que contribuíram para a realização desse percurso.

À professora Camila Felice Jorge que desde os tempos de formação na Unifal, como minha professora, há 7 anos, vem contribuindo na minha trajetória acadêmica e pessoal, mostrando-se como uma profissional, uma professora, uma pessoa que considero, admiro e respeito, pelo que me incentivou, ensinou e ensina no processo da vida.

À professora Dirce, que contribuiu para esse trabalho desde a Disciplina por ela Coordenada no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social no início de 2016, mostrando-se uma pessoa e uma docente como poucas no mundo acadêmico.

À professora Carmelita Yazbek e à Aurea Satomi Fuziwara que contribuíram e contribuem para minha formação para além do espaço acadêmico e aceitaram de pronto a suplência para a banca dessa Dissertação.

Agradeço pela trajetória que passei na Unifal, pelos aprendizados e experiências com os colegas e docentes que tive o prazer de conhecer e de conviver durante dois anos, laços que acredito permanecer para a posteridade. Aos amigos distantes ou próximos no percurso da vida. Em especial, à professora Kátia Hale e ao professor Fábio Belloni, que permanecem na minha vida para além desse Centro Universitário e para a Assistente Social Regiane Peixoto que foi minha primeira Supervisora de Estágio enquanto estive naquela instituição.

Às Assistentes Sociais professoras: Olda Andrezza, Rosalina Santa Cruz, Márcia Paixão, Socorro Cabral, Márcia Accorsi, e Martinelli que partilham seus conhecimentos para minha maturidade intelectual e pessoal.

Ao professor Ademir Alves da Silva que aceitou o convite de me orientar já na Iniciação Científica em 2014 e em todo meu percurso profissional desde o início da graduação em Serviço Social pela PUC-SP em 2012 até aqui, como orientador dessa Dissertação, me incentivando, trazendo reflexões que contribuíram para além da pesquisa e entendendo minhas limitações intelectuais com sua generosidade profissional.

Aos amigos distantes ou próximos no percurso da vida, e colegas que fiz ao longo de minha formação na PUC-SP, cujos nomes não citarei aqui, para não correr o risco de fazer injustiça com eventuais não mencionados.

Agradeço a Paula Aragão, companheira de vida, lutas, diálogos, e amor, que permanece ao meu lado e eu ao dela, nos momentos difíceis do percurso acadêmico. Companheira peculiar. A ela, minha gratidão, carinho, respeito, admiração e amor.

Tempo doido, época feia. O mundo quer salvar o jovem, mas não fala de escola, só fala de cadeia, tempo é dinheiro, morre a paciência, aí vira o que? Os com diploma, versus os com-ciência. A fundação é tudo, menos casa. É mó boi odiar o diabo, eu quero ver é vocês viver lá no inferno "não existe amor em SP"? Existe pra caralho! cês acham que as mães de maio choram por quê? tem que sobreviver ao pai que abusa, o ferro sobre a blusa, as farda que mata nóiz e nunca fica reclusa, ao Estado que te usa, ao padrão de beleza musa e aos otário, que ainda quer vim me falar de racismo ao contrário. Tempo doido, a espinha gela onde as mulheres é estuprada e no final a culpa ainda é delas. O problema é seu e da sua dor, às vez eu me sinto inútil aqui, que eu não valho nada, igual o governo tem tratado os professores, mas pra esses bunda mole ai que acha que nóiz tá dormindo, um aviso: não é porque nóiz tá sonhando que nóiz tá dormindo, viu? (EMICIDA).

Não há "crise" da qual é preciso sair. Há uma guerra que precisamos ganhar. (COMITÊ INVISÍVEL).

## RESUMO

Essa pesquisa é fruto de uma jornada de reflexões no percurso acadêmico, referente ao modo da sociabilidade burguesa e seus desdobramentos, como o “chão histórico” da gênese do Serviço Social brasileiro e a inserção do pensamento de Marx na profissão. Busca contribuir para o debate quanto a aspectos polêmicos do Serviço Social, visando a compreensão da profissão, seus avanços e limites. Uma profissão que é impensável fora da realidade histórica do desenvolvimento do capitalismo desde a gênese deste por volta do século XVI, seus desdobramentos “desiguais e combinados” espalhados pelo globo terrestre, sua impossibilidade de eliminar as desigualdades e, ainda mais, inserindo outras formas e aprofundando as existentes. Surge assim, a necessidade de criar mecanismos de intervenção nessa realidade, acolchoando as características determinadas historicamente por meio de ações com fortes vínculos de bondade e caridade religiosa. Assim, o Serviço Social surge como profissão institucionalizada e legitimada legalmente, no contexto do capitalismo monopolista, onde a era imperialista se intensifica, e, com seu desenvolvimento, se coloca como profissão posicionada teoricamente ao lado da classe trabalhadora com a qual se identificam os profissionais da área. Entretanto, seus ideais, valores, posicionamento crítico se enclausuraram em um grupo restrito de pessoas e órgãos, não alcançando os profissionais que atuam nos serviços. Os órgãos da categoria realizam discursos progressistas, mas que não alcançam a base profissional, perpetuando assim, falas desconectadas da realidade e discursos punitivos aos profissionais da base sem ao menos dialogar com as diferentes ideias. Criticam o fazer da prática profissional, mas quase não estão mais no “chão real” da prática, “amassando barro”. Concomitantemente, a academia se fecha em si, sem aprofundar a inserção na realidade cotidiana. Existem pessoas dos órgãos e outras que participam deles, docentes e discentes da academia resistindo, travando lutas, estando mais próximos da base profissional, mas, o que se cristaliza são falas punitivas e discursos distantes da realidade.

**Palavras-chave:** Classe Social; Serviço Social; História, Conservadorismo.

## **ABSTRACT**

This research is the result of a journey of reflections in the academic route, when it comes to the state of the bourgeois sociability and its consequences, like the "historical ground" of the origins of the Brazilian Social Work and the insertion of Marx's thought into the profession. This study intends to contribute to the debate on controversial aspects of the Social Work, focusing on the understanding of the profession, its advances as well as limits. A profession that is unthinkable outside the historical reality of the development of capitalism since its dawning, around the sixteenth century, its "uneven and mixed" progression spread throughout the globe, its inability to eliminate social differences, as well as deepening existing ones. Hence, the need to create mechanisms of intervention in this reality shows up, sugarcoating the historically determined aspects through actions with strong bonds of good will and religious charity. Thus, The Social work emerges as an institutionalized legal profession within the context of monopoly capitalism, where the imperialist era intensifies, and, with its development, stands as a theoretically positioned profession alongside the working class which many professionals share its values. However, the ideals, values, and critical positioning were confined amongst a restricted group of people and organizations, not reaching those professionals who actually work in the field. The organizations of the group usually make progressive speeches, which do not reach the professional base, consequently perpetuating every speech disconnected from the reality as well as those disciplinary talks to the professionals of the base without even trying to establish any dialogue between different ideas. They criticize the practice of the field professional, almost no longer being there, "on the trenches." Simultaneously, the academy closes itself, without further integration in everyday reality. There are people in the organizations and those others who participate in them, teachers and students of the academy resisting, struggling, standing closer to the professional base, but what sticks are the punishing and far from reality speeches.

**Keywords:** Social Class; Social Work; History, Conservatism.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Partidos reconhecidos, sua legenda e ano de fundação.....	82
QUADRO 2: Número de partidos em formação e sua legenda.....	85
QUADRO 3: Partidos e número de membros por legenda no senado.....	87
QUADRO 4: Prefeitos eleitos nas duas últimas eleições municipais.....	101
QUADRO 5: Conferencistas nos últimos CBAS.....	118
QUADRO 6: Instituições educacionais que oferecem curso de serviço social, distribuídas conforme as modalidades.....	123
QUADRO 7: Assistentes Sociais ativos no país.....	125
QUADRO 8: Estados com maior número de profissionais ativos nos anos 2013, 2014 e 2017.....	125

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPESS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
AI	Ato Institucional
ANIMAIS	Partido Político Animais
ANPG	Associação Nacional dos Pós-Graduandos
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BH	Belo Horizonte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBAS	Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais
CBCISS	Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CGTB	Central Geral dos Trabalhadores do Brasil
CMP	Central de Movimentos Populares
CONEN	Conselho Estadual de Entorpecentes
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
CSP	Central Sindical e Popular
CTB	Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DEM	Democratas
DF	Distrito Federal
DS	Partido da Defesa Social
ENESSO	Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social
ENPESS	Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social
EUA	Estados Unidos
FB	Força Brasil
FENET	Federação Nacional dos Estudantes do Ensino Técnico
FESB	Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FMI	Fundo Monetário Internacional
FNDC	Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
FPA	Frente Parlamentar Agropecuária

FRENTE	Partido da Frente Favela Brasil
FUP	Federação Única dos Petroleiros
IDE	Igualdade
IES	Instituição de Educação Superior
IGUAIS	Iguais
ILA	Instituto Liberal de Alagoas
INOVABRASIL	Partido do Pequeno e Micro Empresário Brasileiro
IPDM	Igreja Povo de Deus em Movimento
JCA	Juventude Comunista Avançando
JSoL	Juventude Socialismo e Liberdade
LIGA	Liga Democrática Liberal
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MAIS	Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista
MAM	Movimento pela Soberania Popular na Mineração
MANANCIAL	Partido Manancial Nacional
MB	Partido Muda Brasil
MBL	Movimento Brasil Livre
MCC	Movimento Cidadão Comum
MCN	Movimento Cívico Nacional
MCP	Movimento de Cultura Popular
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MG	Minas Gerais
MLB	Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas
MMM	Marcha Mundial das Mulheres
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MSTC	Movimento Sem Teto do Centro de São Paulo
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
NCST	Nova Central Sindical dos Trabalhadores
NOS	Nova Ordem Social
NOVO	Partido Novo
PACO	Partido Conservador
PAIS	Partido pela Acessibilidade e Inclusão Social
PAT	Partido Alternativo do Trabalhador

PATRI	Patriotas
PB	Partido Brasileiro
PCB	Partido Comunista do Brasil
PCD	Partido Consciência Democrática
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCI	Partido da Cidadania
PCO	Partido da Causa Operária
PCS	Partido Carismático Social
PDC	Partido Democrata Cristão
PDECO	Partido dos Defensores da Ecologia
PDL	Partido Democrático Liberal
PDS	Partido Democrático Social
PDSP	Partido Democrático dos Servidores Públicos
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PE	Partido do Esporte
PE	Pernambuco
PEC	Partido Ecológico Cristão
PED	Partido da Evolução Democrática
PEN	Partido Ecológico Nacional
PF	Partido Federalista
PFB	Partido da Família Brasileira
PGTdoB	Partido Geral dos Trabalhadores do Brasil
PHD	Partido Humanista Democrático
PHDB	Partido Humanista Democrático do Brasil
PHN	Partido Humanitário Nacional
PHS	Partido Humanista da Solidariedade
PIBIC-CEPE	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho de Ensino e Pesquisa
PIRATAS	Partido Pirata do Brasil
PISC	Partido da Integração Social e Cidadania
PJ	Partido da Juventude
PLC	Partido Liberal Cristão
PL	Projeto de Lei
PL	Partido Liberal

PMB	Partido da Mulher Brasileira
PMBR	Partido Militar Brasileiro
PMDB	Partido do Movimento Democrático
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PMP	Partido da Mobilização Popular
PMR	Partido Municipalista Renovador
PNC	Partido Nacional Corinthiano
PNI	Partido Nacional Indígena
PNS	Partido Nacional da Saúde
PNTB	Partido Nacional Trabalhista Brasileiro
PODE	Partido de Organização Democrática dos Estudantes
PP	Partido Progressista
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPC	Partido Progressista Cristão
PPL	Partido Pátria Livre
PPLE	Partido Popular de Liberdade de Expressão Afro-Brasileira
PPP	Parceria Público Privado
PPR	Partido Progressista Reformador
PPS	Partido Popular Socialista
PR	Paraná
PR	Partido da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PRC	Partido Republicano Cristão
PRCB	Partido Republicano Cristão Brasileiro
PRD	Partido Reformista Democrático
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PRONA	Partido da Reestruturação da Ordem Nacional
PRONA	Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PROS	Partido Republicano da Ordem Social
PRP	Partido Republicano Progressista
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PRUAB	Partido da Reforma Urbana e Agrária do Brasil
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão

PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSDC	Partido Social Democrata Cristão
PSL	Partido Social Liberal
PSN	Partido da Solidariedade Nacional
PSN	Partido Solidarista Nacional
PSoL	Partido Socialismo e Liberdade
PSPB	Partido dos Servidores Públicos e dos Trabalhadores da Iniciativa Privada do Brasil
PSPC	Partido da Segurança Pública e Cidadania
PSPP	Partido do Servidor Público e Privado
PST	Partido Social Trabalhista
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PTdoB	Partido Trabalhista do Brasil
PTN	Partido Trabalhista Nacional
PTR	Partido Trabalhista Renovador
PTRB	Partido Trabalhista Renovador Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PUMA	Partido Universal do Meio Ambiente
PV	Partido Verde
RAIZ	Raiz - Movimento Cidadanista
RDP	Real Democracia Parlamentar
REDE	Rede Sustentabilidade
RENAP	Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RNV	Renovar
RS	Rio Grande do Sul
RUA	Juventude Anticapitalista
SD	Solidariedade
SENGE	Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro

SOF	Sempre Viva Organização Feminista
SP	São Paulo
TRIBUNA	Tribuna Popular
TTB	Tendência Trotskista do Brasil
TV	Televisão
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UBM	União Brasileira de Mulheres
UDCdoB	União da Democracia Cristã do Brasil
UDN	União Democrática Nacional
UDN	União para a Defesa Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes
UGT	União Geral dos Trabalhadores
UJC	União da Juventude Comunista
UJR	União da Juventude Rebelião
UJS	União da Juventude Socialista
UNEAFRO	União de Núcleos de Educação Popular para Negras, Negros e Classe Trabalhadora
UP	Unidade Popular
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

Introdução.....	19
Capítulo I – As classes sociais e as lutas de classes no capitalismo.....	27
1.1 A categoria classe social.....	35
1.1.1 Marx e as classes sociais.....	41
1.1.1.1 As classes sociais em Weber.....	44
1.2 As lutas de classes no Brasil – o novo no velho.....	46
1.3 As classes sociais na contemporaneidade.....	54
Capítulo II – As expressões, tendências e movimentos das classes sociais no brasil contemporâneo.....	66
2.1 Os Partidos políticos.....	79
2.2 As organizações sindicais.....	91
Capítulo III: O Serviço Social brasileiro: conservadorismo constitutivo e renitente.....	104
Considerações preliminares.....	128
Referências.....	131

## INTRODUÇÃO

*Construímos muros demais e pontes de menos.  
(ISAAC NEWTON)*

No processo de construção do conhecimento, perpassamos por diversas clivagens de uma mesma problemática, pois a elaboração da dissertação nos permite, aperfeiçoar as construções teóricas, trazendo debates polêmicos, sem deixar apagar o espírito parrésico<sup>1</sup> do processo crítico formativo que está diretamente ligado à vida pessoal. Pois: Não há como separar a vida da pesquisa que nos transforma em um artesão intelectual. (WRIGHT MILLS)<sup>2</sup>.

Buscaremos nessa pesquisa, apresentar uma contribuição para o Serviço Social brasileiro, a partir de uma teorização do campo marxista, da “elevação do particular ao geral”. Do abstrato ao concreto, do formal ao conteúdo, do imediato ao mediato na perspectiva do Materialismo, a base de tudo é a matéria, em um processo contínuo da vida real, de desenvolvimento histórico, de um processo dialético de base real, da vida social, subjetiva, de contínua contradição entre o real e o pensamento, onde a dialética tem sua raiz profunda no conteúdo e no ser concreto: nas lutas, nos conflitos, nas forças em relação e em conflito com a natureza, na vida, na sociedade, no espírito

---

<sup>1</sup> Parrésia: Coragem de dizer a verdade, o que se pensa.

<sup>2</sup> Como muitos estudantes pobres que adentram ao ensino universitário, que representam uma parcela ainda mínima de acesso a esse espaço, essa história de pesquisador envolvido com o objeto de pesquisa se inicia com muita responsabilidade já na infância, passando por ela com violações e violências, que nos possibilitaram desde criança, o amadurecimento, o reconhecimento como sujeito, um processo de maturidade precoce junto com todas as dificuldades que passamos para chegar ao mundo universitário. Por não se sentir pertencente a ele, em um contexto, onde nossos pais e muitos da família não tiveram acesso e na maioria das vezes, o único da família que alcança esse ensino, travando resistência, pois vem de um lugar que não se tem muita esperança: “de um meio decadente que gera mentes decadentes”. Nossa pesquisa reflete nossa vida, nossos espaços, de onde saímos e para onde pretendemos ir, buscando demonstrar as amarras das contradições inerentes ao nosso ser social, onde devemos seguidamente nos avaliar, nos repensar para não oprimirmos aqueles que supostamente somos. Um grupo que reiteradas vezes, tem uma infância e juventude repletas de sofrimentos, que infelizmente, estão presentes no cotidiano de milhares de pessoas, de diferentes cores de pele, gêneros, lugares de onde vêm e moram, tentando resistir em um ambiente, onde já iniciamos, muito atrás, com defasagens em todo repertório cultural, formativo/acadêmico e de linguagem. Foi todo esse contexto, infelizmente, típico na sociabilidade contemporânea, e para além de outras questões, que nos possibilitou perceber e participar de movimentos sociais e todos os espaços que travam lutas e resistência, nos possibilitando captar a base real da contradição e perceber o processo embrionário da vida pessoal com os interesses acadêmicos. O Diploma ora conquistado, deverá servir como instrumento de luta, mesmo sabendo que da forma que está instituída a academia, nem ela nem eu chegaremos muito longe. Um espaço em que: “a ganancia vibra e a vaidade excita”. (CRIOLO, 2011, NÃO EXISTTE AMOR EM SP).

humano. (LEFEBVRE, H. 1979, p, 192). A pesquisa visa uma elaboração crítica comprometida com a vida social. “Elevação da terra ao céu”. Um método que visa uma longa elaboração teórica, sucessivas aproximações para agarrar o movimento real do objeto. Sendo esse método, o Materialismo Histórico-Dialético, possível de revelar as conexões, a essência das aparências, buscando: conhecer as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa. (NETTO, 2011c, p, 46).

Pois, endossamos os comentários tecidos por Engels sobre a Contribuição à Crítica da Economia Política de Marx:

Vemos, portanto, com esse método, como o desenvolvimento lógico não se vê obrigado a se movimentar no reino do puramente abstrato. Ao contrário, precisa apoiar-se em exemplos históricos, manter-se em constante contato com a realidade. (MARX, 2008, p, 285).

Com base em fontes secundárias, essa pesquisa teórica busca agarrar os nexos entre a teoria e a prática, que foi desenvolvida através de análise dos textos que deram embasamento para a sustentação da hipótese, realizando o desenvolvimento histórico de conceitos para tal. Sustentado pelos textos do próprio Marx e de seus interlocutores, além disso, traz os conceitos de outros pensadores clássicos da área da Filosofia, Política, Ciências Sociais.

Ademais, buscaremos outras referências que bebem dessas mesmas fontes, concatenando com outras linhas teóricas de reflexões referentes: 1 - ao processo de formação do Estado brasileiro, 2 - das lutas de classes, 3 - do Serviço Social no Brasil. Levando em consideração o processo histórico e globalizado do desenvolvimento social, como se manifestam as insurreições do passado e do presente, para demarcar o processo de transformação societária para além de uma dada profissão, pois o modo de produção, o modo econômico diz sobre a vida social:

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral”, de que todas as relações sociais e estatais, todos os sistemas religiosos e jurídicos, todas as ideias teóricas que brotam na história somente podem ser compreendidas quando forem compreendidas as condições materiais de vida da época em questão e quando se conseguir explicar tudo aquilo por

condições materiais. (MARX, 2008, p. 276).

A pesquisa de Iniciação Científica realizada no período de agosto/2014 a agosto/2015, com fomento PIBIC-CEPE, desenvolvida por esse autor, intitulada: A “*virada*” do Serviço Social brasileiro: Ainda uma “Intenção de Ruptura?”, sob a orientação do professor Dr. Ademir Alves da Silva, Coordenador do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da PUC-SP, por meio de fontes primárias e secundárias, nos trouxe ricas contribuições para aprofundar o conhecimento acerca do desenvolvimento da *intenção de ruptura* com o conservadorismo na profissão de Serviço Social na atualidade. Considerando-se que: *“Em meados dos anos 60 inicia-se o Movimento chamado Reconceituação do Serviço Social na América Latina, questionando as práticas profissionais “Tradicionais”, buscando romper com o viés conservador e instaurar um projeto ético-político crítico. Tendo em vista o debate colocado para o Serviço Social brasileiro, acerca do Movimento de Reconceituação Latino Americano, do desenvolvimento da profissão e do chamado “Congresso da Virada” de 1979, ocorrido no Brasil, serão pontuados os marcos históricos do momento da “virada” e posturas conservadoras presentes, dominantes na atuação profissional<sup>3</sup>”*. Agora, pretendemos aprofundar as evidências percebidas na pesquisa de Iniciação, tais como, os limites e possibilidades da profissão em Serviço Social, a partir de seus constitutivos ontológicos e como a sociabilidade contemporânea “desmancha a sólida” consolidação do Projeto Ético-Político dos Assistentes Sociais, pois:

O problema está, objetivamente, não apenas na constatação dos limites que estão ontologicamente dados à profissão e ao profissional, *mas no enrijecimento, na destruição da potência crítica capaz de forcejar negativamente (criticamente) o imediatamente e positivamente dado<sup>4</sup>*. (SILVA, 2013, p. 129).

Buscaremos também, evidenciar a crise de hegemonia do atual Projeto Ético-Político profissional, a aproximação desse projeto com a teoria social de Marx e todas as repercussões que resvalam no Serviço Social, derivadas da

---

<sup>3</sup> SANTOS, A. G dos. Iniciação Científica: A “virada” do Serviço Social Brasileiro: Ainda uma “Intenção de Ruptura”?, 2015.

<sup>4</sup> Grifos de Silva.

mercantilização da educação, da formação generalista, da má articulação de teoria e prática, do entendimento do que é o Serviço Social e sua luta por direitos sociais, o academicismo “crítico”, o parco trabalho de base das entidades da categoria, o ontológico limite de uma prática profissional para a manutenção da ordem.

Trataremos de problematizar os espaços de grande articulação política da profissão, frequentados, na maioria, por pequenos grupos acadêmicos, destacando que tais espaços não contemplam a maioria dos Assistentes Sociais, principalmente, com valores exorbitantes da taxa de inscrição e outros custos dos eventos, em locais turísticos, que tornam estreitas as condições de manter-se no evento, onde temos uma direção político-representativa distante da base da comunidade profissional.

Delimitaremos o tema com base nos trabalhos realizados em torno do processo histórico e de lutas de classes e do movimento de Reconceituação do Serviço Social brasileiro e suas expressões. Recorreremos à obra de Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Marx, Engels, Pachukanis, Weber entre outros, e no lado do Serviço Social, a obra de José Paulo Netto, as contribuições de José Fernando Siqueira da Silva, Marilda Yamamoto, dentre outros.

Demarcaremos a sociabilidade burguesa, a qual é o chão histórico da gênese do Serviço Social brasileiro e a inserção do “pensamento de Marx” nessa profissão, onde temos um debate muito polêmico no âmbito do Serviço Social, mas altamente necessário para a compreensão da profissão, com seus avanços e limites.

O surgimento do Serviço Social como profissão institucionalizada e legitimada legalmente, se dá no desenvolvimento do período de capitalismo monopolista, imperialista. É nesse contexto, que o *Pauperismo* se robustece, surgindo intervenções religiosas com doutrina social de viés positivista, conceituadas em Encíclicas Papais, no pensamento de Tomás de Aquino advindo de interpretações Bíblicas, sobre a “superioridade da Caridade”, como um bem maior. Surge também, a ingerência estatal determinada pelo mercado para controlar os pauperizados, manter a ordem vigente da propriedade privada e administrar a pobreza.

Abre-se, uma possibilidade para a profissão se rever na década de 1960, em tempos em que a autocracia burguesa não mede esforços para manter-se no poder, com controles antinacionais e antidemocráticos, inviabilizando manifestações e movimentos populares. Um momento que obriga a profissão a se renovar, no chamado período de “Reconceituação”, gerida com fortes traços conservadores e forças contrárias às mudanças, que buscou lograr espaços que buscassem rever posições, mas é somente no sétimo e oitavo decênios do século XX, que vêm a público posições com claras intenções de ruptura das práticas passadas. Tendo sua gênese em Minas Gerais, essas práticas progressistas não surgiram aleatoriamente em Minas, pois era um estado de elites reacionárias e com fortes mobilizações contra-hegemônicas. Mas cabe destacar, que a influência do pensamento de Marx no Serviço Social difundido no Método de Belo Horizonte – BH, entra na profissão com fortes banalizações, o que faz parte da aproximação ao marxismo pela esquerda internacional, que insere Marx a partir da Internacional Socialista, mais conhecida como Segunda Internacional, propagando um marxismo de manual, de determinismo econômico: “marxismo sem Marx, pela arte da tesoura” (NETTO, 2009b<sup>5</sup>), simplificando conceitos centrais do pensamento de Marx, tais como Dialética Materialista, Totalidade e Teoria do Valor do Trabalho. Com isso, a perspectiva da revolução marxista, aparece, como tarefa de uma profissão, confundida com movimento social, militância, partido político e ação revolucionária.

Um movimento do desenvolvimento profissional interrompido por mais uma ditadura que se instaura no Brasil, a Ditadura Militar de 1964, que deu seu golpe decisivo com o Ato Institucional nº 5, AI-5, em 1968.

O Serviço Social vira a década de 1970 a partir do Congresso da “Virada” de 1979, o terceiro Congresso Brasileiro de Assistente Social - CBAS, ocorrido em São Paulo, como um evento divisor de águas, propiciando muitas conquistas, consolidando um legado social e profissional. Mas logo se gesta no Brasil, a estratégia neoliberal de gestão do modo de produção do capital, que

---

<sup>5</sup> Prólogo de José Paulo Netto à edição brasileira do texto de Marx: Para a questão judaica, editora Expressão Popular, 2009b.

se assenta em um modelo flexível, fragmentado e com destruição de conquistas sociais.

Entendemos que pela abrangência do tema, devemos analisar as determinações sócio-históricas no âmbito do Serviço Social e seu surgimento na sociabilidade do capitalismo.

A pesquisa teórica, incidirá sobre diversos textos que tratam do tema em questão, com elementos para pensar a profissão e a sociedade em que ela se gesta, recorrendo-se também ao acesso a sites institucionais para levantamento de dados que subsidiem qualitativa e quantitativamente a abordagem do tema.

Nesse projeto buscaremos aprofundar o debate colocado para o Serviço Social brasileiro acerca do processo de “*Intenção de Ruptura*”, a partir do movimento de Reconceituação do Serviço Social Latino Americano que se iniciou nos anos 60, questionando a atuação do Serviço Social “tradicional”, buscando uma nova ação profissional, contextualizando como se deu esse marco histórico para a profissão.

Outro passo é explanar como aquele momento histórico da sociedade brasileira propiciou aos Assistentes Sociais comprometidos com as lutas sociais da classe trabalhadora se articularem e tomarem posição no chamado “Congresso da Virada<sup>6</sup>” de 1979, para construir uma profissão com outro posicionamento teórico-político, com um direcionamento social de classe, da classe trabalhadora. Cabe lembrar que essa classe possui gênero e cor. Contudo, a “Virada” do Serviço Social precisa lidar com as dificuldades colocadas para um novo fazer profissional. Cabe destacar o contexto que favoreceu esse marco para a categoria, a “vitória” em face do conservadorismo hegemônico na profissão.

As disputas no âmbito da categoria profissional lograram derrubar as direções conservadoras das entidades da categoria, tomando a direção representativo-político assumida por profissionais dispostos a darem um novo rumo à profissão.

---

<sup>6</sup> Refiro – me ao III CBAS – Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais realizado no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, setembro de 1979 e que representou uma “virada” na trajetória do Serviço Social Brasileiro, constituindo – se em um dos marcos da “Intenção de Ruptura” com o legado conservador na área acadêmica e profissional do Serviço Social.

Trata - se de, pontuar os marcos históricos na sociedade no momento da “virada” do Serviço Social, analisar no momento atual, o avanço das posturas conservadoras na sociedade que resvalam na atuação profissional, a elitização e o academicismo “crítico”. Onde se percebe de modo mais evidente, uma ação profissional crítica mais “consolidada”, nas universidades e ainda, pontuar as entidades político-representativas da profissão e o seu marco elitista da gênese aos tempos atuais.

O processo de “rompimento” com o conservadorismo no Serviço Social do século XX caracterizou-se em uma época favorável para a profissão lutar ao lado da classe trabalhadora, a partir de uma perspectiva política crítica, que depositou esperança, emergindo uma categoria inserida na luta, ao lado do povo explorado, visualizando um futuro promissor para a profissão. Contudo, com o passar dos anos, essa luta vem se exaurindo, com profissionais de Serviço Social realizando práticas semelhantes às do período do surgimento da profissão no Brasil, com atuações conservadoras, executando a meritocracia da pobreza, realizando de modo ingênuo ou por ideologia a manutenção de todas as formas de exploração inseridas pelo Capitalismo. Pois, embora os profissionais de Serviço Social façam parte e tenham um Projeto Ético-Político considerado hegemônico a partir de uma perspectiva de direção social da profissão determinado pelos órgãos da categoria legalmente legitimados, ademais, os profissionais fazem parte de um macro contexto, que os coloca e os limita à uma atuação conservadora. O profissional reflete a estrutura que ele ocupa, é permeado pelas condições sociais em que está inserido em um dado momento histórico. Onde o processo acadêmico dos futuros profissionais está condicionado à uma formação restrita, enquadrada, burguesa.

Buscaremos destacar a herança conservadora antes da “virada”, ainda muito presente e bem latente, indicando que o Serviço Social permanece tão conservador quanto antes. O que difere do passado é o momento histórico que vivemos. Pois, mesmo com as transformações e lutas de suma importância travadas pela profissão, no limite, ela é uma profissão institucionalizada como qualquer outra e sua atuação possui diversos limites que podem ser suplantados ou não, dependendo do momento histórico em curso e que a real mudança social, virá não de uma profissão, que pode contribuir, mas das ruas,

dos movimentos sociais, da micro e macro política, em suma, da classe trabalhadora que vai além de uma profissão.

Cabe perpassar o desenvolvimento das últimas três décadas da profissão, sua maturidade intelectual e normativa, a dimensão política das entidades representativas do Serviço Social na trincheira da luta contra o capitalismo.

Pretendemos demonstrar o quanto a direção profissional está distante dos profissionais da ponta, difundindo espaços profissionais de formação e articulações políticas voltadas a um determinado grupo específico, sob o viés acadêmico, marginalizando um grupo majoritário de profissionais.

A análise das tendências do Serviço Social brasileiro será precedida de um breve estudo sobre as classes sociais a partir das obras de Marx e de Weber principalmente. A partir desse estudo, serão levantadas as tendências, expressões e movimentos das classes sociais no Brasil contemporâneo, de modo a situar o contexto histórico em que se processam as tensões e contradições do Serviço Social que, interpelado pela “Intenção de ruptura”, segue debatendo-se nas tramas e armadilhas de um conservadorismo renitente.

Com isso, analisaremos as manifestações sociais de classe, para buscar demarcar o alcance da atuação de uma categoria profissional, inscrita em um dado período histórico, com limites institucionais, burocratizantes e genéticos, cabendo a real mudança social aos sujeitos inseridos nas classes sociais, pois o papel de qualquer profissão é atender ao seu fazer profissional circunscrito institucionalmente, ainda que sob uma perspectiva de crítica e de insurgência em face da ordem burguesa.

## CAPITULO I - AS CLASSES SOCIAIS E AS LUTAS DE CLASSES NO CAPITALISMO

*Isso vale até hoje, nossa época não é nem a primeira nem a última que coloca a esperança à prova. Então, mais do que desesperar ou renunciar, ou seja, do que negar, vamos tentar compreender, lutar, refletir e resistir. (Rosa Luxemburgo).*

Não pretendemos aqui, elaborar uma pesquisa detalhada sobre o conceito de Classe Social, já muito estudado<sup>7</sup>. Mas sim, trazer uma breve abordagem sobre o pensamento, sobretudo, de Marx e Weber. Trazer seu desenvolvimento histórico, contradições e como a classe social se define na contemporaneidade.

A própria burguesia só se desenvolve paulatinamente dentro de suas condições; ramifica-se por sua vez, em diferentes frações, de acordo com a divisão do trabalho, e acaba por absorver em si todas as classes possuidoras preexistentes (ao mesmo tempo em que transforma numa nova classe – o proletariado – a maioria da classe não possuidora que existia anteriormente e uma parte das classes até então possuidoras), na medida em que toda a propriedade é transformada em capital comercial ou industrial. (MARX; ENGELS. 1987, p, 83-84)

Cabe demarcar o surgimento das classes antagônicas, onde se percebe claramente a luta entre as classes sociais<sup>8</sup>.

É no século XIX que surgem diversas revoluções, que fecham o ciclo da revolução burguesa. Ocorre a revolução liberal de 1820, a partir da Confederação Germânica, derrotada pelo absolutismo, mas vitoriosa em alguns países. Suas forças antagônicas, que de um lado, buscavam a conservação,

---

<sup>7</sup> Cito aqui, apenas alguns de seus expoentes clássicos e outros contemporâneos: Adam Smith, Saint-Simon, Proudhon, Karl Marx, Friedrich Engels, Max Weber, Vladimir Ilitch Lenin, Antônio Gramsci, Rosa Luxemburgo, Leon Trotsky, Georg Lukács, Eric Hobsbawm, Nicos Poulantzas, Thomas Burton Bottomore, Florestan Fernandes, Erik Olin Wright, Sérgio Lessa, Ivete Simionatto, Maria Lúcia Duriguetto, Ricardo Antunes.

<sup>8</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: V de Vingança – 2006 lançado no Brasil, Diretor James McTeigue; Elysium – 2013 lançado do Brasil, Diretor Neill Blomkamp; Jimmys hall – 2015 lançado no Brasil, Diretor Ken Loach; Que horas ela volta? – 2015, Diretora Anna Muylaert; Pão e Rosas – 2000 lançado no Brasil, Diretor Ken Loach; Crash no limite – 2004 lançado no Brasil, Diretor Paul Haggis; Pro Dia Nascer Feliz – 2005, Diretor João Jardim; Entre os muros da Escola – 2008, Diretor Laurent Cantet.

afim de manter os traços absolutistas com a santa aliança, e de outro, o movimento transformador que alcançou a vitória burguesa contra o absolutismo.

Em 1830, explodem outros movimentos revolucionários opostos à ordem da nobreza em diversos países, de um lado um grupo que buscava a conservação do status quo, contra outro que buscava o rompimento do jugo absolutista. Na França, ocorre a revolução de julho de 1830, conhecida como os três dias gloriosos<sup>9</sup>, em que a burguesia se levanta contra o Rei Francês Carlos X, e derruba esse último rei, reverberando em manifestações em outros países, inclusive no Brasil, quase um século depois contra o imperador Dom Pedro I.

Mas é na chamada Primavera dos Povos de 1848<sup>10</sup>, com o fim do ciclo heroico da burguesia, que: “O Véu que encobria a república foi rasgado”. (MARX. 2012b, p, 62). Como define o prólogo de José Paulo Netto no Manifesto do Partido Comunista publicado pela editora Cortez:

Trata-se, em suma, do coroamento da constituição da ordem societária comandada pelo movimento do capital, redefinindo radicalmente as relações sociais e de classes. [...] as - demandas populares tornaram-se incompatíveis com a direção de classe burguesa. 1848, numa palavra, explicita, em nível histórico-universal, a ruptura do bloco histórico que derruiu a ordem feudal: trouxe à consciência social o ineliminável antagonismo entre capital e trabalho, burguesia e proletariado. (1998, p, XVIII, XIX).

Surge então, um novo contexto, em que além do nacionalismo e liberalismo presente nas revoluções anteriores, mostra-se uma nova força, a força socialista. O surgimento do proletariado como sujeito revolucionário histórico, que carrega o futuro nas mãos até nossos dias, reiterando a contradição do sistema capitalista e a necessidade histórica de irromper outra sociabilidade.

---

<sup>9</sup> Nome dado aos acontecimentos dos dias 27, 28 e 29 de Julho de 1830. Onde o povo de Paris encabeçado pela burguesia liberal realizou diversos levantes contra Carlos X, fazendo-o renunciar ao trono, onde estava desde 1824.

<sup>10</sup> Filme recomendado referente ao tema: Os Miseráveis – 2013 lançado no Brasil, Diretor Tom Hooper.

Pois a revolução que eclodiu nos primeiros meses de 1848 não foi uma revolução social simplesmente no sentido de que envolveu e mobilizou todas as classes. Foi, no sentido literal, o insurgimento dos trabalhadores pobres nas cidades – especialmente nas capitais – da Europa ocidental e central. Foi unicamente a sua força que fez cair os antigos regimes desde Palermo até fronteiras da Rússia. Quando a poeira se assentou sobre ruínas, os trabalhadores – na França, de fato, os trabalhadores socialistas – eram vistos de pé sobre elas, exigindo não só pão e emprego, mas também uma nova sociedade e um novo Estado. (HOBSBAWM, 2010, P. 477 - 478).

Na França, cai o Rei Luís Felipe de Orleans, que já era bem próximo da nascente burguesia revolucionária, e é proclamada a 2ª República com Luís Napoleão Bonaparte, “Napoleão, o pequeno”, segundo Victor Hugo, ou como Marx, (2011, p, 18) o descreveu:

Victor Hugo se limita a invectivas amargas e espirituosas contra o responsável pela deflagração do golpe de Estado. O acontecimento propriamente dito parece ser, para ele, como um raio vindo do céu sem nuvens. Ele vê no golpe apenas um ato de poder de um indivíduo isolado. Não se dá conta de que engradece esse indivíduo, em vez de diminuí-lo, atribuindo-lhe uma capacidade de iniciativa pessoal que seria ímpar na história mundial. [...] Em contrapartida, eu demonstro como a luta de classes na França criou circunstâncias e condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco desempenhar o papel de herói.

Rebeliões se espalham em diversos países, com um ideário nacionalista na luta contra os dominadores absolutistas, gestando o proletariado como sujeito revolucionário contra os opressores. Irromperam-se levantes contra a pobreza espantosa que se mostrava escancaradamente, ao mesmo tempo, que se desenvolvia e consolidava o modo de produção capitalista industrial<sup>11</sup>, demonstrando seu caráter contraditório na reprodução das relações sociais: “Ninguém podia negar que havia uma pobreza espantosa. Muitos sustentavam

---

<sup>11</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: *Germinal* – 1993, Diretor Claude Berri; *Tempos Modernos* – 1936, Diretor Charlie Chaplin; *Oliver Twist* – 2005 lançado no Brasil, Diretor Roman Polanski; *Daens – Um grito de justiça* – 1992, Diretor Stijn Coninx; *A modernidade chega a vapor* – 2002, Direção Ministério da Educação; *A Classe Operária vai ao Paraíso* – 1971, Diretor Elio Petri; *A carga da brigada ligeira* – 1936, Diretor Michael Curtiz; *A corrida do século* – 1965 lançado no Brasil, Diretor Blake Edwards; *Pelle, o Conquistador* – 1987, Diretor Bille August; *Vidas marcadas* – 1942, Diretor Daniel Tinayre.

que estava mesmo aumentando e se aprofundando”. (HOBSBAWM, op. cit., p. 467).

Foi no século XIX que o modo de produção capitalista começou a mostrar sua verdadeira fase exploratória, sem véus, e que não seria capaz de acabar com as desigualdades sociais, pelo contrário, iria expandi-las:

De fato, o que se seguiu não foi a falência do capitalismo, mas sim seu mais rápido período de expansão e vitória. Ainda assim, nas décadas de 1830 e 1840, era pouco evidente que a nova economia poderia ou buscaria superar suas dificuldades, que pareciam aumentar com seu poder para produzir quantidades cada vez maiores de mercadorias através de métodos cada vez mais revolucionários. (HOBSBAWM, op. cit., 2010, p. 476).

Surgem grandes períodos de contradições, rupturas e continuidades, onde surge de maneira evidente o antagonismo de classes, de luta de classes entre a burguesia e o proletariado, como dois polos incompatíveis.

A burguesia adquiriu um papel revolucionário na tomada de poder contra a nobreza e se constituiu como classe hegemônica, no modo de desenvolvimento do capitalismo chamado de “Via Clássica”.

A luta da burguesia contra a nobreza feudal é a luta da cidade contra o campo, da indústria contra a posse fundiária, da economia do dinheiro contra a economia natural, e as armas decisivas dos burgueses nessa luta foram meios econômicos de poder que cresceram continuamente mediante o desenvolvimento da indústria, começando do artesanato e mais tarde avançando até a manufatura, e mediante a expansão do comércio. [...], porém, no momento em que a burguesia, que ainda era politicamente impotente, começou a se tornar perigosa em virtude de seu crescente poder econômico, a realeza voltou a aliar-se à nobreza e, desse modo, provocou primeiro na Inglaterra e depois na França, a revolução da burguesia. (ENGELS, 2015, p, 193).

A chamada “Via Clássica” de desenvolvimento capitalista, ocorre com a guerra civil na Inglaterra do século XVII, a revolução inglesa, primeira revolução burguesa em ascensão que iniciou em 1640, com a “crise” do sistema da era moderna, o absolutismo. Na Inglaterra, esse processo que deu base para a revolução industrial dois séculos depois e o avanço do capitalismo, se inicia em

1640, passando pela Revolução de Cromwell – Revolução Puritana, nome dado devido a um dos principais líderes do movimento, o militar político inglês Oliver Cromwell e culmina com a Revolução Gloriosa de 1688, que destituiu o rei Jaime II<sup>12</sup>. Abrindo um novo período da história ocidental, principalmente, a revolução no século XVIII, a revolução da França, em 1789, outra guerra contra o absolutismo, onde surgem de maneira mais clara, as primeiras formas da classe burguesa nascente como revolucionária. Esses movimentos liderados pela burguesia revolucionária, que se conserva quando alcança o poder, representam transformações sociais abruptas, um modo revolucionário de tomada de poder pela burguesia, com apoio das massas contra a nobreza, onde, sobretudo, a revolução francesa de massa é a mais radical até então vivida<sup>13</sup>:

No ano de 1789, quando a burguesia se insurgiu, faltava-lhe, para ser livre, apenas a participação no governo do país. A sua libertação consistia em tirar a condução das questões públicas, as mais altas funções civis, militares e religiosas das mãos dos privilegiados, que detinham o monopólio dessas funções. Sendo rica e esclarecida, capaz de bastar a si mesma e conduzir a si mesma, ela quis subtrair-se ao regime arbitrário. (CHERVALIER, *apud*. MARX. 2010c, p, 48).

Para o desenvolvimento do capitalismo, era necessária a retirada do poder centralizador da igreja católica tradicional, deslocando o eixo da salvação, mudando a ideia de Fé<sup>14</sup>, que passa a ser entendida como forma única para o encontro com Deus, não precisava mais de obras e nem viver em mosteiros enclausurados. Esse foi um passo importante, mas não único e nem determinante para o rompimento do sistema Feudal e surgimento do

---

<sup>12</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Morte ao rei – 2003, Diretor Mike Barker; Cromwell – o chanceler de ferro – 1970, Diretor Ken Hughes; A letra escarlata – 1995, Diretor Roland Joffé.

<sup>13</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Casanova e a Revolução - La nuit de Verennes – 1982, Diretor Ettore Scola; Danton – 1983, Diretor Andrzej Wajda; La Revolution Française – 1989, Diretores Robert Enrico e Richard T. Heffron; Maria Antonieta – 2006, Diretora Sofia Coppola; A queda da Bastilha – 1935, Diretores Jack Conway e Robert Z. Leonard; O Pimpinela Escarlata – 1982, Diretor Clive Donner; Scaramouche – 1952 lançado no Brasil, Diretor George Sidney; Mercenários num reino em chamas – 1970, Diretor Bud Yorkin; A Marselhesa – 1938, Diretor Jean Renoir.

<sup>14</sup> Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-los? [...]. Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta. (TIAGO. 2:14, 17). Bíblia de Jerusalém, editora Paulus, 2006.

Capitalismo.

Pois, foi a reforma protestante<sup>15</sup> de Martinho Lutero no século XVI, que rompeu com o tradicionalismo do catolicismo e que adquiriu maior expansão com João Calvino em meados do mesmo século, pois: “onde Lutero falhou, triunfou Calvino”. (ENGELS. 1974, p, 24). Esse foi um dos muitos acontecimentos que contribuíram também, para o surgimento do capitalismo, como mostra Weber<sup>16</sup>, mas que não é um determinante, e sim, uma das diversas causas. De certa forma, essa ideia já está presente na obra do próprio Engels:

Apenas mencionei dois pontos em que a burguesia em expansão tinha fatalmente que entrar em choque com a religião estabelecida. Isso, porém é suficiente para demonstrar: primeiro, que a classe mais diretamente interessada na luta contra a posição de força da Igreja Católica era a burguesia; segundo, que toda a luta contra o feudalismo devia na época, revestir-se de uma roupagem religiosa e ser dirigida em primeiro lugar contra a igreja. (ENGELS. 1974, p, 23).

Pois a religião está na centralidade da consciência moral humana:

A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu ponto de honra espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. [...] A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. (MARX, 2013a, p, 151).

Para Marx, o processo histórico da gênese do capitalismo mercantilista está na necessidade da expansão da produção, descoberta de novas terras

---

<sup>15</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Henrique VI – o grande Rei da França – 2010, Diretor Jo Baier; Elizabeth – a era de ouro – 2007, Diretor Shekhar Kapur; A Rainha Margot – 1994 lançado no Brasil, Diretor Patrice Chéreau; Elizabeth – 1999 lançado no Brasil, Diretor Shekhar Kapur; Lutero – 2004 lançado no Brasil, Diretor Eric Till; A outra – 2008, Diretor Justin Chadwick; Martinho Lutero – Uma viagem ao coração da reforma – 2010, Diretor James McClland; O incrível exército de Brancaleone – 1966, Diretor Mario Monicelli.

<sup>16</sup> Ver tese de Weber em: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Editora Companhia das letras, 2004b, edição do weberiano Antônio Flávio Pierucci, mas que retirou dessa edição a introdução feita por Weber que consta nas publicações da editora Pioneira.

para propalação do poder e descobrimento de novas matérias primas. Onde as forças materiais do feudalismo estavam por se esgotar, emergindo um novo modo de sociabilidade, o modo de produção capitalista. Erguendo-se, no fim da idade média: Embora os primórdios da produção capitalista já se apresentem esporadicamente, nos séculos XIV e XV, em algumas cidades do Mediterrâneo, a era capitalista só tem início no século XVI. (MARX, 2013b, p. 787).

As primeiras manifestações antagônicas do proletariado junto à burguesia, são as revoltas dos tecelões de seda da cidade de Lyon, na França. Nos anos de 1831 e 1834, se configuraram as primeiras revoltas autônomas dos trabalhadores, sendo os primeiros levantes contra a burguesia, os primeiros movimentos dos trabalhadores enquanto classe trabalhadora em oposição aos capitalistas: As primeiras rebeliões do proletariado francês. Os trabalhadores de Lyon acreditavam estar perseguindo apenas propósitos políticos, pensavam ser apenas soldados da república, quando, na verdade, eram soldados do socialismo. (MARX, 2010c, p. 48 - 49).

Na década seguinte, ocorrem as revoltas dos tecelões da Silésia<sup>17</sup>, em 1844, insurgem revoltas contra os exploradores e sua política de redução de salários e, no mesmo ano, os trabalhadores têxteis da capital de Praga e de outras indústrias da Boêmia, tomaram as fabricas e destruíram as máquinas.

O surgimento do proletariado como classe em si ocorre com a emergência do capitalismo, pois até então, não existia organização social desenvolvida em classes antagônicas como na era capitalista, pois é no pleno desenvolvimento desse modo societal que surge a oposição política entre as

---

<sup>17</sup> “Heine exilado em Paris, cria amizade com Marx, que influencia o poeta mais incisivamente ao engajamento político contra a opressão” (MARX, 2010). “Fazendo referência ao pano de cadáver – a mortalha do poema grego: A Odisseia de Homero do século VIII A. C, onde Penélope tece a mortalha durante o dia para o seu marido Ulisses - rei de Ítaca, que acreditavam, exceto ela, que não voltaria mais da guerra de Troia. (ODISSEIA I TELEMAQUIA. CANTO 2, 2016, p, 43: 95 – 108). Publicação bilíngue em três volumes editora L&PM Pocket. Heine faz um poema para brindar a revolta dos tecelões, pois, esses trabalhadores preparavam a vitória contra a opressão Alemã: “Nos olhos sombrios nenhuma lágrima, sentados ao tear, eles rangem os dentes: Alemanha, tecemos tua mortalha, tecemos nela a tripla maldição – tecemos, tecemos! Maldição sobre o Deus ao qual rezamos no frio do inverno e passando fome. Esperamos e persistimos em vão – Ele nos iludiu, nos tapeou, zombou de nós – tecemos, tecemos! Maldição sobre o rei, o rei dos ricos, que da nossa miséria não se condeou, que de nós extorque até o último vintém, e como a cães nos manda fuzilar – Tecemos, tecemos! Maldição sobre o falso solo pátrio, onde só viçam humilhação e vergonha, onde cada flor bem cedo é vergada, onde podridão e mofo deleitam os vermes – Tecemos, tecemos! Voa a lançadeira, range o tear. Tecemos sem parar, dia e noite – Velha Alemanha, tecemos tua mortalha, tecemos nela a tripla maldição – Tecemos, tecemos!” (Poeta Alemão Heinrich Heine – 1844, apud, MARX, 2010).

classes:

Apenas os países ocidentais, após o aparecimento do Capitalismo, apresentam todos os caracteres típicos. [...] As classes são concebidas como estruturas sociais que existem dentro de unidades mais amplas, articuladas a outras estruturas do mesmo tipo. (FERNANDES, 1960, 71,73).

É também, no século XIX, em 1857, em uma indústria têxtil dos Estados Unidos - Nova Iorque, que ocorrem, liderada por mulheres<sup>18</sup>, manifestações que visavam igualdade dos direitos trabalhistas. Contudo, foram violentamente reprimidas pelas forças policiais. No início do século seguinte, ainda em Nova Iorque, mulheres fizeram um ato para lembrar a manifestação de 1857 e lutar pelo direito ao voto, mas também, foram reprimidas pela polícia. Anos seguintes, em 1911, na mesma cidade, dezenas de mulheres foram assassinadas com um incêndio em uma fábrica têxtil, devido às áreas insalubres em que realizavam o trabalho e a que estavam submetidas. Acontecimentos que contribuirão para o surgimento de diversos levantes pelo mundo, pela igualdade de direito para as mulheres<sup>19</sup>.

Surgem períodos de contradições, rupturas e continuidades, onde emana a forma de classes, de luta de classes entre a burguesia e o proletariado, como dois polos antagônicos, onde a burguesia adquire um papel revolucionário na tomada do poder contra a nobreza e se constitui como classe hegemônica na “Via Clássica”.

A luta da burguesia contra a nobreza feudal é a luta da cidade contra o campo, da indústria contra a posse fundiária, da

---

<sup>18</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: As sufragistas – 2015 lançado no Brasil, Diretora Sarah Gavron; Frida – 2002, Diretora Julie Taymor; Erin Brockovich – Uma mulher de talento – 2000 lançado no Brasil, Diretor Steven Soderbergh; Tomates verdes fritos – 1992 lançado no Brasil, Diretor Jon Avnet; Uma mulher descasada – 1978, Diretor Paul Mazursky; A cor púrpura – 1986 lançado no Brasil, Diretor Steven Spielberg; Tudo sobre minha mãe – 1999 lançado no Brasil, Diretor Pedro Almodóvar; Anjos Rebeldes – 1995, Diretor Gregory Widen; O sorriso de Mona Lisa – 2003, Diretor Mike Newell; Olmo e a Gaivota – 2014, Diretoras Petra Costa e Lea Glob; Livre – 2015 lançado no Brasil, Diretor Jean-Marc Vallée; Terra fria – 2005, Diretora Niki Caro; Que bom te ver viva – 1989, Diretora Lúcia Murat; O silêncio das inocentes – 2010, Diretora Iqee Gazzola; As horas – 2003 lançado no Brasil, Diretor Stephen Daldry; Simone de Beauvoir uma mulher atual – 2008, Diretor Dominique Gros; Assim que abro meus olhos – 2017 lançado no Brasil, Diretora Leyla Bouzid; Cidade do silêncio – 2006, Diretor Gregory Nava; Em nome de Deus – 2004 lançado no Brasil, Diretor Peter Mullan.

<sup>19</sup> É desses acontecimentos que deriva o Dia Internacional da Mulher, comemorado todo ano, no dia 8 de março, mas convertido em uma data comercial.

economia do dinheiro contra a economia natural, e as armas decisivas dos burgueses nessa luta foram meios econômicos de poder que cresceram continuamente mediante o desenvolvimento da indústria, começando do artesanato e mais tarde avançando até a manufatura, e mediante a expansão do comércio. [...], porém, no momento em que a burguesia, que ainda era politicamente impotente, começou a se tornar perigosa em virtude de seu crescente poder econômico, a realeza voltou a aliar-se à nobreza e, desse modo, provocou primeiro na Inglaterra e depois na França, a revolução da burguesia. (ENGELS, 2015, p, 193).

## 1.1 A CATEGORIA CLASSE SOCIAL.

Com o exposto acima, pretendemos nos posicionar ao lado da tese Marxiana, que define as classes sociais como categorias históricas, transitórias e que somente aparecem em cena de modo antagônico, no modo de produção vigente, pois: a estrutura de classes é um fenômeno histórico-social determinado pela produção capitalista moderna. (HIRANO. 2002, p, 127).

As classes sociais constituem certos níveis de estruturas sociais, de camadas, das quais, o Estado faz parte. O conflito entre as duas principais classes antagônicas, onde se coloca um poder que aparenta, mas só aparenta, estar acima da sociedade, que lhe é estranho, isso é o Estado, ou como poder absoluto em Hegel (1997, p, 216-217): O Estado é a realidade em ato da ideia moral objetiva, o espírito como vontade substancial revelada [...] nele a liberdade obtém seu valor supremo.

Para Hegel, cabe ao Estado – *Volksggeist*<sup>20</sup> a unidade universalizadora, ao “Espírito Absoluto”, pois, somente o Estado poderia realizar a função que faltaria à “Sociedade Civil burguesa”. Pois, a Sociedade Civil, é o domínio do particularismo, do individualismo, do privatismo, do domínio privado. Onde caberia ao Estado à função racional de estabelecer a universalização:

Percepção objetiva sobre as contradições dialéticas existentes na relação do Estado com a sociedade civil, e nas relações contraditórias da sociedade civil consigo mesma, definidas como o “campo de batalha” dos interesses entre indivíduos privados e das corporações profissionais. [...] O jovem Marx percebe agudamente esse aspecto qualitativo de Hegel e enfatiza exatamente esse elemento, ao ressaltar que Hegel

---

<sup>20</sup> Espírito do povo.

havia pressuposto a separação da sociedade civil do Estado político e, ao mesmo tempo, opôs o interesse em si e para si do Estado ao interesse particular e às necessidades da sociedade civil (MARX, 1987, v I, p. 354 et seq) [...] Nesse sentido a solução de práxis proposta por Hegel ainda está vinculada à noção teísta de que a razão humana evolui como parte da própria evolução da Razão Universal. Daí a noção do Estado como manifestação encarnada do Espírito. (MAZZEO, 2015b, p. 37-38).

Esse Estado moderno contemporâneo do ocidente capitalista, é fundamental para o funcionamento de um determinado modo de produção, com um determinado sistema jurídico-político, ou seja, de uma dominação política de classe, a dominação da sociedade do capital:

O Estado não é pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro; tampouco é “a realidade da ideia moral”, nem “a imagem e a realidade da razão”, com afirma Hegel. É antes um produto da sociedade, [...] é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar. [...] o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado. (ENGELS, 2010, p. 213, 216).

A essência do Estado é burguesa, ele reproduz o conteúdo jurídico e político, necessitando traçar sua determinação para além do aparato ideológico legal e cristão na sociedade, pautado pelo mercado, pela mercadoria, pois: “O Estado não é apenas uma forma ideológica, ele é, ao mesmo tempo, uma forma de ser social”. (PACHUKANIS, 2017, p. 89):

A dominação de classe, tanto em sua forma organizada quanto em sua forma não organizada, é consideravelmente mais ampla que o domínio que pode ser designado como domínio oficial do poder do Estado. A dominação burguesa exprime-se, ainda, na dependência do governo em relação a bancos e grupos capitalistas, na dependência de cada trabalhador isolado em relação a seu empregador e no fato de a composição do aparato estatal estar pessoalmente ligada à classe dominante. (PACHUKANIS, p. 142).

Mesmo o Estado Jurídico-Político sendo laico em seu conceito, entretanto, não deixa de ter em seu núcleo ético das leis, a religião, sendo uma

Legislação pautada nos conceitos segundo Tomás de Aquino, conforme o direito canônico, o direito romano, o direito natural místico (SARTORI, 2010).

As relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais da existência, em suas totalidades. [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. (MARX, 2008, p, 47).

Nascemos determinados pelo justo e injusto religioso, dentre a humanidade e com direito à propriedade subjacente, pois:

Como se reconhece o que é justo? Na história, os ordenamentos jurídicos foram quase sempre religiosamente motivados: com base numa referência à Divindade, decide-se aquilo que é justo entre os homens. Ao contrário doutras grandes religiões, o cristianismo nunca impôs ao Estado e à sociedade um direito revelado, nunca impôs um ordenamento jurídico derivado duma revelação. Mas apelou para a natureza e a razão como verdadeiras fontes do direito; apelou para a harmonia entre razão objectiva e subjectiva, mas uma harmonia que pressupõe serem as duas esferas fundadas na Razão criadora de Deus. Neste contacto nasceu a cultura jurídica ocidental, que foi, e é ainda agora, de importância decisiva para a cultura jurídica da humanidade. (PAPA BENTO XVI, 2011<sup>21</sup>).

É no Estado que se materializa a razão, a racionalização da igualdade, onde o Estado regula a sociedade via dispositivo jurídico político. Assim como Weber busca mostrar que no capitalismo moderno do Estado no ocidente predomina a racionalização via lucro.

O Estado racional tem a crença no direito, onde ele dissolve a desigualdade, mas somente no plano abstrato.

As diversas funções do Estado, constituem funções políticas pelo papel global do Estado como fator de coesão de uma formação dividida em classes: e que estas funções correspondem assim aos interesses políticos da classe dominante. (POULANTZAS, 1977, p 52).

---

<sup>21</sup> Parte do Discurso à época do Papa Bento XVI no Parlamento Alemão. Íntegra disponível em: <http://www.arquisp.org.br/vicariatoeducacao/vigario-episcopal/artigos/discurso-papa-bento-xvi-no-parlamento-alemao> Acessado em: 02/08/2017.

A sociedade capitalista/burguesa que se ergue das ruínas do feudalismo, infla os trabalhadores para contribuírem na intenção de quebrar os grilhões da nobreza, mas somente trocou uma opressão pela outra, e não foi capaz de eliminar as desigualdades da vida, e sim, a burguesia passou de oprimida para opressora: “A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas formas de luta no lugar das antigas”. (MARX, 2008, p, 9).

A ideologia<sup>22</sup> dominante da burguesia, busca sempre omitir a base real da história, e com isso, traz uma visão unilateral da história, uma produção da vida descolada do cotidiano. Onde a Hegemonia política do Estado, em disputa de um determinado projeto de classe, em última análise, atua como representante do interesse geral do bloco de poder, onde uma classe detém o papel politicamente dominante particular, um papel hegemônico. Portanto: “toda classe que almeja à conquista do poder tem que se organizar politicamente, universalizando os seus interesses particulares como se fossem os interesses de todos os grupos e de toda a sociedade”. (HIRANO. 2002, p, 164-165).

O Estado em si, concentra ao nível político, a função de representar o interesse geral da burguesia e manter a dominação aos trabalhadores:

Os indivíduos de uma classe dominante, segundo as palavras de Marx, "Fazem valer seus interesses comuns sob a retaguarda do Estado, no qual se condensa toda a sociedade civil<sup>23</sup> de uma época, derivando-se daqui o fato de que todas as

---

<sup>22</sup> Entendida aqui, como falsa consciência. Que não quer dizer errada, e sim, parcial, unilateral, sem os pressupostos históricos concretos. Assim defendida por Marx e Engels na obra - A Ideologia Alemã: “Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. [...] A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre”. (MARX; ENGELS, 1987, p, 57).

<sup>23</sup> Segundo Bobbio; Matteucci; Pasquino, (1986, p. 1206-1210): “A expressão Sociedade civil teve, no curso do pensamento político dos últimos séculos, vários significados sucessivos; o último, o mais corrente na linguagem política de hoje, é profundamente diferente do primeiro e, em certo sentido, é-lhe até oposto. Em sua acepção original, corrente na doutrina política tradicional e, em particular, na doutrina jusnaturalista. Sociedade civil (*societas civilis*) contrapõe-se a "sociedade natural" (*societas naturalis*), sendo sinônimo de "sociedade política" (em correspondência, respectivamente, com a derivação de "civitas" e de "pólis") e, portanto, de "Estado". [...] "Estado de natureza-Estado civil", de Hobbes, que é seu criador, até Kant e seus seguidores, o Estado ou Sociedade civil nasce por contraste com um estado primitivo da humanidade em que o homem vivia sem outras leis senão as naturais. Nasce, portanto, com a instituição de um poder comum que só é capaz de garantir aos indivíduos associados alguns bens fundamentais como a paz, a liberdade, a propriedade, a segurança, que, no Estado

---

natural, são ameaçados seguidamente pela explosão de conflitos, cuja solução é confiada exclusivamente à autotutela. [...] Agora as palavras de Kant: "O homem deve sair do Estado de natureza no qual cada um segue os caprichos da própria fantasia, para unir-se como todos os outros ... e submeter-se a uma pressão externa publicamente legal. . . : quer dizer que cada um deve, antes de qualquer outra coisa, entrar num Estado civil" (Metafísica dos costumes. I. Doutrina do direito, § 44). [...] Para provar a realidade do Estado de natureza, Hobbes mostra, na época presente, o exemplo dos "Americanos" e, em épocas passadas, o de raças "atualmente civilizadas e florescentes, mas antigamente compostas de um número relativamente pequeno de homens ferozes, de vida breve, pobres, sujeitos, com absoluta falta de todos aqueles confortos e requintes que a paz e a sociedade costumam oferecer" {De cive, I, 13). O mesmo autor diz que, "em muitos lugares da América, os selvagens não têm nenhuma forma de Governo, a não ser o Governo de pequenas famílias, cuja concórdia tem como fundamento a concupiscência natural" (Leviathan. cap. XIII). Apoiado em José de Acosta, Locke aceita a informação de que "em muitos lugares da América não havia nenhum Governo" e de que "aqueles homens ... por longo tempo, não tiveram nem rei, nem repúblicas, vivendo, apenas, em bandos". (Segundo tratado, § 102). Através da identificação do Estado de natureza e do Estado selvagem, a Sociedade civil não se contrapõe mais somente à sociedade natural, abstrata e idealmente considerada, mas também à sociedade dos povos primitivos. Assim sendo, a expressão Sociedade civil adquire, neste novo contexto, também o significado de sociedade "civilizada" (onde "civil" não é mais adjetivo de "civitas", mas de "civilitas"). De resto, já Hobbes, [...] Atribui claramente à vida no Estado todas as características que distinguem o viver "civil" (entre as quais "o domínio da razão, a paz, a segurança, a riqueza, a decência, a sociabilidade, o requinte, a ciência e a benevolência"). É importante a distinção entre as duas acepções —"Sociedade civil" como "sociedade política" e "Sociedade civil" como "sociedade civilizada" —porque, enquanto na maior parte dos escritores dos séculos XVII e XVIII, os dois significados se sobrepõem, no sentido de que o Estado se contrapõe conjuntamente ao Estado de natureza e ao Estado selvagem, passando "civil" a significar, ao mesmo tempo, "político" e "civilizado", em Rousseau os dois significados são nitidamente distintos. Quando descreve, na segunda parte do Discurso sobre a origem da desigualdade, a passagem do Estado de natureza ao da "société civile" ("o primeiro que, após haver cercado um terreno, pensou em dizer isto é meu e achou os outros tão ingênuos que acreditaram, foi o verdadeiro fundador da Sociedade civil"), usa a expressão Sociedade civil, não no sentido de sociedade política, mas no sentido exclusivo de "sociedade civilizada" (onde, de resto, "civilização" tem, como se sabe, uma conotação negativa). [...] Por outras palavras, enquanto para Hobbes (e igualmente para Locke) a Sociedade civil é a sociedade política e ao mesmo tempo a sociedade civilizada (civilizada na medida em que é política), a Sociedade civil de Rousseau é a sociedade civilizada, mas não necessariamente ainda a sociedade política, que surgirá do contrato 1208 SOCIEDADE CIVIL social e será uma recuperação do estado de natureza e uma superação da sociedade civil. A Sociedade civil de Rousseau é, do ponto de vista hobbesiano, uma sociedade natural. III. EM HEGEL. — A terceira acepção é aquela que Hegel tomou célebre na sua obra Lineamentos de filosofia do direito. No sistema hegeliano, o espírito objetivo (que segue ao espírito subjetivo e precede o espírito absoluto) é distinto nos três momentos do direito abstrato, da moralidade e da eticidade. A eticidade, por sua vez, é distinta nos três momentos da família, da Sociedade civil e do Estado. Como se vê, a Sociedade civil, nesta sistematização geral das matérias tradicionalmente ligadas à filosofia prática, não coincide mais com o Estado, mas constitui um dos seus momentos preliminares. A Sociedade civil não é mais a família, que é uma sociedade natural e a forma primordial da eticidade, mas também não é ainda o Estado, que a forma mais ampla de eticidade e, como tal, resume em si e supera, negando-as e sublimando-as, as formas precedentes da sociabilidade humana. A Sociedade civil coloca-se entre a forma primitiva e a forma definitiva do espírito objetivo e representa, para Hegel, o momento no qual a unidade familiar, através do surgimento de relações econômicas antagônicas, produzidas pela urgência que o homem tem em satisfazer as próprias necessidades mediante o trabalho, se dissolve nas classes sociais (sistema das necessidades). É então que a luta de classes acha uma primeira mediação na solução pacífica dos conflitos através da instauração da lei e da sua aplicação (administração da justiça). [...] Para fazer compreender que a Sociedade civil possui algumas características do Estado, mas não é ainda Estado, Hegel define-a como "Estado externo" ou "Estado do intelecto". O que falta à Sociedade civil para ser um Estado é a característica da organicidade. A mudança da

---

Sociedade civil em Estado verificasse quando cada uma das partes da sociedade, que nascem da dissolução da família, se unificam num conjunto orgânico. "Se se troca em Estado a Sociedade civil e a sua finalidade é colocada na segurança e na proteção da propriedade e da liberdade pessoal, o interesse do indivíduo como tal é o fim último onde tudo se unifica. Por causa disto, ser componente do Estado pode ser considerado uma opção caprichosa" (§ 258, anotação). [...] Antes de Hegel, uma distinção muito semelhante entre Sociedade civil e Estado havia sido sustentada por August Ludwig Schlözer (1793); com uma referência direta ao mesmo Schlözer, ela foi depois repetida e confirmada por Anselm Feuerbach, que, acolhendo a velha doutrina dos dois pactos constitutivos do Estado, afirmou que, com o primeiro (o *pactum societatis*), os indivíduos dão origem pura e simplesmente à Sociedade civil e, somente com o segundo (o *pacto subiectionis*, ao qual Feuerbach junta um terceiro, o *pactum ordinationis civilis*), conseguem transformar a Sociedade civil em Estado (Antihobbes, 1798, cap. II). IV. EM MARX. — Não é improvável que, ao sujeitar esta terceira maneira de entender a Sociedade civil à crítica das teorias jusnaturalistas, especialmente à teoria de Locke, para o qual o Estado, não sendo outra coisa senão uma associação de proprietários, não pode ser considerado um Estado no sentido pleno da palavra à maneira de Hegel, se haja interposto uma terceira significação de "civil" que, em sua forma alemã, "bürgerlich", significa também "burguês". Na realidade, algumas páginas que Hegel dedicou à Sociedade civil, especialmente as que descrevem o sistema das necessidades, onde, entre outras considerações, achamos o reconhecimento da importância e da novidade da economia política, "ciência que faz honra ao pensamento", constituem representação fiel das relações econômicas entre indivíduos em conflito entre si, características da imagem que a sociedade burguesa tem de si mesma. Foi com Marx que se deu a passagem do significado de Sociedade civil, nas várias acepções até aqui mostradas, ao significado de "sociedade burguesa". [...] deixa claro que, por Sociedade civil, devemos entender "sociedade burguesa". O processo de formação da Sociedade civil-burguesa é, de fato, contraposto ao da sociedade feudal: "A emancipação política foi, ao mesmo tempo, a emancipação da sociedade burguesa da política e da aparência de um conteúdo universal. [...] O trecho canônico desta nova acepção é o do prefácio à Crítica da economia política, em que Marx afirma que, estudando Hegel, ficara convencido de que as instituições políticas e jurídicas tinham suas raízes nas relações materiais da existência, "cujo complexo é englobado por Hegel. . . sob o termo de 'Sociedade civil' ", pelo que "a anatomia da Sociedade civil deve buscar-se na economia política". Não importa que Marx neste trecho tenha dado uma interpretação deformada, ou pelo menos unilateral da Sociedade civil de Hegel, fazendo-a coincidir com a esfera das relações econômicas, enquanto, como já vimos, a Sociedade civil de Hegel é mais extensa e abrange também a regulamentação externa (estatal) dessas relações, sendo, portanto, já uma forma preliminar e, por isso, insuficiente de Estado. O que importa relevar é que, na medida em que Marx faz da Sociedade civil o espaço onde têm lugar as relações econômicas, ou seja, as relações que caracterizam a estrutura de cada sociedade, ou "a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política", a expressão Sociedade civil, que, nos escritores jusnaturalistas, significava, conforme a etimologia, a sociedade política e o Estado, passa a significar (e significará cada vez mais de agora em diante por influência do pensamento marxista) a sociedade pré-estatal; tem, portanto, a mesma função conceptual que tinha, para os escritores jusnaturalistas, o Estado de natureza ou a sociedade natural, que era exatamente a sociedade das relações naturais ou econômicas entre os indivíduos, de cuja insuficiência nascia a necessidade de evoluir para uma fase superior de agregação (de civilização) que seria a sociedade política ou Estado. Pelo exposto verificamos que, ao final deste processo de mudança, ou melhor, de desvios de significado, Sociedade civil acabou por ter um significado oposto àquele que tinha no início do processo. [...] E, o que é mais significativo, o caráter específico da Sociedade civil (burguesa) assim definida é o do Estado de natureza descrito por Hobbes, isto é, a guerra de todos contra todos: "Tudo quanto a Sociedade civil é realmente, esta guerra (do homem contra o homem), de um contra o outro, de todos os indivíduos que se excluem reciprocamente só por causa da sua individualidade, é o universal e desenfreado movimento das forças elementares da vida desligadas dos vínculos dos privilégios." V. EM GRAMSCI. — Gramsci também distingue repetidamente Sociedade civil e Estado. Esta distinção é um dos motivos condutores da análise histórica e política que ele faz, em Cadernos do cárcere, da sociedade burguesa e da evolução da sociedade burguesa para a sociedade socialista. Esta distinção, porém, apesar da identidade da terminologia, não coincide com aquela de Marx. A expressão Sociedade civil

instituições comuns têm como mediador o Estado e adquirem através deste uma forma política. (HIRANO. 2002, p, 81-82).

### 1.1.1 Marx e as classes sociais

Em Marx, não encontramos um estudo pormenorizado das classes sociais, mas sim, parcelas da sua teorização sobre o conceito em toda sua trajetória intelectual, pois, até mesmo, como disse Lenin: “Marx nos deu a lógica do capital”. As classes sociais para Marx, se definem pela inserção no processo de produção, surgido no modo de produção capitalista, da propriedade privada, da divisão sócio-técnica do trabalho, no trabalho livre

---

adquire assim, na obra mais madura de Gramsci, um quinto significado. Ele afirma: "Podem-se por enquanto fixar dois grandes planos superestruturais, o que se pode chamar da Sociedade civil, ou seja, do conjunto de organismos vulgarmente denominados privados, e o da sociedade política ou Estado, que correspondem à função de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade, e ao do domínio direto ou de comando que se expressa no Estado ou no Governo jurídico." Desta passagem e de outras análogas que poderíamos citar, se deduz claramente que, ao contrário de Marx, para quem a Sociedade civil compreende a esfera de relações econômicas e, portanto, pertence à estrutura, Gramsci entende por Sociedade civil apenas um momento da superestrutura, particularmente o momento da hegemonia, que se distingue do momento do puro domínio como momento da direção espiritual e cultural que acompanha e integra de fato nas classes efetivamente dominantes, e que deve acompanhar e integrar nas classes que tendem ao domínio, o momento da pura força. Parafrazeando o que foi dito por Marx, poderíamos afirmar, para bem acentuar a distinção, que a Sociedade civil compreende, segundo Gramsci, não já "todo o complexo das relações materiais", mas todo o complexo das relações ideológico-culturais. [...] O relevo dado por Gramsci ao elemento da hegemonia não significa que ele tenha abandonado a tese marxista da prioridade da estrutura econômica; mostra, quando muito, que ele quis distinguir com mais força, no conjunto dos elementos superestruturais, o momento da formação e da transmissão dos valores (hoje poderíamos dizer da "socialização") do momento mais propriamente político da coação. Na história dos vários significados de Sociedade civil o que importa essencialmente notar é que Gramsci, chamando Sociedade civil ao momento da elaboração das ideologias e das técnicas do consenso, a que deu particular relevo, modificou o significado marxista da expressão, voltando parcialmente ao significado tradicional, segundo o qual a Sociedade civil, sendo sinônima de "Estado", pertence, segundo Marx, não à estrutura, mas à superestrutura. Em suma, Gramsci serviu-se da expressão Sociedade civil, não para contrapor a estrutura à superestrutura, mas para distinguir melhor do que o haviam feito os marxistas precedentes, no âmbito da superestrutura, o momento da direção cultural do momento do domínio político. VI. NA LINGUAGEM DE HOJE. — De todos os significados precedentemente analisados, o mais comum na linguagem política atual é o genericamente marxista. [...] Em outras palavras, Sociedade civil é representada como o terreno dos conflitos econômicos, ideológicos, sociais e religiosos que o Estado tem a seu cargo resolver, intervindo como mediador ou suprimindo-os; como a base da qual partem as solicitações às quais o sistema político está chamado a responder; como o campo das várias formas de mobilização, de associação e de organização das forças sociais que impelem à conquista do poder político. Evocando a conhecida distinção de Weber entre poder de fato e poder legítimo, pode-se também dizer que a Sociedade civil é o espaço das relações do poder de fato e o Estado é o espaço das relações do poder legítimo. Assim entendidos, Sociedade civil e Estado não são duas entidades sem relação entre si, pois entre um e outro existe um contínuo relacionamento". Para maior aprofundamento do conceito de sociedade civil na contemporaneidade, consultar entre outros: Jorge Luis Acanda, Evelina Dagnino, Marco Aurélio Nogueira, Luis Alberto Restepo, Luiz Eduardo Wanderley, Maria Lucia Duriguetto, Ivete Simionatto.

assalariado, onde os indivíduos produzem em sociedade, ou seja, a produção socialmente determinada dos indivíduos, este é, naturalmente, o ponto de partida. (HIRANO, 2002). Em suma: “são as relações de produção – e não as relações de emprego ou a consciência de classe – que fundam as classes sociais”. (LESSA, 2014, p, 15).

Com isso, percebemos que o conceito de classe propriamente dito, subjaz de maneira transversal, em toda sua obra. Pois:

Para Marx, uma classe é um grupo de pessoas com uma posição comum face os meios de produção - os meios pelos quais ganham o seu sustento. Antes do aparecimento da indústria moderna, os meios de produção consistiam essencialmente na terra e nos instrumentos utilizados para atividade agrícola e na pastorícia. Por conseguinte, nas sociedades pré-industrializadas, as duas classes principais eram constituídas por aquelas que possuíam a terra (aristocratas, pequena nobreza rural ou os donos de plantações) e pelos que estavam activamente envolvidos no cultivo das mesmas (servos, escravos e camponeses livres). Nas sociedades industriais modernas, as fábricas, os escritórios, o maquinário e a riqueza, ou o capital necessário para as adquirir, tomaram-se mais importantes. As duas principais classes são constituídas por aqueles que possuem esses novos meios de produção - industrialista ou capitalista - e aqueles que ganham a vida vendendo a sua força de trabalho aos primeiros – a classe trabalhadora, ou no termo actualmente algo arcaico de Marx, O 'proletariado'. (GIDDENS, 2004, p, 285-286).

A teoria de classe em Marx é condicionada historicamente, surgindo em um determinado modelo social. Onde nasce o conflito latente entre os interesses antagônicos das duas principais classes, uma luta de classes que se configura como o “motor da história”. Em Marx temos as diferenças entre os trabalhadores assalariados do campo e da cidade, entre os capitalistas e os grandes proprietários fundiários. Grupos que constituem as grandes classes sociais, e com isso, a contradição de interesses entre as duas principais classes. Os proprietários capitalistas, que detém os meios de produção e o proletariado, que possui a sua força de trabalho, e as camadas dessas classes. Cabe destacar, que em Marx, existe também, a delimitação do lumpemproletariado, os desprovidos de consciência política e desvinculados da produção social, pois:

A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de mais nada mera consciência do meio sensível mais próximo e consciência da conexão limitada. (MARX; ENGELS.1987, p, 43).

Há também, a classe de transição, onde são todos explorados pela burguesia:

O trabalho proletário, para pegarmos o exemplo mais desenvolvido, requer com rigorosa necessidade histórica a organização da totalidade social em três grandes classes sociais (com suas subdivisões, etc.): a burguesia, que expropria o trabalho proletário; o proletariado, que produz todo o capital; as classes de transição (como Marx a elas se refere em *O 18 Brumário*) que é o conjunto de assalariados que, não sendo proletários, são trabalhadores também explorados pela burguesia. (LESSA. 2014, p, 12).

São subdivisões também, as camadas de classe que oscilam entre as duas principais classes. Mas ainda existem, interpretações equivocadas sobre a teoria de classe social em Marx e em toda sua produção intelectual, como tendo um determinismo econômico, um voluntarismo de classe<sup>24</sup>. Mesmo que na sua juventude ele deposite muita esperança na classe operária revolucionária, e que irá fazer a revolução sem demora. Em Marx, as “chamadas classes médias”, as subdivisões de classe, estão sempre em mudança e lutam para subir na base da pirâmide social e não deixar o proletariado ascender, como nos lembra Lenin (1986, p. 13):

As camadas médias, o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artífice, o camponês, lutam todos contra a burguesia para assegurarem a sua existência como camadas médias, antes do declínio. Não são, pois, revolucionárias, mas

---

<sup>24</sup> Percebemos em Klaus Eder, em certa medida, o equívoco quanto ao voluntarismo: “A teoria do conflito de classe, entretanto, não está totalmente desenvolvida no argumento teórico de Marx. Em vez disso, ela está reduzida a uma teoria voluntarista da ação coletiva baseada em narrativas históricas e no otimismo político”. (EDER. 2002, p, 307). O que não condiz com a célebre passagem do Manifesto do Partido Comunista, em que Marx e Engels, deixam claro que não há determinismo em sua teoria social da passagem da história, da sua teoria do capital, das lutas das classes sociais que: “estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito”. (MARX, ENGELS. 2008, p, 8).

conservadoras. Mais ainda, são reacionárias, pois procuram pôr a andar para trás a roda da história.

#### 1.1.1.1 As classes em Weber

Já em Max Weber, as classes são definidas em diversos níveis, econômico, político, ideológico. Em última instância, o que determina é o econômico. Parece-nos que Weber, dá vida própria ao seu conceito de classe, sendo delimitado por divisão, por tipos ideais, por características comuns dentro de um determinado grupo. Ou seja, pelo estilo de vida: A ordem social é, para nós, simplesmente a forma pela qual os bens e serviços econômicos são distribuídos e usados. (WEBER. 2002, p, 127):

O tipo de oportunidade no mercado é o momento decisivo que apresenta condição comum para a sorte individual. “Situação de classe”, nesse sentido, é, em última análise, “situação de mercado. [...] Segundo a nossa terminologia, o fator que cria “classe” é um interesse econômico claro, e na verdade, apenas os interesses ligados à existência do “mercado”. (WEBER, 2002, p. 128).

Portanto, em Weber, a condição, a definição de classe, está ligada à condição econômica. A condição de classe é a situação de mercado, determinada pelo interesse econômico do mercado: “Poderíamos dizer, assim, que as “classes” se estratificam de acordo com suas relações com a produção e aquisição de bens”. (Ibid., p. 135). É a ética religiosa que deu o impulso aos homens para o espírito do capitalismo. A partir da sua conduta racional e economia religiosa, sendo esse o espírito do capitalismo, perpetuando a qualidade e o doar-se do profissional em qualquer área, pois a ação econômica é baseada no trabalho, na ideia livre racional para ter a possibilidade de usufruir bens no mercado, determinando assim, a sua divisão de classes:

Em nossa terminologia, “classes” não são comunidades; representam simplesmente bases possíveis, e frequentes, de ação comunal. Podemos falar de uma “classe” quando: 1) certo número de pessoas tem em comum um componente causal específico em suas oportunidades de vida, e na medida em que 2) esse componente é representado exclusivamente pelos interesses econômicos da posse de bens e oportunidades de

renda, e 3) é representado sob as condições de mercado de produtos ou mercado de trabalho. Esses pontos referem-se à “situação de classe”, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta dele, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra “classe” refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontrem na mesma situação de classe. (WEBER, 2002, p. 127):

Ainda em Weber, se percebe em sua análise de sociedade a divisão de classe em três níveis, formas de como elas se manifestam na economia, no mercado, quais sejam:

Classe proprietária, classe lucrativa e classe social. Na primeira, a situação de classe é determinada pelas diferenças na posse de propriedades; na segunda, a classe lucrativa, é determinada pela probabilidade de valorização de bens e serviços no mercado; e, finalmente, a classe social, pela “totalidade daquelas situações de classe entre as quais um intercâmbio, a) pessoa b) na sucessão de gerações, é fácil e pode ocorrer de um modo típico” (HIRANO. 2002, p. 106).

Em Weber há diferenças na sua conceituação comparada à teoria de Marx sobre as classes sociais. Para Weber, a relação social de produção não determina a condição de classe, o que determina é o mercado, a condição econômica, os fenômenos de poder. Portanto, sua definição de classe, nos descreve Anthony Giddens, um dos teóricos da Terceira Via<sup>25</sup>, que visa buscar a conciliação entre capitalismo de livre mercado e o socialismo democrático:

De acordo com Weber, a divisão em classes deriva não só do controle ou falta de controle dos meios de produção, mas também de diferenças econômicas que não têm diretamente a ver com a propriedade. [...] Weber acreditava que a posição dos indivíduos no mercado influencia fortemente as suas “oportunidades de vida”. (GIDDENS. 2004, p. 287).

---

<sup>25</sup> Que concilia a racionalidade do mercado capitalista e os valores socialistas convenientemente reformulados, a “Terceira Via” pretende “modernizar o centro”. Essa modernização se traduz na aceitação da ideia de justiça social, mas a rejeição das ideias de luta de classes ou política de classes e de igualdade econômica e social. (CHAUI, 2000, p. 95).

Já no sociólogo norte americano, Erik Olin Wright que busca combinar as percepções de Marx e Weber sobre Classe Social, evidencia-se 3 dimensões de Classe no modo de produção Capitalista, sendo elas: capital monetário; meios físicos de produção e força de trabalho. Os que pertencem à classe trabalhadora não possuem controle sobre nenhuma das três. São os capitalistas que possuem o controle. Mas no meio dos trabalhadores e dos capitalistas existem outros grupos, que de acordo com ele são os gestores e os trabalhadores de colarinho branco, onde estão nas: “localizações contraditórias de classe”, ou conforme o sociólogo britânico John Goldthorpe: “classe média, classe intermédia<sup>26</sup>”, que podem influenciar alguns setores da produção e terem maiores controles sobre o seu trabalho, isso comparado aos demais trabalhadores “manuais”, pois são superiores à esses, contudo, são controlados pelos capitalistas, assim como os demais, pois são ao mesmo tempo, exploradores e explorados. (GIDDENS, 2004, p. 288 – 289).

## 1.2 A LUTA DE CLASSES NO BRASIL – O NOVO NO VELHO

A chamada “Via Prussiana” ocorrida tardiamente na Prússia, se caracteriza pela consolidação do capitalismo de maneira gradual, lenta e conciliatória, deixando de lado os movimentos populares, fazendo uma transformação “pelo alto”. A burguesia abandona seu caráter revolucionário. Mostrando sua verdadeira fase de conciliação com a nobreza e a manipulação das massas, torna-se mais latente a contradição das classes que emergem, o proletariado e a burguesia<sup>27</sup>.

O processo de desenvolvimento do Brasil é concebido como “Via Prussiana”, pois, tem características semelhantes tal qual ocorrido na

---

<sup>26</sup> Para maiores conceituações de teoria de classe, consultar Erik Olin Wright, sociólogo norte-americano que é bem conhecido pela tentativa da junção de Marx e Weber sobre classes sociais e busca mostrar alternativas para o capitalismo.

<sup>27</sup> Cabe destacar, o processo de desenvolvimento revolucionário norte americano, que está caracterizado por alguns como “Via Americana”, distinta de como ocorreu nas demais. Classificam-na como uma forma específica, que rompe com a colonização britânica de maneira completa, por meio de uma revolução democrática e vitoriosa dos EUA, com a manutenção e a consolidação de seu império e segurança. Mas as polarizações aqui, também ocorrem. Não irei tratar nesse texto de maneira aprofundada, mas outros pesquisadores classificam a revolução norte americana de “Via Clássica”, semelhante ao ocorrido na Inglaterra e na França.

Alemanha da época Prússia. Entretanto, deve-se levar em consideração o caráter colonial brasileiro: Esse colonialismo teve seu início com a “Conquista” – espanhola e portuguesa – e que adquiriu uma forma mais complexa após a emancipação nacional. (FERNANDES, 2009, p. 21).

É no final do século XIX para o século XX, que se concretiza a herança de um reformismo conservador: Onde a oligarquia visa somente os interesses dos abastados, da Aristocracia. (ARISTÓTELES, 2009, p. 93 – 1279b 20), devido às determinações históricas do contexto brasileiro como colônia, que tem sua gênese e seu caráter conservador de Portugal.

Esse processo brasileiro é estudado por diversos pensadores e surgem distintas polêmicas. Com diversas formas de compreender a formação brasileira, a dominação das instâncias políticas, as contradições e as mediações que perpassam o ideário brasileiro.

O processo de desenvolvimento brasileiro deve-ser caracterizado pelo seu caráter de revolução tardia, pelos de cima, com cooptação das massas e conciliação. Sendo ainda, o ideário que se mantêm nas relações sociais, políticas, culturais e econômicas brasileiras até nossos dias, um pensamento submisso, determinando a revolução dentro da ordem imperialista, tendo suas origens nos “Sentidos da Colonização”, da “Via prussiana-colonial”, da “Modernização subordinada”, “Desigual e Combinada”:

O elemento colonial em sua estrutura genética integra um amplo, combinado e desigual processo de acumulação de capitais e de objetivação do capitalismo do qual o conjunto do continente americano é decisivamente parte integrante, a partir de sua ocupação e colonização pelos europeus, no século XVI. (MAZZEO, 2015a, p. 132).

Ou, conforme coloca Fernandes, (2009, p. 66):

O capitalismo dependente gera, ao mesmo tempo, o subdesenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento social, cultural e político. [...], ele une o arcaico ao moderno e suscita seja a arcaização do moderno, seja a modernização do arcaico.

Essa revolução em terras brasileiras, privilegiando as camadas de cima, a burguesia, caracteriza a falsa subserviência dos de baixo, do proletariado. Onde evidencia-se a contradição imanente do sistema capitalista com sua forma político-jurídica de manutenção da ordem pela força.

Na Colonização do Brasil pela Europa, por Portugal, caracteriza-se também, o processo de transição do modo de produção Feudal para o modo de produção Capitalista. Portugal se constitui como o primeiro país nacional. Teve sua expansão marítima-comercial de maior desenvolvimento entre os séculos XV e XVI. Conforme nos acentua Marx (2013b, p. 789): O prelúdio da revolução que criou as bases do modo de produção capitalista ocorreu no último terço do século XV e nas primeiras décadas do século XVI.

No período de decadência da Idade Média e o surgimento da Idade Moderna, o processo de colonização é determinado a partir das constantes crises que ocorrem no continente europeu. Caracterizada por diversos condicionantes, tais como: redução do crescimento econômico da Europa, crescimento demográfico, problemas políticos e religiosos. Uma gama de fatores econômicos, onde se tornam mais visíveis a fome e o surgimento de doenças devastadoras. Ocorrem diversas revoltas, guerras e crises de sucessão de reinados. Fatores, do conjunto do “mecanismo geral”, que contribuíram para o processo de emergência do sistema capitalista, após o evidente exaurimento do sistema Feudal. De acordo com Marx, (2013b, p. 786): A dissolução desse último, liberou os elementos daquele.

O modo de produção capitalista condicionou, delimitou, incluiu a subsunção formal do trabalho ao capital. Conforme Marx (2013b, p. 787):

O ponto de partida do desenvolvimento que deu origem tanto ao trabalho assalariado como ao capitalista foi a subjugação do trabalhador. O estágio seguinte constitui numa mudança de forma dessa subjugação, na transformação da exploração feudal em exploração capitalista.

É nos séculos XV e XVI que emerge uma forma embrionária do Estado Absolutista, onde o poder está nas mãos de um rei: na tirania da monarquia (ARISTÓTELES, 2009, p. 93 – 1279b 20). Como declarado na famosa frase do Rei da França, Luís XVI: “l'état c'est moi - O Estado sou eu”.

A natureza de desenvolvimento dialético do sistema capitalista desenvolve-se de diversas maneiras e de acordo com as especificidades de cada país, é o processo de “ir-sendo” do modo de produção capitalista. Onde as relações nascentes de um modo de produção se desenvolvem a partir do anterior.

A expansão marítima-mercantil de Portugal, contribuiu para o desenvolvimento capitalista em toda Europa. Os países colonizados expressaram essa expansão do capitalismo nas suas respectivas metrópoles, pois:

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma aspecto de uma vasta empresa comercial [...] destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical de que o Brasil é uma das resultantes. [...]. Com tais elementos articulados numa organização puramente produtora, mercantil, constituir-se-á a colônia brasileira. (JUNIOR, 2006, p. 22-23).

Assim, o processo Colonial nos países do continente americano, foi importante para o desenvolvimento do modo mercantilista do capitalismo:

Assim, a colonização e a produção em grande escala de mercadorias determinarão o surgimento do sistema colonial, que deve então ser entendido a partir de sua articulação estrutural com o modo de produção capitalista, que surge concretizando-se nas formações sociais particulares americanas: as colônias. (MAZZEO, 2015a, p. 57).

O desenvolvimento do capitalismo, ocorreu de diversas maneiras, pois é interno ao modo de produção capitalista encontrar inúmeros caminhos para o seu desenvolvimento. No caso brasileiro, esse processo se inicia pela inserção do trabalho forçado: A escravidão disfarçada dos assalariados na Europa necessitava, como pedestal, da *escravidão sans* - sem sentença no Novo Mundo. (MARX, 2013b, p. 829). Pois:

A escravidão valorizou as colônias, as colônias criaram o comércio universal, o comércio que é a condição da grande indústria. [...]. Os povos modernos conseguiram apenas

disfarçar a escravidão em seus próprios países, impondo-a sem véus no novo mundo. (MARX, 2009a, p. 128).

O trabalho escravo implantado no Brasil por Portugal, era necessário para a lógica da expansão capitalista. Uma forma que teria menos resistência pelo povo, pois o modo capitalista ainda estava se gestando, estava menos avançado, comparado aos países europeus, mas não quer dizer que não houve dissidência.

As capitanias hereditárias foram também, uma característica específica no solo brasileiro, que se desenvolveu de maneira distinta de outros países, devido a sua particularidade histórica e territorial:

Os elementos específicos engendrados por uma sociedade latifundiária e escravista não só apareceram na estrutura produtiva – forças produtivas/relações de produção específicas -, como também determinam os aspectos particulares superestruturais da formação econômica-social brasileira. (MAZZEO, op. cit., p. 79).

Com as constantes crises dos países colonizadores e nas colônias, no caso específico de Portugal, a sua colônia brasileira com sua burguesia nascente latifundiária, agroexportadora e escravista fortalecendo-se, ocorria a necessidade de desenvolvimento do Brasil, sobretudo, após a decadência de sua metrópole, Portugal. Surgindo um processo de revolução conduzida por essa burguesia anômala nascente:

É nesse contexto histórico-social que se desenvolve a “ideologia da conciliação” brasileira, expressão de uma burguesia débil economicamente – anômala – que, para se manter no poder, concilia sempre com os interesses externos e, internamente, pauta-se pela violenta repressão das massas populares, que, em nível extremo, a escravidão encarna e expressa. (MAZZEO, 2015a, p. 80).

O Brasil estava ficando mais rico que sua metrópole, houve a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808, devido aos conflitos com a França, mas que logo foi obrigada a retornar para Portugal devido às revoluções e a vitória das tropas inglesas sobre a França auxiliando Portugal. A Inglaterra tinha forte influência sobre Portugal, a partir de acordos firmados,

como o Tratado de Methuen, um acordo comercial entre a Inglaterra e Portugal, mas que foi desfavorável à economia portuguesa. Contudo, mesmo com a volta da família real para terras portuguesas, essa, deixa o seu primeiro filho como príncipe do Brasil. Conhecido como Dom Pedro I<sup>28</sup>, o primeiro imperador do Brasil, que seu viúvo na tarefa de conciliar os desejos nacionais da burguesia brasileira e a tradição portuguesa, em um país que iniciava seu processo de transição por cima. Valores monárquicos que nunca foram embora e que, buscam uma retomada nos dias atuais, conforme percebemos nas imagens à seguir:



---

<sup>28</sup> Membro da família real de Bragança – casa de Bragança. Onde essa família se torna Orleans e Bragança, encurtando laços com a família real francesa, Orleans, em casamentos. Perpetuando seus valores, políticos e morais até nossos dias. Pois, a Prefeitura de Jundiaí, via sua Escola de governo e gestão do Município realiza uma palestra intitulada: Uma visão do Brasil atual. Proferida (conforme panfleto do evento): Dom Bertrand de Orleans e Bragança. “Príncipe Imperial do Brasil”. Evento muito aclamado pelos Pró-Monarquia. Disponível em <https://escoladegoverno.jundiai.sp.gov.br/palestra-uma-visao-sobre-o-brasil-atual-30082017/> Acessado em: 05/08/2017. Ocorrem encontros em vários Estados do país em prol dos valores e ideais monarquistas. Assim como, a Sugestão Legislativa 18 que busca a realização de um referendo acerca da restauração da Monarquia Constitucional no Brasil e também, tramita na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa no Senado a possibilidade de instituir anualmente o mês de setembro como o: “Mês Imperial”.

**BRASÍLIA**  
CAPITAL DO IMPÉRIO

**1º ENCONTRO MONÁRQUICO**

S.A.I.R. DOM BERTRAND

MONARQUIA PARLAMENTARISTA:  
A SOLUÇÃO DEFINITIVA PARA AS CRISES NO BRASIL

NELSON BARRETTO

BRASÍLIA:  
A CAPITAL DO IMPÉRIO

BIA KICIS

OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS  
PARA O BRASIL QUE QUEREMOS

**7 DE DEZEMBRO ÀS 19:00H**  
AUDITÓRIO DA ALIANÇA FRANCESA  
**VAGAS ENCERRADAS!**

SEJA UM MEMBRO FUNDADOR:  
BRASILIACAPITALDOIMPERIO@GMAIL.COM

MONARQUIA

LIGA AZUL

O Brasil passou a transitar da sustentação da economia portuguesa para a Britânica, após a aliança traçada entre esses países e a subsunção de Portugal pela Inglaterra no século XVII, desencadeia o controle Britânico sobre Portugal.

No terceiro mundo, no caso do Brasil, não ocorre de primeiro momento uma luta entre as classes sociais no seu processo de independência. Alguns pensadores não levam em consideração o desenvolvimento “desigual e combinado” do capitalismo. O modo primitivo da acumulação capitalista ocorre em terras brasileiras de maneira distinta. O capitalismo se edificou de diversas formas pelo mundo<sup>29</sup>. A luta de classes ainda está presente e permanecerá enquanto não derruir a sociedade do capital. Fukuyama, em sua teoria de “ciência moderna”, defende que no período presente, se culmina o estágio final da história, o fim da luta de classes, pois de acordo com esse pensador, se

<sup>29</sup> Cabe destacar a consagrada e polêmica obra do historiador Jacob Gorender: O Escravismo Colonial. Editora Expressão Popular.

institui um estado final de coisas, de conquistas, o domínio e a vitória do ocidente, o “fim da história<sup>30</sup>”.

O processo de desenvolvimento brasileiro é marcado pelo seu caráter de revolução tardia, pelos de cima, com cooptação das massas, com conciliação, servidão, trabalho forçado, sem projeto nacional pela burguesia “lumpem”, sendo parceira ou apêndice da burguesia multinacional.

Essa revolução dentro da ordem em terras brasileiras, privilegiou as camadas de cima, a burguesia, caracterizando uma “subserviência” condicionada dos de baixo, do proletariado, pois, essa foi uma: “característica essencial da revolução burguesa latino-americana, a dominação sem hegemonia”. (IANNI, 1986, p. 29). Onde se alcançou o poder pelo sangue, pelas armas:

No Brasil, a revolução burguesa teve, em geral, conotação autoritária. Desde o começo, a despeito das pressões de setores populares e mesmo de liberais de classe média e burgueses, o poder estatal organizou-se e reorganizou-se de cima para baixo. (IANNI, 1986, p. 21).

Resta evidente, a contradição imanente ao sistema capitalista e sua forma político-jurídica de manutenção da ordem pela força: “A consolidação da hegemonia burguesa, sob um Estado que institucionaliza a violência sistemática e legitima a contrarrevolução, contém dentro de si mesmo o começo do fim”. (FERNANDES, 2009, p. 112):

A ordem social competitiva não desponta como a expressão do equilíbrio instável de diferentes camadas sociais em tensão legítima. Ela reconhece a pluralização das estruturas econômicas, sociais e políticas como “fenômeno legal”. Todavia, não a aceita como “fenômeno social” e, muito menos, como “fenômeno político”. Os que são excluídos do privilégio econômico, sociocultural e político também são excluídos do “valimento social” e do “valimento político”, os excluídos são necessários para a existência do estilo de “dominação burguesa”, que se monta dessa maneira” (FERNANDES, 2009, p. 93).

---

<sup>30</sup> Ver livro mundialmente conhecido do filósofo e economista político nipo-estadunidense Francis Fukuyama: O fim da história e o último homem. Publicado no Brasil em 1992 pela editora Rocco.

O “grito” de Independência do príncipe português<sup>31</sup>, manteve suas raízes articuladas pela burguesia rural e pelos nobres. Com isso, é percebida a divulgação ideológica das revoluções burguesas. Evidencia-se também, com a propagação da revolução de 1930, liderada por uma burguesia, mas se “esquece” A Revolta Paulista de 1924, a 'Revolução Esquecida<sup>32</sup>', que durou 23 dias, onde São Paulo foi ocupada por tropas Tenentistas - A Coluna Prestes, onde os militares estavam insatisfeitos com o governo de Arthur Bernardes e reivindicavam justiça gratuita, ensino público obrigatório, entre outras reivindicações. Mas foi bombardeada por mando daquele governo, atingindo a população pobre em vários pontos da cidade, bairros operários, bairros de classe média e territórios imigrantes<sup>33</sup>.

### 1.3 AS CLASSES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos enquanto poder político, de maneira intencional ou não, fragmentam a luta social e política com suas bandeiras segregadas, individuais, corporativistas e que não buscam articular suas pautas de maneira mais universal:

É completamente impossível travar um combate fracionado por fronteiras nacionais contra um capitalismo que se organiza não só coordenando os diversos centros nacionais de acumulação do capital, mas passando por cima de todas as divisões geográficas. (BERNARDO, 2000, p. 56).

Mesmo entendendo que as lutas imediatas são necessárias, deve-se

---

<sup>31</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Carlota Joaquina, Princesa do Brazil – 1995, Diretora Carla Camurati; Independência ou Morte – 1972, Diretor Carlos Coimbra.

<sup>32</sup> Como toda insurreição realizada por mulheres e homens marginalizados, deixados à sua própria sorte na história brasileira. Mulheres, Negros, Homossexuais, Pessoas Lesionadas, e todos os oprimidos e massacrados pelo modo societário em curso. Cabe lembrar: Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, Dandara, Pagu, Chiquinha Gonzaga, Teresa de Benguela, Carolina de Jesus, Maria de Oliveira, Lélia Gonzalez, Luíza Mahin, Espertirina Martins, Cláudia. Cito aqui, somente algumas e, na maioria, mulheres, para destacar o protagonismo de mulheres tão esquecidas na nossa sociedade patriarcal, misógina, machista, capitalista.

<sup>33</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Revolução de 30 – 1980, Diretor Sylvio Back; O velho, a história de Luiz Carlos Prestes – 1997, Diretor Toni Venturi; Adágio ao sol – 1996, Diretor Xavier de Oliveira; Soldado de Deus – 2005, Diretor Sergio Sanz; Memórias do Cárcere – 1984, Diretor Nelson Pereira dos Santos; Olga – 2004, Diretor Jayme Monjardim; Getúlio Vargas – 2014, Diretor João Jardim; Libertários – 1976, Diretor Lauro Escorel; Abril despedaçado – 2001, Diretor Walter Salles; Eternamente Pagu – 1988, Diretora Norma Bengell; São Paulo cidade aberta – 2010, Diretor Caio Plessmann de Castro.

unificá-las com pautas globais. Contudo, na maioria das vezes, isso não ocorre, não obstante:

Toda classe que aspira à dominação, mesmo que essa dominação, como no caso do proletariado, exija a superação de toda a antiga forma de sociedade e de dominação em geral, deve conquistar primeiro o poder político, para apresentar seu interesse como interesse geral, ao que está obrigada ao primeiro momento. (MARX; ENGELS. 1987, p. 49).

Ao final deste capítulo voltaremos à questão da unidade entre os sujeitos em luta social e política. Antes, porém, faz-se necessário contextualizar as tendências do mundo do trabalho e a configuração das classes sociais na sociedade contemporânea.

O Trabalho é a atividade fundante da sociabilidade humana, e está no centro da transformação da produção, pois o: “Trabalho funda o homem, a sociedade e a si mesmo, é a protoforma do ser social”. (ANTUNES. 2015, p. 104):

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (MARX, 2013b, p. 124).

O mundo do trabalho vem sofrendo muitas transformações nas últimas décadas. Pois no capitalismo: “ocorre a subordinação do valor de uso ao valor de troca, a subsunção do trabalho ao capital, a saída do caracol da sua concha” (MARX, 2013b), que são as determinações da sociabilidade do capital, a lógica destrutiva do sistema em curso, que vem se desenvolvendo nos seus cinco séculos:

Dentre elas podemos inicialmente mencionar o enorme desemprego estrutural, um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, além de uma degradação que se amplia, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada

prioritariamente para a produção de mercadorias e para a valorização do capital. (ANTUNES, 2009, p. 17).

Após a expansão dos “anos dourados”, desencadeia-se a crise estrutural<sup>34</sup>. Na década de 1970 e início de 1980 registram-se a queda da taxa de lucro, o esgotamento do modo de acumulação taylorista/fordista, como apenas mais uma manifestação do capitalismo, aumento da tecnologia, aumento da autonomia do capital portador de juros<sup>35</sup>, capital financeiro<sup>36</sup>, onde ocorre a criação de valor, a maior concentração de capitais, o início da globalização, fenômenos já sinalizados nas obras de Marx. Desencadeiam-se as maiores crises para a classe que vive do trabalho. Ocorre a crise do Welfare State, Estado de Bem-Estar Social, crescimento das privatizações do setor público na gestão de Margaret Thatcher no Reino Unido e de Ronald Reagan no EUA, sob o ideário menos industrial e mais financeiro, com ação sindical limitada. Ocorre o avanço do Toyotismo<sup>37</sup>, acumulação flexível, o aumento das lutas trabalhistas e estudantis na França, o aumento das reivindicações sociais na Europa, as lutas que colocaram em xeque a manutenção do

---

<sup>34</sup> A esse respeito consultar a obra do filósofo húngaro István Mészáros: A crise estrutural do capital, publicado em 2009 pela editora Boitempo.

<sup>35</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Wall Street, poder e cobiça – 1987, Diretor Oliver Stone; Wall Street, o dinheiro nunca dorme – 2010 lançado no Brasil, Diretor Oliver Stone; O primeiro milhão – 2000, Diretor Ben Younger; Margin Call, o dia antes do fim – 2011 lançado no Brasil, Diretor J.C. Chandor; Inside Job – 2010, Diretor Charles H. Ferguson; A procura da felicidade – 2007 lançado no Brasil, Diretor Gabriele Muccino; Too big, to fail (Grande demais para quebrar) – 2011, Diretor Curtis Hanson; O capital – 2013 lançado no Brasil, Diretor Costa-Gavras; Enron, os mais espertos da sala – 2006 lançado no Brasil, Diretor Alex Gibney; Quants, os alquimistas de Wall Street – 2010, Diretora Marije Meerman; Capitalismo, uma história de amor – 2009, Diretor Michael Moore; Hank, cinco anos depois do colapso – 2013, Diretor Joe Berlinger; O lobo de Wall Street – 2014 lançado no Brasil, Diretor Martin Scorsese; A fraude – 1999, Diretor James Dearden; A grande Aposta – 2016 lançado no Brasil, Diretor Adam McKay.

<sup>36</sup> Não sendo somente o capital bancário. Mas a junção do capital industrial com o capital bancário, união já prevista por Marx, a tendência associativa dos capitais.

<sup>37</sup> Consultar a obra de Geraldo Augusto Pinto: A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo. Publicado em 2007 pela Expressão Popular. Tanto o Taylorismo/Fordismo, quanto o Toyotismo são formas do capital buscando a manutenção da sua vitalidade, para extrair mais valia. São formas de reavivamento do capitalismo. Como também, a desregulamentação das Jornadas de trabalho em São Paulo no século XXI dos imigrantes bolivianos que chegam a 17 horas diárias, e o Projeto de Lei da reforma trabalhista – PL 38/2017, aprovada no Senado no dia 11/07/2017 e sancionada pelo Presidente Michel Temer dois dias depois. Pois: “Se observarmos de perto a produção capitalista, abstraindo do processo de circulação e da hipertrofia da concorrência, verificamos que procede de maneira extremamente parcimoniosa com o trabalho efetuado, corporificado em mercadorias. Entretanto, mais do que qualquer outro modo de produção, esbanja seres humanos, desperdiça carne e sangue, dilapida nervos e cérebros”. (MARX, apud ANTUNES, 2015, p. 244).

capitalismo, os movimentos sociais em alguns países do continente latino-americano<sup>38</sup>. Verifica-se a taxa decrescente do valor de uso na lógica da obsolescência programada, da qualidade total, da destruição do sindicalismo com suas derrotas e cooptação, da diminuição da sindicalização, do aumento da burocratização e institucionalização, do aumento da fragmentação da classe trabalhadora e da expansão da terceirização a partir dos anos 80 e 90, na era da transnacionalidade do capital:

Ampliou-se, então, o desenho compósito, heterogêneo e multifacetado que caracteriza a classe trabalhadora brasileira. Além das clivagens entre os trabalhadores estáveis e precários, de gênero, dos cortes geracionais entre jovens e idosos, entre nacionais e imigrantes, brancos e negros, qualificados e desqualificados, empregados e desempregados, temos ainda as estratificações e fragmentações que se acentuam em função do processo crescente de internacionalização do capital. (ANTUNES, 2015, p. 130).

O Toyotismo foi adaptado às particularidades de cada país, para reformular o modo produtivo do capital. Como consta no Prólogo do Manifesto do Partido Comunista, publicado em 1998 pela editora Cortez: “Processo de reestruturação produtiva do capital, a base material do projeto Ideopolítico neoliberal” (NETTO, 1998, p. XIX):

As formas mais estáveis de emprego, herdadas do fordismo, foram desmontadas e substituídas pelas formas flexibilizadas, terceirizadas, do que resultou um mundo do trabalho totalmente desregulamentado, um desemprego maciço, além da implantação de reformas legislativas nas relações entre capital e trabalho. (ANTUNES, op. cit., p. 77, 78).

A Terceira via do primeiro ministro do Reino Unido, Tony Blair, buscou reinserir seu país na nova configuração do capitalismo contemporâneo, que procurava flexibilizar e desregulamentar o mercado de trabalho no final dos

---

<sup>38</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: A batalha de Argél – 2005 lançado no Brasil, Diretor Gillo Pontecorvo; Domingo sangrento – 2002, Diretor Paul Greengrass; Milk a voz da igualdade – 2009 lançado no Brasil, Diretor Gus Van Sant; Selma, uma luta pela igualdade – 2015 lançado no Brasil, Diretora Ava DuVernay; Depois de maio – 2013 lançado no Brasil, Diretor Olivier Assayas; Adeus Lenin – 2004 lançado no Brasil, Diretor Wolfgang Becker; ABC da Greve – 1990, Diretor Leon Hirszman; Diamante de Sangue – 2007 lançado no Brasil, Diretor Edward Zwick.

anos 90, tentando manter a todo vapor o projeto neoliberal, equilibrando a regulamentação e a desregulamentação do mercado.

Com isso, a classe trabalhadora vai se modificando, mas mantêm-se a centralidade no trabalho, ocorrendo as mutações do mundo do capital. Ricardo Antunes, “trabalha” o conceito de Classe-que-vive-do-trabalho. Uma noção ampla de classe trabalhadora, na sua processualidade e concretude dos que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos, incorporando a totalidade do trabalho social. A totalidade do trabalho coletivo assalariado, mais os trabalhadores improdutivos que vendem sua força de trabalho ao setor de serviços:

Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, part time, o novo proletariado dos McDonald's, os trabalhadores hifenizados de quem falou Beynon, os trabalhadores terceirizados e precarizados das empresas liofilizadas de quem falou Juan José Castillo, os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal”, que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do desemprego estrutural. (ANTUNES, 2009, p. 103, 104).

É na última década do século XX que expande o trabalho parcial, a exploração intensa do trabalho feminino na sua configuração mais precarizada e terceirizada, jornadas mais longas e salários menores comparados aos dos homens. Uma jornada de trabalho intensa, dentro e fora de casa. Atestando que mulheres<sup>39</sup> trabalham cada vez mais que os homens<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Domésticas – 2001, Diretores Fernando Meirelles e Nando Olival; Acorda Raimundo – 1990, Diretor Alfredo Alves; Como se fosse da família – 2013, Diretoras Alice Riff e Luciano Onça.

<sup>40</sup> O índice de trabalho doméstico entre os homens não chega nem à metade comparado às mulheres. De acordo com a pesquisa de Ana Flávia Oliveira, as mulheres chegam a dedicar 25 horas semanais aos afazeres do lar, homens gastam apenas 9 horas. OLIVEIRA, 2015. 90% das mulheres fazem tarefas domésticas; entre homens, o índice chega a 40%. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-03-05/90-das-mulheres-fazem-tarefas-domesticas-entre-homens-indice-chega-a-40.html>. Acessado em: 04/11/2016.

Surge a ampliação do trabalho morto, das máquinas, da tecnologia, reduzindo o trabalho vivo, abandonando os direitos sociais dos trabalhadores. Transformação do trabalho vivo por trabalho morto, pois: “o aumento crescente do capital constante em relação ao variável reduz relativamente, mas não elimina, o papel do trabalho coletivo na produção de valores de troca”. (ANTUNES, 2015, p. 95):

Se o trabalho, sob o sistema de metabolismo social do capital, assume uma forma necessariamente assalariada, abstrata, fetichizada e estranhada (dada a necessidade imperiosa de produzir valores de troca para a reprodução ampliada do capital), essa dimensão histórico-concreta do trabalho assalariado não pode, entretanto, ser eternizada e tomada a-historicamente. (ANTUNES, 2009, p. 165).

A crise do trabalho assalariado, é endógena ao capital, que só termina com o fim desse, do Estado e do trabalho alienado.

É na metamorfose do mundo do trabalho que ocorre o maior dispêndio de tempo e de locomoção para acessar o mercado de trabalho. Mesmo reconhecendo a necessidade em reduzir a jornada de trabalho e sendo também, uma luta histórica nesse modelo de sociedade. Até para criar mais empregos na intenção de reduzir o desemprego e revitalizar a Classe-que-vive-do-trabalho. Entretanto, as lutas pela redução da jornada de trabalho, não necessariamente possibilitam mais tempo livre para os trabalhadores, onde não estão livres do excesso de serviços, jornadas duplas ou triplas de trabalho, até para complementar renda, pois tem que trabalhar em mais espaços por menos salário. Há menos empregos e mais trabalho: “Discutir a jornada ou o tempo de trabalho leva a fazer um esclarecimento: a redução da jornada de trabalho não implica necessariamente a redução do tempo de trabalho”. (ANTUNES, 2009, p. 173). O tempo real trabalhado, o tempo socialmente necessário acaba sendo maior, agravando-se a partir do nível de complexidade dispensada para a realização da atividade.

É no último decênio do século XX, que ocorre o refluxo dos movimentos de massa, desmoronamento do leste europeu, a queda do muro de Berlim, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, o desenvolvimento do neoliberalismo na América latina, após o Consenso de Washington de

1989<sup>41</sup>, um neoliberalismo ditado pelos organismos financeiros mundiais, como o Fundo Monetário Internacional – FMI, onde os países latino-americanos estavam se reestruturando após anos de ditadura militar e crises dos partidos comunistas e dos sindicatos.

Já na entrada do século XXI se agudiza a expansão dos trabalhos por serviços, a superexploração do trabalho, a exclusão dos trabalhadores jovens e acima de 45 anos do mercado de trabalho. Ou seja, surgem condições mais precárias nos espaços de trabalho e para a realização desse, expansão do mercado informal e com a exploração ainda maior do segmento feminino:

Nesse sentido, eu diria que a classe trabalhadora hoje não se restringe somente aos trabalhadores manuais diretos, mas a classe trabalhadora hoje incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho em troca de salário. (ANTUNES, 2009, p. 195).

Essa complexificação do trabalho e de classe, reduz a classe operária, diminui o trabalho fabril e aumenta o setor de serviços, tornando a classe fragmentada, heterogênea, desprovida de direitos. É a Subproletarização intensificada, temporária, precária, parcial, terceirizada<sup>42</sup>, incorporando o trabalho feminino e excluindo os mais velhos, funcionários de mercado, trabalhadores especializados, com diplomas, desempregados e precarizados, serviços que exigem maior intelectualização do trabalho manual e também, outros exigem desqualificação, como no setor informal. Aumento dos trabalhos por demanda, “a toque de caixa”. Permanência de trabalhos análogos ao serviço forçado, à escravidão<sup>43</sup>, de trabalho infantil<sup>44</sup>, a permanência de algo

---

<sup>41</sup> As áreas de reformas propostas no Consenso de Washington são: disciplina fiscal, contenção dos gastos públicos, reforma tributária, liberalização financeira, regime cambial, liberalização comercial, investimento direto estrangeiro, privatização, desregulação e propriedade intelectual.

<sup>42</sup> Ocorrendo a terceirização até para os serviços fim, com o Projeto de Lei 4302/98, aprovado por 231 Deputados contra 188 votos opostos e sancionada pelo Presidente Michel Temer em 31 de março de 2017.

<sup>43</sup> “Desde 1995, ano que o Brasil reconheceu a existência do trabalho escravo, mais de 47 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à escravidão em todo o país. Eles foram explorados em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária e agricultura, mas também, em áreas urbanas, empregados no setor têxtil e na construção civil”. *Trabalho Escravo contemporâneo: 20 anos de combate (1995 – 2015)*. Disponível em: <http://www.escravonempensar.org.br/2015/01/20-anos-de-combate-ao-trabalho-escravo-contemporaneo/> Acessado em: 17/11/2016.

que nunca acabou<sup>45</sup>. A retomada compulsória dos aposentados ao mercado de trabalho para complemento de salário, formas alternativas de ocupação, alterações do trabalho doméstico, aumento de trabalho doméstico diário, informal, sem registro, por conta própria. Uma forma de trabalho multifacetada.

Ocorrem modificações nos serviços públicos, tais como, saúde, educação, previdência<sup>46</sup>, transporte. Privatizados e definidos cada vez mais como mercadoria. Pois é pela compra desses bens que se materializa a mercadoria, o acesso para quem tem condições e com isso, a intensificação de condições precárias para seus trabalhadores e para a população que depende desses serviços. Novas formas e conceitos de trabalho surgem como a esperança do futuro, tais como, empreendedorismo, cooperativismo, voluntariado, o trabalhador como colaborador, espírito de equipe, a empresa como “família” e a expansão do terceiro setor.

Trabalhos mais precários, onde trabalhadoras e trabalhadores se lesionam, adoecem e morrem no espaço de trabalho. A exploração da força de trabalho e o abuso da força vital, surgem como uma lei determinante da sociabilidade do capital. Um Estado amplo que regulamenta a coerção, um aparato jurídico-político de controle, onde as classes dominantes detêm o comando.

Então, se tem hoje uma noção ampliada dos que vendem sua força de trabalho, incluindo os desempregados, os precarizados, as mulheres que são duplamente exploradas pelo capital que amplia a desigualdade no mundo do

---

<sup>44</sup> Consultar relatório: *Brasil livre do trabalho infantil: Contribuições para o debate sobre a eliminação das piores formas do trabalho de crianças e adolescentes*. Elaborado pela ONG Repórter Brasil, 2013. Disponível em: [reporterbrasil.org.br/2013/05/relatorio-sobre-trabalho-infantil-e-lancado-em-brasilia/](http://reporterbrasil.org.br/2013/05/relatorio-sobre-trabalho-infantil-e-lancado-em-brasilia/) Acessado em: 17/11/2016.

<sup>45</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: *Menino 23* – 2016, Diretor Belisário Franca; *Nenhum a menos* – 1999, Diretor Zhang Yimou; *Ausência* – 2014, Diretor Chico Teixeira; *10 centavos* – 2007, Diretor César Fernando de Oliveira; *Crianças Invisíveis* – 2005, Diretores Spike Lee, Ridley Scott, John Woo, Stefano Veneruso e Mehdi Charef; *Daens, um grito de justiça* – 1992, Diretor Stijn Coninx; *Gomorra* – 2008, Diretor Matteo Garrone; *Infâncias roubadas* – 2005, Diretor Gavin Hood; *Nascidos nos Bordéis* – 2014, Diretoras Zana Briski, Ross Kauffman; *Menino de carvão* – 2008, Diretores Fram Paulo; *Carreto* – 2009, Diretores Cláudio Marques, Marília Hughes Guerreiro; *Tartarugas podem voar* – 2004, Diretor Bahman Ghobadi; *El patrón, radiografía de un crimen* – 2013, Diretor Sebastián Schindel.

<sup>46</sup> Como a Reforma da Previdência, PEC 287/16 aprovada pela comissão especial da câmara Federal por 23 votos favoráveis e 14 contrários. Seguindo agora para votação em plenário da Casa. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/reforma-da-previdencia-e-aprovada-em-comissao-especial-e-segue-para-o-plenario-da-camara/> Acesso em: 26/05/2017.

trabalho entre os gêneros, milhares de pessoas na economia informal, desempregados, trabalhos em telemarketing, mercado de fast-food, supermercados, catadores de material reciclado, em várias clivagens da classe trabalhadora. Portanto, a Classe-que-vive-do-trabalho, ou classe trabalhadora, abrange, compreende a totalidade dos homens e mulheres, que vendem sua força de trabalho e são despossuídos dos meios de produção. Pois: “todo trabalho produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo” (ANTUNES, 2009, p. 196):

Somando-se os trabalhadores proletariados (48%), com auto empregados (30%), chega-se a quase 80% da totalidade das posições de classe. Os capitalistas totalizam 0,5%, os estratos médios (gerentes, supervisores e especialistas) somam pouco mais de 5%. Os pequenos empregadores agrupam 3,5%, e os empregados domésticos somam 8,6%. (ANTUNES, 2005, p. 107).

Segundo Antunes, a Classe burguesa e dos gestores, desempenham funções da classe capitalista. Esses, estão excluídos da classe dos trabalhadores, pois são os gestores do capital e seus altos funcionários, que mantem o controle do processo de trabalho. Não fazem parte da classe trabalhadora, são gestores do capital, que exercem um papel central na manutenção do capital, na hierarquia da produção e reprodução do capital, pequenos empresários urbanos e rurais. Pois, esses não vendem sua força de trabalho em troca de salários:

A classe trabalhadora hoje exclui, naturalmente, os gestores do capital e seus altos funcionários, que detém papel de controle no processo de trabalho, de valorização e reprodução do capital no interior das empresas, e que recebem rendimentos elevados, ou ainda, aqueles que, de posse de um capital acumulado, vivem da especulação e dos juros. Exclui também, em meu entendimento, os pequenos empresários, as pequenas burguesias urbana e rural proprietárias. (ANTUNES, 2005, p. 60, 61).

Na contemporaneidade, essa mutação do mundo do trabalho acaba por fragmentar as lutas da classe que vende sua força laboral, enfraquece o

sindicalismo<sup>47</sup> que vem perdendo sua força junto aos trabalhadores. É no chamado “terceiro mundo” que se agudizam as desigualdades sociais, pois:

Trata-se, portanto, de uma aguda destrutividade, que no fundo é a expressão mais profunda da crise estrutural que assola a (des) sociabilização contemporânea: destrói-se força humana que trabalha; destroçam-se os direitos sociais; brutalizam-se enormes contingentes de homens e mulheres que vivem do trabalho; torna-se predatória a relação produção/natureza, criando-se uma monumental “sociedade descartável”, que joga fora tudo que serviu como “embalagem” para as mercadorias e o seu sistema, mantendo-se, entretanto, o circuito reprodutivo do capital. (ANTUNES, 2015, p. 225).

Vivemos um tempo de opacidade das forças sociais dos trabalhadores, a instauração da barbárie, “se tivermos sorte<sup>48</sup>”, já está na ordem do dia, pois: “o extermínio da humanidade é um elemento inerente ao curso do desenvolvimento destrutivo do capital”. (MÉSZÁROS, 2003, p. 108-109). Mas, cabe ressaltar que as lutas sociais jamais findaram, como acreditam alguns. Pois, até como disse Sakamoto, (2013, p. 99): “Eles precisam compreender, por exemplo, que o povo não acordou agora. [...]. Nunca dormiu – afinal, nem tinha cama para tanto”. Vivemos momentos do “não lugar”, que se manifesta na crise dos refugiados, da imigração.

É na sociedade civil que se manifesta a direção intelectual e moral hegemônica reacionária, implantando golpes pela legalidade burguesa, em um país com uma democracia fantasiosa, mesmo essa do Estado democrático de direito. É evidente que o *pessimismo* penetra na visão social, mas com esperança *otimista da ação*. Devemos reconhecer o universal no particular, realizando a viagem de retorno e capturando a partir da totalidade a singularidade pela necessidade da mediação da particularidade. Pois a totalidade:

---

<sup>47</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Braços cruzados máquinas paradas – 1979, Diretor Sergio Segall; Norma Rae – 1979, Diretor Martin Ritt; O poder vai dançar – 1999, Diretor Tim Robbins; Peões – 2004, Diretor Eduardo Coutinho; Eles não usam Black-tie – 1981, Diretor Leon Hirszman; Mimi – o metalúrgico – 1972, Diretora Lina Wertmüller; Revolução em Dagenham – 2010, Diretor Nigel Cole; Billy Elliot – 2001 lançado no Brasil, Diretor Stephen Daldry; Linha de montagem – 1982, Diretor Renato Tapajós; Eu, Daniel Blake – 2016, Diretor Ken Loach.

<sup>48</sup> Consultar a obra de István Mészáros, publicada em 2003, pela Boitempo. O século XXI: Socialismo ou barbárie?

Como estruturação de uma pluralidade de determinações que, sendo objectivamente diferentes e não se equivalendo em abstracto, con-correm, todavia, para a constituição de uma unidade de organização e de funcionamento. (MOURA, 1990, p. 154).

As classes na base estrutural do capital hoje, estão multifacetadas, de um lado se agrupa o proletariado da produção, proletariado pequeno, o trabalhador precarizado, o trabalho de serviços, o trabalho autônomo, o exército industrial de reserva, o lumpen. De outro, estão os gestores de alto escalão, empresários da burguesia urbana e rural, os que possuem rendimentos elevados no controle do capital. Existe a chamada “classe média”, que geralmente se encontra na circulação da produção. É importante salientar as diferenças, as distintas camadas de classe para demarcar o chão nebuloso de identificação das forças sociais para criar alianças necessárias de camadas do mesmo grupo social que muitas vezes estão se digladiando na arena histórica. Cabe o reconhecimento dos privilégios de uma dada camada social e também, o processo decadente, os diversos processos mais ou menos destrutivos que vive o povo pobre que se perpassa por gêneros, cor, condições geográficas, habitacionais, formativas e tantas outras condições econômicas que vive um outro grupo da mesma camada de classe, afim de demarcar possíveis alianças no interior da classe para resistência e enfrentamento em busca de uma unidade política e programática contra o avanço conservador, violento e de ódio de uma outra classe social, sentimentos esses, que infelizmente, estão presentes no interior da captura do subjetivo de uma parte da classe trabalhadora<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Cabe demarcar as diferenças de conceitos de classe ou camadas sociais que estão presentes no debate da Sociologia crítica, representadas por Ruy Braga no seu livro: A política do precariado do populismo à hegemonia lulista, publicado pela Boitempo editorial, no ano de 2012. Esse traça o conceito de Precariado, sendo uma camada da classe proletária que está presente desde a industrialização brasileira. Sendo os trabalhadores que se encontram em condições subnormais, nas piores condições do mercado de trabalho, com grande rotatividade, transitando da informalidade à formalidade e vice-versa. Condições que se tornam mais visíveis no momento econômico e político da atualidade. Conceito que vai além do proletário, essa camada, engloba profissionais mais qualificados, mais essenciais, mais protegidos no interior do mercado de trabalho. O sociólogo retira também, da ideia de Precariado, o subproletário, o lupemproletário, o setor desempregado há um longo tempo, que tem poucas ou nenhuma condições de voltar ao mercado de trabalho. Entretanto, Giovanni Alves, no livro: Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho. Ano de 2013, publicado pelo projeto editorial Praxis, debate sobre o conceito de Precariado, demarcando o proletário médio, altamente escolarizado que se encontra inserido em condições precárias da

É no momento atual, nos últimos cinco anos, que percebemos o afloramento do conservadorismo, do pensamento reacionário, contrários as mudanças. Onde nas redes sociais e em outros espaços, as raízes passadas se perpetuam, desnudando a crueldade conservadora da burguesia, e para além dessa classe, tomados pela ideologia dominante, os trabalhadores, jovens, estudantes e diversos grupos do proletariado, reproduzem esse discurso de ódio, reacionário, conservador desse sistema social fétido, são tomados pelos valores burgueses e retratam o ofício de “capitão do mato”. Período que se desdobra até a entrada da segunda metade da década vigente, onde é visível, a guinada para a perpetuação da submissão e do poder de classe burguês frente aos avanços dos que vivem do emprego, do trabalho, dos que vendem sua força de trabalho, dos desempregados, dos imigrantes, da população em situação de rua, em suma, dos historicamente marginalizados na sociedade do capital. Estamos passando por um momento histórico político contrário aos direitos sociais, vivemos em tempos de retrocessos, onde se faz imprescindível reconhecer os pares, ter unidade de classe, trabalhar a base, estar presentes nos espaços de micro e macro política, para lutar no intuito de salvaguardar de forma imediata os direitos conquistados, para, em um futuro longínquo, buscar o rompimento da dominação do capital.

Com isso, desenvolveremos, no próximo capítulo, como se expressam essas forças na sociedade brasileira contemporânea, trazendo um retrato desses grupos, suas tendências e lutas.

---

vida e do trabalho, conceito esse, que se desenvolve não desde a industrialização brasileira, mas na era da globalização do capital, na era da crise estrutural, que está para além da era populista e lulista e sim, nas contradições da própria ordem burguesa. Jessé Souza, no seu livro publicado em 2009, pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. A Ralé Brasileira - Quem É e Como Vive. E no livro publicado pela mesma editora no ano seguinte. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Desenvolve o conceito da Classe Social Ralé, que são os abandonados, os "sem futuro", os que realizam os serviços mais pesados e degradantes, humilhantes, ou seja, são os infelizes abandonados às franjas do mercado. Já os Batalhadores, representam uma Classe intermediária, entre a Ralé e a Classe Média. Para o Britânico Guy Standing, no seu livro: O Precariado – a nova classe perigosa. Publicado pela editora Autêntica em 2013 na língua portuguesa. Livro que teve grande repercussão no Brasil, que trouxe ideias instigantes, o economista desenvolve a ideia do surgimento de uma nova classe social, o Precariado. Não sendo uma classe média nem uma camada do proletário tradicional. Mas sim, sendo uma Classe Social que vive em constantes frustrações e incertezas quanto às condições prometidas de ascensão das propagandas do sistema capitalista, mas que não conseguem alcançar essa realidade. ALVES, G. O que é o precariado? Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/22/o-que-e-o-precariado/>. Acessado em: 20/09/2017.

## CAPITULO II - AS EXPRESSÕES, TENDÊNCIAS E MOVIMENTOS DAS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

*De pedra humilde, a praça dança no breu das esquinas: já não rumorejam solitários os carros dos poderosos, a tocar de raspão o flanco do jovem pária que embriaga com seus assobios a cidade... uma pálida multidão enche o ar de irreais rumores. Um palco está acima dela, coberto de bandeiras [...] ao centro, a chama fascista. A dor, inesperada, faz-me recuar, quase como se não quisesse ver. E reagindo às lágrimas que apagam o mundo tão vivo ao meu redor, no entardecer da praça, lanço-me desesperadamente em meio a esta feira de sombras. E observo, escuto. [...] eis quem são os exemplares vivos, vivos de uma parte de nós que, morta, nos havia iludido com novidade – privados [...] que no povo é obscura alegria e nesta outra apenas triste obscuridade – que delira cantando a sanidade. E esta energia não é senão fraqueza, insulto sexual, pois não dispõe de outro caminho para ser paixão na mente acesa, a não ser ações demasiado lícitas ou ilícitas: e aqui urra tão somente a burguesa impotência a transcender a espécie, na confusão da fé que a exalta, e desesperadamente cresce no homem que não sabe que luz tem dentro de si. Fico de pé em meio a esta multidão quase de gelo [...] nos seus rostos há um tempo morto que retorna inesperado, odioso, quase como se os belos dias da vitória, os amenos dias do povo, estivessem mortos. Eis, para quem andou avante, o passado, os fantasmas, os instintos renascidos ao redor. Estes rostos juvenis precocemente velhos, estes turvos olhares de gente honesta, estas vis expressões de coragem [...] com verdadeira dignidade, com fúria sem ódio, a nossa história nova: e há uma sombra, humilhante e solene, naqueles pobres olhos... (Comício – Pasolini).*

Cabe destacar, que aqui abordaremos, de início, os movimentos sociais no campo da esquerda, no campo progressista, em lutas em defesa da classe trabalhadora. Como o movimento social de trabalhadores rurais sem-terra – MST, que tem sua ascensão em 1984, onde trabalhadores e trabalhadoras rurais foram à luta pela democratização do acesso à terra no primeiro encontro do movimento ocorrido no Estado do Paraná. Nesse encontro, se funda essa organização do campo, MST<sup>50</sup>. Com o objetivo de lutar pela terra, pela reforma agrária e por mudanças sociais<sup>51</sup>. Esse movimento está organizado em 24 Estados, em todas as regiões do Brasil. Já foram aproximadamente 350 mil

<sup>50</sup> Um episódio triste de grande proporção, mas não o único na história do MST, foi o Massacre de Eldorado dos Carajás, no sul do Pará, em 17 de abril de 1996. Onde os militantes do MST foram cercados pela força repressiva do Estado, a polícia. Deixando mais de 50 feridos e matando outras 19 pessoas da organização rural, que estavam manifestando contra a demora da desapropriação de terra.

<sup>51</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Terra para Rose – 1987, Diretora Tetê Moraes; O sonho de Rose 10 anos depois – 1997, Diretora Tetê Moraes; O veneno está na mesa – 2011, Diretor Silvio Tendler; O veneno está na mesa 2 – 2014, Diretor Silvio Tendler; A lei da terra - 2017, Diretor Jussi Hiltunen; Saneamento básico – 2007, Diretor Jorge Furtado; O Siciliano – 1987, Diretor Michael Cimino.

famílias que conquistaram a terra por meio da luta dentro dessa organização, onde muitos, permanecem na luta dentro do movimento em busca da reforma agrária. Entidade que vem se desenvolvendo ao longo dos anos, em torno de uma pauta que tem seu embrião desde as lutas indígenas nos anos de 1970 e início da década seguinte, onde buscam debater a função social da terra:

Ao longo do último período, os Sem Terra aprofundaram o debate em torno da questão agrária, e a luta pela Reforma Agrária ganhou um novo adjetivo: Popular. Popular, pois o Movimento percebeu que a Reforma Agrária não é apenas um problema e uma necessidade dos Sem Terra, do MST ou da Via Campesina. É uma necessidade de toda sociedade brasileira, em especial os 80% da população que vive de seu próprio trabalho e que precisa de um novo modelo de organização da economia, com renda e emprego para todos. Com isso, os Sem Terra apresentaram seu novo programa agrária à sociedade, que tem como base de fundo na produção agrícola a matriz agroecológica. Neste sentido, o MST está debatendo com sua base e seus aliados um programa novo de Reforma Agrária. Uma Reforma Agrária que deve começar com a democratização da propriedade da terra, mas que organize a produção de forma diferente. Priorizando a produção de alimentos saudáveis para o mercado interno, combinada com um modelo econômico que distribua renda e respeite o meio ambiente. Queremos uma Reforma Agrária que fixe as pessoas no meio rural, que desenvolva agroindústrias, combatendo o êxodo do campo, e que garanta condições de vida para o povo. Com educação em todos os níveis, moradia digna e emprego para a juventude. Certamente, continuaremos na luta, juntos, na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, como é o sonho de todo brasileiro honesto e trabalhador<sup>52</sup>.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, criado em 1997, aglutina centenas de militantes em busca de moradia urbana e ainda visam a construção de outra sociedade por meio da organização popular:

Somos um movimento de trabalhadores. Operários, informais, subempregados, desempregados que, como mais de 50 milhões de brasileiros não tem sequer moradia digna. Vivemos de aluguel, de favor ou moramos em áreas de risco pelas periferias urbanas do Brasil. No final da década de 1990, iniciamos nossa trajetória de luta contra a especulação imobiliária e o estado que a protege. Todos sabem que as grandes cidades brasileiras, cada vez mais ricas, escondem

---

<sup>52</sup> Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/hoje>. Acessado em: 26/07/2017.

nas periferias a enorme pobreza daqueles que as constroem. Nosso objetivo é combater a máquina de produção de miséria nos centros urbanos, formar militantes e acumular forças no sentido de construir uma nova sociedade. A ocupação de terra, trabalho de organização popular, é a principal forma de ação do movimento. Quando ocupamos um latifúndio urbano ocioso, provamos que não é natural nascer, viver e morrer pobre e oprimido. Não aceitamos a espoliação que muitos chamam de sina. Ao montar barracos de lona num terreno vazio e organizar os trabalhadores para lutar, cortamos a cerca nada imaginária que protege a concentração de riqueza e de terra nas mãos de poucos. E em alto e bom som gritamos: chegou a nossa hora. Criar poder popular!! Disponível em: <http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Autores/visualizar/mtst> Acessado em: 26/07/2017.

Existem diversos movimentos por moradia<sup>53</sup>, como o Movimento Sem Teto do Centro de São Paulo - MSTC, que não se confunde com o MTST, onde cada um tem sua direção e lutas distintas por moradia.

Outra organização recentemente criada, com um viés mais institucionalizado é a Frente Brasil Popular de 2015, que engloba diversos movimentos sociais, sindicatos, pastorais, partidos políticos. Tais como: a Central Única dos Trabalhadores – CUT, Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Via campesina, Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB, Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM, Movimento de Cultura Popular - MCP, Federação Única dos Petroleiros - FUP, Conselho Estadual de Entorpecentes - CONEN, União Nacional dos Estudantes - UNE, Levante Popular da Juventude, Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação - FNDC, Consulta Popular, Marcha Mundial das Mulheres, Rede de Médicas/os Populares, Associação de Juízes pela Democracia, Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares - RENAP, Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro - SENGE-Rio, Sindicato de Professores, Metalúrgicos do Rio Grande do Sul, Pastorais Sociais, igrejas, Central de Movimentos Populares – CMP, Partido dos Trabalhadores – PT,

---

<sup>53</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Hotel Cambridge – 2016, Diretora Eliane Caffé; À Margem do Concreto – 2005, Diretor Evaldo Mocarzel; Elefante Branco – 2012 lançado no Brasil, Diretor Pablo Trapero; Leva – 2012, Diretoras Juliana Vicente e Luiza Marques; Ocupados – 2016, Diretor Eduardo Neco.

Partido Comunista do Brasil – PCdoB, Partido Democrático Trabalhista - PDT, Partido Socialista Brasileiro – PSB, entre outros parlamentares, partidos, mídia popular e jornalistas<sup>54</sup>.

Outra Frente que também surge em 2015 é a Povo sem Medo. Uma frente unitária de mais de 20 movimentos sociais de esquerda, que estão focados na luta contra os ajustes fiscais e contra o conservadorismo dos últimos anos. Entre as organizações que compõem a frente estão: a Central Única dos Trabalhadores - CUT, Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB, Intersindical - Central da Classe Trabalhadora, Bloco de Resistência Socialista - Central Sindical e Popular CSP-Conlutas, União Nacional dos Estudantes - UNE, União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES, Federação Nacional dos Estudantes do Ensino Técnico - FENET, Associação Nacional dos Pós-Graduandos - ANPG, União de Núcleos de Educação Popular para Negras, Negros e Classe Trabalhadora - Uneafro, Rede Emancipa de Educação Popular - movimento de cursos pré-vestibulares para estudantes de baixa renda, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB, União Brasileira de Mulheres - UBM, União de Negros pela Igualdade - Unegro, Círculo Palmarino, Coletivo de Mulheres Olga Benário, Coletivo Cordel - Coletivo Representativo dos Docentes em Luta da Universidade Federal da Paraíba, Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista - MAIS, União da Juventude Socialista - UJS, Juventude Socialismo e Liberdade - JSOL, Juventude Anticapitalista - RUA, Coletivo Juntos!, União da Juventude Comunista - UJC, União da Juventude Rebelião - UJR, Juventude da Esquerda Marxista, Coletivo Construção, Juventude Comunista Avançando - JCA, Mídia Ninja, Igreja Povo de Deus em Movimento - IPDM, Brigadas Populares, Coletivo Literatura Marginal<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.frentebrasilpopular.org.br/> Acessado em: 25/07/2017.

<sup>55</sup> A Frente Brasil Popular e Frente Povo sem Medo foram criadas quase que no mesmo momento e com possibilidade de uma única frente, mas devido à dificuldade de unificar as pautas, foram criadas duas frentes distintas, aquela defendendo mais a derrubada do impeachment da então Presidente Dilma Rousseff e essa mais focada em debater as políticas de austeridade imposta pelo governo. BEDINELLI, T. Movimentos sociais lançam frente de esquerda anti-Levy e sem o PT. Fonte Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/07/politica/1444171412\\_797786.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/07/politica/1444171412_797786.html) Acessado em: 26/07/2017.

Um movimento de organização feminista que surge em 2000 é a Marcha Mundial das Mulheres – MMM, em uma mobilização que reuniu mulheres de vários Países, na campanha contra a pobreza e a violência. Encontro que durou quase todo o ano de 2000 com a campanha: “*2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista*”. Movimento que tem sua origem em manifestações ocorridas no Canadá, em 1995, com o título: “*Pão e Rosas*”. Um marco na retomada da mobilização de mulheres pelo mundo<sup>56</sup>:

Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a partir da base e as alianças com movimentos sociais. Defendemos a visão de que as mulheres são sujeitos ativos na luta pela transformação de suas vidas e que ela está vinculada à necessidade de superar o sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente. A Marcha busca construir uma perspectiva feminista afirmando o direito à auto-determinação das mulheres e a igualdade como base da nova sociedade que lutamos para construir. Disponível em <https://marchamulheres.wordpress.com/mmm/> Acessado em: 02/08/2017.

Outra grande organização de mulheres é a União Brasileira de Mulheres - UBM, que vem lutando pela igualdade e se posicionando contra toda opressão. Esse movimento de mulheres surge em 1988. E tantas outras organizações feministas que surgem e vem lutando pelo fim da opressão de gênero, todas as formas de violência e por outro modelo social. Faz conhecer a Sempre Viva Organização Feminista – SOF, União de Mulheres de São Paulo, Movimento de Mulheres Olga Benário, Coletivo Feminista Olga Benário, Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, e tantas outras organizações, frentes e coletivos feministas. Um movimento de mulheres progressistas e que estão ligadas à uma concepção religiosa é o Movimento Internacional de Mulheres que surgiu no Brasil em 1993 é Católicas pelo direito de decidir: “O grande objetivo de Católicas é trabalhar para provocar mudanças em nossa

---

<sup>56</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: Jeanne Dielman – 1976, Diretora Chantal Akerman; As Pequenas Margaridas – 1966, Diretora Věra Chytilová; As Horas – 2003 lançado no Brasil, Diretor Stephen Daldry; Azul É a cor mais quente – 2013, Diretor Abdellatif Kechiche; Terra Fria – 2005, Diretora Niki Caro.

cultura, desconstruindo a mentalidade conservadora e preconceituosa que impede os avanços nos direitos humanos das mulheres”<sup>57</sup>.

Um movimento de organização da juventude é o Levante Popular da Juventude, fundado em 2006. Uma organização de jovens que buscam a transformação social. Organização que está dividida em três frentes de atuação: Estudantil, Territorial e Camponesa. Já outra organização da juventude, mais voltada aos universitários é a União Nacional dos Estudantes – UNE<sup>58</sup>, fundada no Rio de Janeiro, no ano de 1937. Uma organização que aglutina os estudantes universitários do Brasil, que foi oficializada em 1942 como a entidade representativa desse grupo<sup>59</sup>.

Uma outra organização que se coloca mais à esquerda é o Polo Comunista Luiz Carlos Prestes, fundado em 1992, após um rompimento com o Partido Comunista Brasileiro – PCB, movimento criado com a grande influência do militar e político Brasileiro Luís Carlos Prestes. Existem outras diversas organizações que se posicionam mais à esquerda, entre elas as organizações da juventude de partidos, como a União da Juventude Comunista, a União da Juventude Socialista, a Juventude PSOL, a Juventude do PT, entre tantas outras organizações, mas tentamos Alencar aqui algumas com maior evidencia no cenário nacional.

Quanto ao contexto mundial, é no final do primeiro decênio e início do segundo do século XXI, que ocorrem diversas insurreições espalhadas pelo globo, como a Primavera Árabe, que eclodiu nos países do Oriente médio com grande mobilização nas redes sociais. Desencadeando diversos protestos em países desse território<sup>60</sup> e também, em alguns países da África.

---

<sup>57</sup> Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/> Acessado em: 02/08/2017.

<sup>58</sup> Para os estudantes do ensino médio tem a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES, criada em 1948 e para os estudantes Pós-Graduandos existe a Associação Nacional de Pós-Graduandos – ANPG criada em 1986.

<sup>59</sup> Filmes recomendados referentes ao tema: A chinesa – 1967, Diretor Jean-Luc Godard; Partner – 1968, Diretor Bernardo Bertolucci; Se... – 1968, Diretor Lindsay Anderson; Os sonhadores – 2003, Diretor Bernardo Bertolucci; Os Edukadores – 2004, Diretor Hans Weingartner; A rebelião dos pinguins – 2007, Diretor Carlos Pronzato; Trotsky: A Revolução Começa Na Escola – 2010, Diretor Jacob Tierney.

<sup>60</sup> Com algumas diferenças sobre os países que compõem o Oriente Médio, no geral, os países são: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Chipre, Egito, Emirados Árabes, Iêmen, Israel, Irão, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Síria e Turquia.

Surgiam manifestações em diversos países do ocidente, como na França e também, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil em 2013<sup>61</sup>. É a partir daí, sem desconsiderar a importância desses acontecimentos para o exercício democrático, que se abre a possibilidade do avanço de posições de direita sem véus, uma proliferação de bandeiras liberais, moralistas, conservadoras, sem direção. Pois, pela primeira vez em anos, jovens tomam as ruas, sendo o perfil majoritário dos manifestantes nas jornadas de junho de 2013 ocorrida no Brasil:

Segundo a Folha de São Paulo, 84% dos manifestantes paulistas no dia 17 de junho não tinham preferência partidária, 71% participavam pela primeira vez de um protesto e 53% tinham menos de 25 anos. Pessoas com ensino superior eram de 77%. (SECCO, 2013, p. 71).

Foram as pautas progressistas que tomaram as ruas junto com posições conservadoras e que fizeram um grande grupo de pessoas perdidas em meio ao caos ganhar fôlego para gritar suas reais crenças, em um país marcado pela gritante desigualdade social e de valores arcaicos:

Vale lembrar que o Brasil é bem conservador – da “elite branca” paulistana à chamada “nova classe média” que ascendeu socialmente, tendo como referências símbolos de consumo. Trata-se de uma população com 93% a favor da redução da maioridade penal. Que acha que a mulher não é dona de seu corpo. Que é contra o casamento gay. Que tem nojo dos imigrantes pobres da América do Sul. Que apoia o genocídio de jovens negros e pobres nas periferias das grandes cidades. [...] Grupos conservadores se organizaram na internet para pegar carona nos atos. Lá chegando, colocaram as mangas de fora com suas pautas paralelas. [...] Dentre esses indignados que foram preparados, ao longo do tempo, pela família, pela escola, pela Igreja e pela mídia para tratarem o mundo de forma conservadora, sem muita reflexão, filhos de pais que viveram o auge do neoliberalismo, tem gente simplesmente com muita raiva de tudo e botando isso pra fora. (SAKAMOTO, 2013, p. 99).

---

<sup>61</sup> Consultar: Cidades Rebeldes - Passe Livre e Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil. Editorial Boitempo; A Multidão Foi ao Deserto - As Manifestações no Brasil em 2013 Junho – Outubro. Editora Annablume; junho de 2013 - A sociedade enfrenta o Estado. Editora Summus; Manifestações e protestos no Brasil - Correntes e contracorrentes na atualidade. Editora Cortez.

Surgem movimentos sociais Liberais de viés mais à direita. Como o Liberal Movimento Brasil Livre – MBL<sup>62</sup>. “*O movimento que está mudando o mundo*”. Fundado em 2014, crescendo e ganhando adeptos de forma instantânea pelo país, possuindo mais de 150 núcleos espalhados pelo Brasil, com militantes de várias idades. Somente na última eleição municipal, o MBL elegeu 8 vereadores para o legislativo em alguns municípios<sup>63</sup>. Como também, o Deputado Federal do PSDB, eleito por Curitiba – PR, Paulo Martins<sup>64</sup>. Mesmo que aparentemente, o MBL apresente algumas propostas consideradas “progressistas”, aprovadas no seu primeiro congresso em 2014, tais como: redução do número de alunos por professor, utilização de água reciclada para limpeza urbana, fim do fundo partidário, diminuição do número de deputados, fim do alistamento militar obrigatório, suspender o salário de parlamentares presos. Entretanto, percebe-se que são propostas que demonstram a prática moralizante do Movimento e com uma leitura mais atenta fica evidente a sua linha liberal, privatista, com as propostas: apresentação do Projeto de Lei “Escola sem Partido<sup>65</sup>” em todos os legislativos, redução de impostos das escolas privadas, militarização das escolas em áreas de risco, onde a iniciativa privada não atue, gestão privada de escolas públicas através de Organizações

---

<sup>62</sup> Vídeo introdutório do MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yf5JRNdaw4> Acesso em: 26/05/2017.

<sup>63</sup> Sendo: Carol Gomes por Rio Claro SP, pelo PSDB; Emília Corrêa pela capital de Sergipe, pelo PEN; Fernando Holiday, sendo o 13º vereador mais votado pela cidade de São Paulo, pelo partido DEM; Filipe Barros Londrina PR, eleito pelo PRB; Homero Marchese por Maringá PR, pelo partido verde – PV; Leonardo Braga por Sapiranga RS, eleito pelo PSDB; Marschelo Merche por Americana SP, pelo PSDB; Ramiro Rosário por Porto Alegre RS, eleito também, pelo PSDB.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://mbl.org.br/> Acesso em: 24/05/2017.

<sup>65</sup> Fortalecendo o movimento Escola Sem Partido que surgiu no início do século presente e vem ganhando força com o avanço da onda conservadora que se desvela nos últimos anos. O movimento possui um canal de comunicação chamado: Flagrando o Doutrinador e até incentivo financeiro para os alunos denunciarem seu professor. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/> Acesso em: 19/05/2017. Ideais já presentes desde o século passado na obra de Weber que defende uma “neutralidade” do professor em sala de aula: “A juventude espera um líder e não um professor. Ora, só como professor é que se ocupa uma cátedra. É preciso que não se faça confusão entre duas coisas tão diversas e, facilmente podemos convencer-nos da necessidade dessa distinção. [...]. De qualquer forma, a sala de aula não será jamais o local em que o professor possa fazer prova de tal aptidão. O professor que sente a vocação de conselheiro da juventude e que frui da confiança dos moços deve desempenhar esse papel no contato pessoal de homem para homem. Se ele se julga chamado a participar das lutas entre concepções de mundo e entre opiniões de partidos, deve fazê-lo fora da sala de aula, deve fazê-lo em lugar público, ou seja, por meio da imprensa, em reuniões, em associações, onde queira. É, com efeito, demasiado cômodo exibir coragem num local em que os assistentes e, talvez, os oponentes, estão condenados ao silêncio”. (WEBER, 2011, p, 52,54).

Sociais e Parcerias Público-Privadas, privatizar ou transformar em Parceria Público Privada os serviços de saneamento básico, revogação da Lei Rouanet, todos os programas sociais devem ser disponibilizados para todos os bancos, todos os bancos devem ser privatizados, o mais urgente é a Caixa Econômica Federal, revisão do capítulo econômico da Constituição para adotar a economia de mercado, onde a interferência do Estado deverá ser justificada, a lei trabalhista deve ser modificada, o calibre do armamento das polícias não deve ser restringido, fim da função social da propriedade, privatização de presídios, privatização de linhas de metrô e VLT e criação de novas linhas por meio de PPPs<sup>66</sup>. Já no segundo Congresso do MBL, ocorrido no final de 2016 estiveram presentes, entre outros: o jornalista Liberal Democrático Reinaldo Azevedo, o Ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, Ministro Mendonça Filho, o “administrador” Prefeito eleito em São Paulo para a prefeitura de 2017, João Doria, a Jurista Janaina Paschoal, uma das responsáveis pela acusação no processo de Impeachment de Dilma Rousseff e líderes do movimento, Fernando Holiday, Kim Kataguirí e o Deputado Federal Paulo Eduardo Martins. No terceiro Congresso do Movimento, ocorrido no final de 2017, esteve presentes nomes como: Luiz Felipe Pondé, Marco Feliciano, João Doria, Filipe Sabará, diversos simpatizantes, jornalistas, políticos, professores e as lideranças do movimento.

Surge também em 2014, o Movimento Social Vem Pra Rua Brasil<sup>67</sup>, levantando a bandeira da democracia, da ética, do Estado eficiente e desinchado. Se colocando contra a corrupção e: *“contra qualquer tipo de violência, condena todos os tipos de extremismo (separatismo, intervenção militar, golpe de Estado) e não compactua com governos autoritários”*. Mas que mostra sua verdadeira linha ideológica liberal. Foram, principalmente, esses movimentos e seus líderes, que impulsionaram o impeachment jurídico-parlamentar-midiático de Dilma Rousseff:

Acreditamos na força do povo brasileiro, na sua capacidade inventiva, na sua generosidade e no seu trabalho – e num

---

<sup>66</sup> Propostas aprovadas no primeiro congresso nacional do Movimento Brasil Livre em novembro de 2015. Disponível em: <http://mbl.org.br>. Acessado em: 13/11/2016.

<sup>67</sup> Vídeo introdutório do Vem Pra Rua. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=Wj20HBmt8\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=Wj20HBmt8_M). Acesso em: 26/05/2017.

Estado que garanta minimamente segurança, educação básica, saneamento básico e saúde para todos. Queremos menos impostos e mais Brasil. Queremos uma sociedade que ofereça igualdade de oportunidade a todos, sem distinção. Queremos mais concorrência e menos clientelismo [...] O NOSSO PARTIDO É O BRASIL. Disponível em: <http://www.vempruarua.net/manifesto/> Acesso em: 09/05/2017.

Há pouco mais de um ano em uma manifestação em apoio ao Deputado Federal Jair Bolsonaro, surgiu e está ganhando aderência e mentes paulistanas em favor da candidatura do mesmo para Presidência da República em 2018 é o Direita São Paulo<sup>68</sup>, fundado em 1 de maio de 2016. Com valores de: *“Deus, Pátria e Família”*. Com o objetivo de reavivar a: *“Direita Conservadora e Reacionária. Pelo resgate dos valores e desconstrução do marxismo cultural”*. Movimento que se coloca a favor da chamada soberania nacional, da militarização, defendendo a Polícia Militar, realizando manifestações xenofóbicas, se colocando claramente contra a nova Lei de Imigração aprovada nas casas legislativas, em favor do projeto de lei da Escola sem Partido, PL 7180/14, defensores do armamento para legítima defesa das chamadas “pessoas de bem”, PL 3722/2012. Difunde a ideia de que o jornal Folha de São Paulo, segundo eles, *“Foice de São Paulo”*, é comunista.

Já no ano de 2012, funda-se o Instituto Social com sede em Fortaleza, o “Endireita” Brasil. Defendendo visivelmente as raízes de um passado que teima em permanecer em pé, como consta o objetivo do grupo no Artigo 2º de seu Estatuto:

O instituto Endireita Brasil tem por objetivos: o estudo e a pesquisa da realidade brasileira e internacional, a doutrinação, a educação e formação políticas, a propugnação pelo valor da política conservadora e de direita. A orientação da cidadania, o direito à defesa, os direitos humanos do cidadão de bem, a defesa da soberania nacional, a manutenção da família constituída por marido e mulher, a promoção do desenvolvimento econômico sustentável e social com ênfase na iniciativa privada, a defesa dos valores éticos e morais, a luta intransigente contra a corrupção e a impunidade e a realização de campanhas de mobilização popular nas ruas e virtuais na internet. Disponível em:

---

<sup>68</sup> Vídeo introdutório de comemoração de um ano do Direita São Paulo. Disponível: <https://www.facebook.com/direitasaopaulo/videos/1157580614346603/> Acesso em: 26/05/2017.

<http://www.rmwsis.com.br/endereita/modelo/estatuto.htm>  
Acessado em 09/05/2017.

Ocorre a proliferação de institutos liberais, um em São Paulo fundado em 2014, com princípios da liberdade, vida e propriedade e em vários Estados, um independente do outro, grupos distintos.

Bem como, para propagar os ideais de direita, mostrando que a direita também, produz pesquisas, encontros, palestras, cursos de difusão de ideias, trabalhando a base, fundado em 2015, em Alagoas, com viés Liberal é o Instituto Liberal de Alagoas – ILA. Sendo um instituto que visa: *“Produzir e proporcionar a difusão e ensino do liberalismo em todo o país, especialmente no estado de Alagoas”*: Mostrando em seus valores e ações a defesa do posicionamento liberal da economia de mercado, do enfraquecimento do Estado, da ideia de “empresário de si<sup>69</sup>”, capturando o subjetivo individual, na produção do sujeito endividado, da sociedade preocupada, cansada, da “sociedade do desempenho<sup>70</sup>”, “trabalhando para sua tumba”. Ideia privatizante que busca fomentar, de diversas formas, a política liberal. É desse Instituto que surge em meados de 2016 o grupo: Serviço Social Libertário<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> Consultar obra: Nascimento da Biopolítica – Foucault. Publicado pelo Editora Martins Fontes em 2008.

<sup>70</sup> Byung-Chul Han. Sociedade do Cansaço. Publicado pela Vozes em 2015.

<sup>71</sup> “Toda profissão, diferentemente de ocupação, requer uma formação, seja prática ou teórica (vide filosofia, por exemplo). No entanto, o que temos no Serviço Social brasileiro é uma formação de militância de esquerda, em que as questões objetivas e realmente necessárias para a atuação como assistente social são deixadas para segundo plano. Na grade curricular de muitas universidades do Brasil, as disciplinas de políticas públicas e sociais - essências para o trabalho do (a) assistente social (saúde, habitação, assistência) - não constam como disciplinas obrigatórias do curso, não levando em consideração o fato de que estes são os setores que mais absorvem os profissionais da área. Não há preocupação com esta questão por parte de quem monta a grade curricular da profissão e é urgente que se repense uma formação que esteja de acordo com a realidade do assistente social e também da lógica do mercado de emprego, pois não se trata de militantes ou de filantropia, somos profissionais e almejamos uma boa colocação e recompensa no mercado de trabalho. Quem não tiver este como objetivo, nada impede que milite ou faça trabalhos sem remuneração. Com a formação que temos, fica obscura a fronteira entre o profissional e o que não passa de mera militância pró-esquerda. O nosso compromisso deve ser com a população que atendemos. E eles esperam encontrar um profissional capacitado, que lhe oriente e direcione quanto à sua demanda. [...] O Serviço Social Libertário é um movimento iniciado por alunas (os) e profissionais de Serviço Social, de diferentes estados do país, insatisfeitas com a doutrinação marxista sustentada pelo nosso curso e que fundamenta uma prática profissional político-ideológica. O movimento é totalmente avesso ao marxismo, primeiramente, por entender que a teoria incorre em equívocos (como por exemplo, a teoria do valor, a teoria da exploração e da luta de classes). Também, por entender que as diversas tentativas de implantação do sistema socialista/comunista sempre resultaram em totalitarismo, cruéis ditaduras, supressão das liberdades individuais e miséria generalizada. O objetivo principal da página é trazer a teoria



liberal para dentro do universo do Serviço Social, apresentando outras propostas de soluções para os problemas econômicos e sociais do país, que não seja a "ditadura do proletariado" e a utópica "revolução comunista". Além de evidenciar o quão prejudicial é a atuação desmedida do Estado que não se limita às suas funções essenciais, de segurança e de proteção, mediante a lei, da inviolabilidade dos direitos individuais. Acreditamos que o caminho da liberdade e do respeito aos direitos individuais, como vida e propriedade, são essenciais para a organização da sociedade e bem-estar comum. Existem várias escolas de pensamentos liberais, mas entendemos que a Escola Austríaca de Economia é a mais completa, por abranger não apenas ao pensamento econômico, mas também tratar de filosofia e direito, por isso, os assuntos tratados pela página terão como base os teóricos dessa escola. A página tem, ainda, por objetivo, alcançar mais pessoas que, como nós, as editoras, conseguem identificar a doutrinação do curso e a grande armadilha que é o socialismo. Não nos absteremos de denunciar as típicas atitudes intolerantes, fatalmente arrogantes e totalitárias daqueles que se dizem defensores da democracia, da liberdade, da igualdade e do pluralismo, mas que defendem um sistema opressor; tão pouco deixaremos de ironizar ou polemizar os assuntos que dizem respeito ao Serviço Social e à ideologia marxista e seus teóricos. Atualmente, a página possui três editoras, mas o grupo de "opositores Serviço Social" é bem maior e abrange conversadores (as), liberais e libertários (as). A história do grupo teve início este ano (2016), quando nos conhecemos através de publicações nas redes sociais, mas o movimento individual, dentro do curso, já possui história desde 2010. Foi, mais especificamente, através da divulgação, nas páginas liberais, da defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso, no Serviço Social, fundamentado no pensamento da Escola Austríaca de Economia, que nos conhecemos e, com alguns meses depois, montamos o grupo, que hoje cresce cada vez mais". Informações extraídas da página da Rede Social. Disponível em: <https://www.facebook.com/servicosociallibertario/> Acessado em: 10/07/2017.

# SOU ASSISTENTE SOCIAL E DIGO SIM À PEC 241

SERVIÇO SOCIAL  
*Libertário*

Com a perspectiva do Libertarismo, focado nas liberdades individuais, na privatização, na propriedade, no enxugamento do Estado, nas “contrarreformas” propondo difundir as ideias liberais a partir dos principais temas discutidos nas áreas sociais, tais como: Economia, política e cultura.

Em 2006, outro grupo, mas que atualmente está meio esquecido é o Movimento Endireita Brasil<sup>72</sup>. Um movimento que busca preservar os valores morais, conservadores, defendendo: *“uma nova direita no cenário político brasileiro: liberal, ética e democrática”*. Tendo como ideais e princípios:

Primazia das Liberdades Individuais sobre o Interesse Coletivo; Livre Iniciativa e Livre Mercado; Respeito às Leis, aos Contratos e à Propriedade Privada; Governo Limitado; Sólidos Valores Morais e Éticos; Estado Democrático de Direito, em Ideal e Princípios. Disponível em:

<sup>72</sup> Tendo como seu principal fundador o Advogado Ricardo Salles e atual Secretário do Meio Ambiente do governo do Estado de São Paulo. Grupo ligado ao Instituto Millenium, pela militância conservadora de direita.

[https://www.facebook.com/pg/endireitabrasil/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/endireitabrasil/about/?ref=page_internal) Acessado em: 09/05/2017.

Já na esteira das redes sociais surge o: Revoltados online. Que busca difundir os princípios da lei de segurança, com ideais que tendem ao fascismo: *“Tentativa do ser humano de fazer valer o seu valor, contra tudo aquilo que o humilha”*.

O que presenciamos na virada do segundo decênio do século XXI é um alargamento de movimentos, organizações criadas pelas ruas e redes sociais, com uma bandeira de anticorrupção que agrega muitas pessoas, uma grande parcela da juventude. Mas que esconde valores morais tradicionais, buscando a independência do mercado sobre o Estado, defesa da propriedade, “desinçamento” do Estado. Mas não consideram que a regulamentação da desregulamentação depende do Estado, mesmo o ato privado precisa do ato regulatório público do Estado. As políticas neoliberais implicam em intervenções estatais tão numerosas quanto as intervenções Keynesianas, porém, diferentemente dessas, elas não devem sustentar a “demanda”, mas sim a “oferta”. Uma intervenção: não sobre o mercado, mas para o mercado. (LAZZARATO, 2011, p. 18, 29).

Em todos os países do Ocidente capitalista, é o Estado que implementa as leis e as normas que abrem a via para a reconstrução neoliberal do mercado como sistema pretendidamente autorregulado. (LAZZARATO, 2011, p. 52). Onde algumas instituições possuem um viés ainda mais conservador, segregacionista, racista, xenofóbico, fascista e permanecem fazendo escola, usando de ferramentas para capturar o subjetivo da população brasileira, onde os movimentos sociais, assim como a sociedade e as instituições como um todo, são levados pela captura subjetiva individual capitalista. Concepção que, ressaltadas as diferenças históricas, se perpetua desde o início da idade moderna.

## **2.1 OS PARTIDOS POLÍTICOS**

No Brasil, temos 35 partidos registrados que podem disputar eleições, 27 legendas representadas na Câmara Federal na sua 55ª legislatura 2015-

2019, com 513 Deputados atuantes na casa, num total de 536 Deputados no total. Números que mostram a polarização político-partidária, que se evidencia a necessidade e urgência da reforma política, mas qual reforma política?

Diferente do que ocorreu nas mãos frias da Ditadura Militar brasileira em 1965, que ceifou os partidos políticos e várias outras sanções com seu Ato Institucional de número dois, AI-2, hoje ocorre uma proliferação de ideias, de partidos, mas com ideologia um tanto próxima da considerada hegemônica. Além dos 35 partidos reconhecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral, existem mais 65 partidos em processo de formação, reconhecimento, coleta de assinaturas e todos os trâmites para se oficializar, conforme observamos nas tabelas 1 e 2.

Uma quantidade menor de representação de legendas está presente no Senado federal, uma vez que a casa recebe 3 senadores por unidade federativa, ou seja, 26 Estados mais o Distrito Federal, totalizando 81 senadores em nome de 17 legendas partidárias, como observamos na tabela 3.

Mas independentemente de sua finalidade, distinta da Câmara dos Deputados, se percebe uma grande quantidade de partidos com ideais reacionários, conservadores, liberais, mais à direita, restante um grupo pequeno, com pouca força para disputar e vencer as pautas retrógradas. Tanto na Câmara Federal quanto no Senado, a maioria esmagadora dos partidos defende pautas conservadoras, é só analisarmos o cenário político atual das reformas do governo federal, que tem grande base no Congresso para governar e aprovar medidas que representam retrocessos sociais, existindo uma resistência, em alguns partidos como o PSoL, PCdoB, PT<sup>73</sup> e outros parlamentares, mas que não dão conta de barrar institucionalmente os projetos do governo da “Ordem e Progresso” e tantos outros projetos que visam criminalizar uma classe que historicamente vem sendo massacrada pelo sistema societário vigente. Existem outros partidos de viés mais à esquerda, mas que não possuem estrutura, recursos e possibilidade de disputar eleições no modelo político eleitoral em curso da política representativa, mas que devem

---

<sup>73</sup> Mesmo reconhecendo as conquistas e os avanços que o PT possibilitou para os trabalhadores, cabe lembrar que esse partido governou com aliança junto ao Presidente Temer e muitas pautas de retrocessos dos direitos sociais foram fomentadas também pelo Partido dos Trabalhadores.

criar condições para tal. Como o PCO, PCB, PSTU, mas com a plena certeza que esses meios institucionais são necessários, mas com limites, pois:

O mínimo a que somos elevados pela determinação ontonegativa da politicidade, configurada por Marx, é à percepção de que a prática política é por natureza irresolutiva, de modo que é uma ilusão castradora assentar sobre ela a esperança de que as questões humano-societárias possam por seu meio ser efetivamente resolvidas. (CHASIN Apud ALBINATI, 2008, p. 18).

Os meios institucionais, assim como os direitos conquistados historicamente vem sendo atacados, onde nos fazem resistir para a manutenção dos mesmos, mas sem nos iludir quanto ao real significado e necessidade que esses representam para a manutenção da ordem.

**QUADRO 1: PARTIDOS RECONHECIDOS, SUA LEGENDA E ANO DE FUNDAÇÃO:**

<b>NOME</b>	<b>SIGLA</b>	<b>NÚMERO DE MEMBROS</b>	<b>FUNDAÇÃO</b>
PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO	PMDB	66 integrantes na Câmara Federal	1980. Surgindo do Movimento Democrático Brasileiro – MDB, fundado em 1966
PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO	PTB	18 integrantes na Câmara Federal	1945
PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA	PDT	19 integrantes na Câmara Federal	1979
PARTIDO DOS TRABALHADORES	PT	59 integrantes na Câmara Federal	1980
DEMOCRATAS	DEM	26 integrantes na Câmara Federal	2007
PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL	PCdoB	10 integrantes na Câmara Federal	1922
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO	PSB	33 integrantes na Câmara Federal	Surgindo de uma ala interna da União Democrática Nacional – UDN, Esquerda de 1945. Fundando o PSB em 1947
PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA	PSDB	51 integrantes na Câmara Federal	1988
PARTIDO TRABALHISTA CRISTÃO	PTC	Não possui Deputado Federal em exercício	Surgindo do Partido da Juventude – PJ em 1985, após, alterado o nome para Partido da Reconstrução Nacional – PRN em 1989 e em 2000, se tornado PTC
PARTIDO SOCIAL CRISTÃO	PSC	8 integrantes na Câmara Federal	1985
PARTIDO DA MOBILIZAÇÃO NACIONAL	PMN	Não possui Deputado Federal em exercício	1985
PARTIDO REPUBLICANO PROGRESSISTA	PRP	1 integrante na Câmara Federal	1989
PARTIDO POPULAR SOCIALISTA	PPS	8 integrantes na Câmara Federal	Surgindo da cisão com o Partido Comunista Brasileiro - PCB de 1922, fundando o PPS em 1922
PARTIDO VERDE	PV	6 integrantes na Câmara Federal	1986

PARTIDO TRABALHISTA DO BRASIL	PTdoB	3 integrantes na Câmara Federal	1989
PARTIDO PROGRESSISTA	PP	47 integrantes na Câmara Federal	Fusões com os: Partido Democrático Social – PDS de 1980, antigo Aliança Renovadora Nacional – ARENA de 1965. Partido Democrata Cristão – PDC de 1945. Surgindo o Partido Progressista Reformador – PPR de 1993 e no ano seguinte, outra fusão com a legenda PP criada em 1994. Assim surge o Partido Progressista Brasileiro – PPB. Em 2003, se retira o B da legenda fica PP
PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES UNIFICADO	PSTU	Não possui Deputado Federal em exercício	Surgido da Convergência Socialista com o Partido dos Trabalhadores – PT de 1980. Criando o PSTU em 1994
PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO	PCB	Não possui Deputado Federal em exercício	1922
PARTIDO RENOVADOR TRABALHISTA BRASILEIRO	PRTB	1 integrante na Câmara Federal	Surgido dos: PTR de 1985, após o fim da fusão desse partido, surge o Partido Trabalhista Renovador Brasileiro – PTRB de 1993 e após, surge o PRTB em 1994
PARTIDO HUMANISTA DA SOLIDARIEDADE	PHS	7 integrantes na Câmara Federal	Surgido do Partido Solidarista Nacional – PSN de 1995. Em 1997 alterou o nome para Partido da Solidariedade Nacional. Em 1999 se fundiu com o Partido Humanista Democrático do Brasil - PHDB e em 2000 altera a legenda para PHS
PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA CRISTÃO	PSDC	Não possui Deputado Federal em exercício	Surgindo do Partido Democrata Cristão – PDC de 1945 e em 1995 surge o PSDC
PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA	PCO	Não possui Deputado Federal em exercício	Surgido da Tendência Trotskista do Brasil – TTB de 1978 e da dissidência com o PT em 1991,

			surgindo assim, o PCO em 1995
PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL	PTN	13 integrantes na Câmara Federal	1945
PARTIDO SOCIAL LIBERAL	PSL	2 integrantes na Câmara Federal	1994
PARTIDO REPUBLICANO BRASILEIRO	PRB	22 integrantes na Câmara Federal	Surgido do Partido Municipalista Renovador - PMR em 2005, no mesmo ano, meses depois, se altera para a legenda PRB
PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE	PSOL	6 integrantes na Câmara Federal	Dissidência com o PT, criando o PSOL em 2005
PARTIDO DA REPÚBLICA	PR	43 integrantes na Câmara Federal	Surgido da fusão com o Partido Liberal – PL de 1985 e com o Partido de Reedificação da Ordem Nacional – PRONA de 1989, criando o PR em 2006
PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO	PSD	33 integrantes na Câmara Federal	2011
PARTIDO PÁTRIA LIVRE	PPL	Não possui Deputado Federal em exercício	2009
PARTIDO ECOLÓGICO NACIONAL	PEN	3 integrantes na Câmara Federal	2012
PARTIDO REPUBLICANO DA ORDEM SOCIAL	PROS	7 integrantes na Câmara Federal	2010
SOLIDARIEDADE	SD	14 integrantes na Câmara Federal	2013
PARTIDO NOVO	NOVO	Não possui Deputado Federal em exercício	2011
REDE SUSTENTABILIDADE	REDE	4 integrantes na Câmara Federal	2013
PARTIDO DA MULHER BRASILEIRA	PMB	2 integrantes na Câmara Federal	2008

Dados extraídos de: <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>; <http://www2.camara.leg.br/> Acesso em: 16/05/2017.

**QUADRO 2: NÚMERO DE PARTIDOS EM FORMAÇÃO E SUA  
LEGENDA:**

<b>NOME</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ORDEM DE ENTRADA</b>
PARTIDO DEMOCRATA CRISTAO	PDC	1
IGUALDADE	IDE	2
PARTIDO REPUBLICANO CRISTÃO	PRC	3
PARTIDO CARISMÁTICO SOCIAL	PCS	4
UNIÃO DA DEMOCRACIA CRISTÃ DO BRASIL	UDC DO B	5
PARTIDO BRASILEIRO	PB	6
PARTIDO MANANCIAL NACIONAL	MANANCIAL	7
PARTIDO HUMANITÁRIO NACIONAL	PHN	8
PARTIDO DA SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA	PSPC	9
PARTIDO MUDA BRASIL	MB	10
PARTIDO NACIONAL TRABALHISTA BRASILEIRO	PNTB	11
PARTIDO DEMOCRATICO DOS SERVIDORES PÚBLICOS	PDSP	12
PARTIDO DEMOCRATICO LIBERAL	PDL	13
TRIBUNA POPULAR	TRIBUNA	14
IGUAIS	IGUAIS	15
PARTIDO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL E CIDADANIA	PISC	16
PARTIDO DA MOBILIZAÇÃO POPULAR	PMP	17
PARTIDO DA SOLIDARIEDADE NACIONAL	PSN	18
PATRIOTAS	PATRI	19
RENOVAR	RNV	20
PARTIDO CONSCIÊNCIA DEMOCRÁTICA	PCD	21
PARTIDO DO ESPORTE	PE	22
FORÇA BRASIL	FB	23
PARTIDO DA REFORMA URBANA E AGRÁRIA DO BRASIL	PRUAB	24
NOVA ORDEM SOCIAL	NOS	25
PARTIDO NACIONAL DA SAÚDE	PNS	26
PARTIDO POPULAR DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO AFRO-BRASILEIRA	PPL	27
REAL DEMOCRACIA PARLAMENTAR	RDP	28
PARTIDO DOS SERVIDORES PÚBLICOS E DOS TRABALHADORES DA INICIATIVA PRIVADA DO BRASIL	PSPB	29
PARTIDO LIBERAL CRISTÃO	PLC	30
PARTIDO ALTERNATIVO DO TRABALHADOR	PAT	31
PARTIDO UNIVERSAL DO MEIO AMBIENTE	PUMA	32

PARTIDO PELA ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL	PAIS	33
PARTIDO DO PEQUENO E MICRO EMPRESÁRIO BRASILEIRO	INOVABRASIL	34
PARTIDO NACIONAL CORINTHIANO	PNC	35
PARTIDO MILITAR BRASILEIRO	PMBR	36
PARTIDO DO SERVIDOR PÚBLICO E PRIVADO	PSPP	37
UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL	UDN	38
ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL	ARENA	39
UNIÃO PARA A DEFESA NACIONAL	UDN	40
PARTIDO DA CIDADANIA	PCI	41
PARTIDO DOS DEFENSORES DA ECOLOGIA	PDECO	42
PARTIDO REFORMISTA DEMOCRÁTICO	PRD	43
PARTIDO DA EVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA	PED	44
PARTIDO DA REESTRUTURAÇÃO DA ORDEM NACIONAL	PRONA	45
PARTIDO DA REEDIFICAÇÃO DA ORDEM NACIONAL	PRONA	46
PARTIDO CONSERVADOR	PACO	47
PARTIDO HUMANISTA DEMOCRÁTICO	PHD	48
PARTIDO GERAL DOS TRABALHADORES DO BRASIL	PGT DO B	49
MOVIMENTO CIDADÃO COMUM	MCC	50
PARTIDO PIRATA DO BRASIL	PIRATAS	51
PARTIDO POLÍTICO ANIMAIS	ANIMAIS	52
UNIDADE POPULAR	UP	53
PARTIDO PROGRESSISTA CRISTÃO	PPC	54
PARTIDO ECOLÓGICO CRISTÃO	PEC	55
PARTIDO FEDERALISTA	PF	56
PARTIDO DA FAMÍLIA BRASILEIRA	PFB	57
PARTIDO DA FRENTE FAVELA BRASIL	FRENTE	58
PARTIDO SOCIAL TRABALHISTA	PST	59
PARTIDO REPUBLICANO CRISTÃO BRASILEIRO	PRCB	60
RAIZ - MOVIMENTO CIDADANISTA	RAIZ	61
PARTIDO NACIONAL INDÍGENA	PNI	62
PARTIDO DA DEFESA SOCIAL	DS	63
PARTIDO DE ORGANIZAÇÃO DEMOCRÁTICA DOS ESTUDANTES	PODE	64
LIGA DEMOCRÁTICA LIBERAL	LIGA	65

Dados extraídos de: <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/partido-em-formacao> Acesso em: 31/08/2017.

**QUADRO 3: PARTIDOS E NÚMERO DE MEMBROS POR LEGENDA  
NO SENADO:**

<b>NOME</b>	<b>SIGLA</b>	<b>MEMBROS</b>
PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO	PMDB	22
PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO	PTB	2
PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA	PDT	2
PARTIDO DOS TRABALHADORES	PT	9
DEMOCRATAS	DEM	4
PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL	PCdoB	1
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO	PSB	7
PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA	PSDB	11
PARTIDO TRABALHISTA CRISTÃO	PTC	1
PARTIDO SOCIAL CRISTÃO	PSC	1
PARTIDO POPULAR SOCIALISTA	PPS	1
PARTIDO VERDE	PV	1
PARTIDO PROGRESSISTA	PP	7
PARTIDO REPUBLICANO BRASILEIRO	PRB	1
PARTIDO DA REPÚBLICA	PR	4
PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO	PSD	5
REDE SUSTENTABILIDADE	REDE	1
SEM PARTIDO		1
<b>TOTAL</b>	17 Partidos	81

Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/hpsenado> Acesso em: 06/05/2017.

A hegemonia conservadora burguesa é reforçada no imaginário popular pelo meio de comunicação mais acessado, que mesmo com a propaganda do aumento do acesso à internet, a televisão, continua pautando as tendências ideológicas hegemônicas. Onde é difícil captar nas entrelinhas o que não é dito para além do que é dito, sobretudo, pela baixa escolarização do público que mais assiste Televisão, de acordo com a última pesquisa realizada no ano de 2016 e publicada no final desse mesmo ano pela Secretaria de Comunicação Social do departamento de pesquisa de opinião pública do Governo Federal, que teve sua primeira edição em 2014.

A Pesquisa Brasileira de Mídia, mostra que a Televisão é o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros, com mais de 60%, em um período de mais de três horas diárias acessada todos os dias da semana. O canal mais assistido é a Globo, com 73%. A televisão é o meio de comunicação mais confiável de acordo com a pesquisa. A internet é o segundo colocado no acesso da população. Mas a confiabilidade das informações prestadas pelo meio virtual goza de pouca credibilidade, com informações muito difusas, pouco confiáveis. Já a revista mais lida pela população é a Revista Veja, o jornal que se costuma mais ler é o jornal O Globo<sup>74</sup>, seguido pelo jornal Folha de São Paulo. Um leitor atento percebe nessa pesquisa realizada, ao contrário do que se costuma difundir, que a confiança e democratização da internet não são tão verdadeiras e ainda, o meio de comunicação televisivo continua sendo preponderante na transmissão de informação, sob a batuta da maior rede de comunicação brasileira. A população brasileira até o ensino médio completo, predominantemente assiste televisão, e quanto menor é a renda, menor é o acesso a outros meios de comunicação para além da televisão.

A TV é o meio de comunicação mais acessado pelos entrevistados, sendo mencionada pela quase totalidade da amostra. Pouco mais de três quartos dos entrevistados assistem TV todos os dias da semana. O acesso é mais frequente entre segunda e sexta-feira, e o tempo médio de acesso supera as três horas diárias. As emissoras da TV

---

<sup>74</sup> Esses meios de comunicação mais acessados e com maiores possibilidades de condicionar seus leitores, ouvintes e telespectadores pela estrutura e força política que detém, possuem condições para entrar nas mentes humanas. Mas existem resistências, mesmo com pouca visibilidade e fazendo jornalismo mais marginal, tem a Mídia Ninja e outros meios de comunicação mais independentes.

aberta são as mais assistidas, principalmente a Rede Globo [...] O Globo e a Folha de São Paulo são os jornais mais lidos. [...] Cerca de um em cada quatro entrevistados dizem ler revistas [...] O título mais lido é Veja; Caras, IstoÉ e Época estão em um segundo patamar [...] mais da metade dos entrevistados que assistem TV confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas por esse meio. É possível observar que quase seis em cada dez ouvintes de rádio confiam sempre ou quase sempre nas notícias divulgadas por essa mídia, proporção semelhante entre os leitores de jornais. Por volta de quatro em cada dez leitores confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas nas revistas. Por sua vez, a maioria dos usuários de internet confia poucas vezes ou nunca confia nas notícias de sites, de blogs e de redes sociais. (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2016, p. 33<sup>75</sup>).

É visível que a Direita vem entrando em cena nos últimos anos de forma mais aberta, sem receio de se mostrar e dizer o que pensa e pretende. A direita vem tomando as ruas e as redes sociais, não só no Brasil, mas em diversos países, a exemplo do Movimento Cívico Nacional - MCN da Guatemala, que difunde seus ideais em vários países. Com sua personagem principal: Gloria Alvarez, representante da Direita Latino Americana, liderança que esteve presente no Brasil, nos movimentos Pró Impeachment e palestrando na Fundação Fernando Henrique Cardoso<sup>76</sup>.

Um Mapeamento realizado em 2016, mostra que a Frente Parlamentar Agropecuária – FPA é uma das mais ativas e mais poderosas da Câmara Federal e conta com 207 deputados, composta majoritariamente pelo PMDB. O atual Presidente dessa frente é o deputado Nilson Leitão, o mesmo que apresentou o Projeto de Lei Nº 6.442/2016, referente às normas reguladoras do trabalho rural e outras providências. Indo além dos ataques feitos aos trabalhadores urbanos com o Projeto de Lei: 6787/16<sup>77</sup>. Permitindo extrapolar a jornada diária de trabalho em até 12 horas, supremacia do negociado sobre a

---

<sup>75</sup> Disponível em:

file:///C:/Users/ra00117393/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf Acesso em: 15/05/2017.

<sup>76</sup> Disponível em: <http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/> Acesso em: 15/05/2017.

<sup>77</sup> Aprovado em plenário da Câmara por 296 a favor e 177 votos contrários, que segue para apreciação do Senado. Disponível em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/saiba-como-votou-cada-deputado-no-texto-base-da-reforma-trabalhista.ghtml> Acesso em: 26/05/2017.

lei, sobre o legislado. Para além de outros pontos que demonstram a intenção de servidão, de escravidão moderna em jogo:

Art. 2.º As disposições desta Lei e da Consolidação das Leis do Trabalho, quanto ao trabalho rural, poderão ser negociadas mediante convenções ou acordos coletivos de trabalho [...] § 1.º A cláusulas constantes dos instrumentos coletivos de trabalho produzem efeitos exclusivamente durante seu prazo de vigência, não integrando o contrato de trabalho permanentemente [...] Art. 3.º Empregado rural é toda pessoa física que, em propriedade rural ou prédio rústico, presta serviços de natureza não eventual a empregador rural ou agroindustrial, sob a dependência e subordinação deste e mediante salário ou remuneração de qualquer espécie.

Dentre as bancadas de grande proporção na Câmara dos Deputados estão a Bancada Evangélica, Frente Parlamentar Evangélica, com 197 membros, sendo a Maioria do PMDB e seguida pelo PSDB. A mesma popularmente conhecida como Bancada da Bíblia, sendo muito próxima da chamada Bancada da Bala, com 35 Deputados sob a égide do PMDB e DEM, que é financiada pelas indústrias de armas e munições, pelo aparato bélico, pela necessidade de manter a guerra e a proliferação do medo. Outra Bancada de grande porte é a das Empreiteiras e Construtoras, contando com 226 adeptos, com a maioria do PT e logo após, o PSDB, tem também, a Bancada Empresarial, com 208 Deputados, sendo a maioria do PMDB e PSD. A bancada com maior quantidade de deputados é a Bancada dos Parentes, seguindo a tradição de castas e carreira da política parlamentar, composta por parlamentares com a maioria do PMDB e depois do PSDB. Bancadas com menor número na Câmara é a da Mineração, com a maioria do PMDB seguida pelo PSD com 23 Deputados e em seguida está a Bancada da Bola, com 14 representantes, composta principalmente pelo PTB e PSD. Outras duas bancadas relevantes, são a de Direitos Humanos e da Saúde, com 23 membros, maioria do PT e 21 membros, maioria do PT e PDT respectivamente<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> Existem Deputados que compõem mais de uma bancada: Disponível em: <http://apublica.org/2016/02/truco-as-bancadas-da-camara/> Acesso em: 15/05/2017.

## 2.2 AS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS

Um grupo de extrema importância no cenário político é a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, ligada à burguesia nacional e associada ao capital internacional, reunindo intelectuais orgânicos dessa classe. Com os princípios da competitividade, do capital humano, do empreendedorismo, do Agronegócio, da meritocracia, do patriotismo. Foi sede dos manifestantes pró impeachment de Dilma Rousseff e propulsionou a causa. Tem como Presidente Paulo Skaf, filiado ao PMDB, que foi derrotado nas urnas na candidatura ao governo do Estado de São Paulo em 2014.

A Força Sindical, fundada em 1991, também, esteve puxando o processo de impedimento da então Presidente Dilma Rousseff, sob a coordenação de seu Presidente, o Deputado Federal filiado ao SD, Paulo Pereira da Silva, o mesmo que articulou votos para o processo de saída da Presidente e entrada de seu vice, Michel Temer. O mesmo Presidente que visa implementar as reformas, contra as quais, nos últimos meses, essa organização sindical, vem puxando manifestações e fazendo notas, mas que já estavam presentes como necessidade no governo anterior.

A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – CTB de 2007, ligada ao PCdoB, com ataque ao governo de Michel Temer, mas que defende posturas governistas e de apoio ao governo anterior de Dilma, mas com um Plano de Lutas que tem como um de seus princípios a construção de outra sociabilidade, mas que demonstra a real intenção com as soluções da ordem nos limites na sociedade do capital. Entretanto, nos últimos tempos de nossa história, se faz necessário a luta e resistência para a manutenção dos direitos conquistados:

Pleno emprego; melhores salários; fortalecer a organização sindical; ampliar e universalizar os direitos trabalhistas e previdenciários; promover a reforma agrária efetiva; universalizar as políticas públicas; ampliar a democracia; unificar a luta com o movimento social; mudanças na política econômica; pela paz mundial; projeto de desenvolvimento nacional e socialismo<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Disponível em: <http://portalctb.org.br/site/a-ctb-nacional-brasil/plano-de-lutas-da-ctb> Acesso em: 16/05/2017.

Outra organização de trabalhadores é a Central Geral dos Trabalhadores do Brasil – CGTB fundada em 2004, com raízes revolucionárias, mas atualmente, com pautas que não colocam em questão a ordem social vigente.

Assim como a Central Única dos Trabalhadores – CUT, fundada em 1981, que está claramente ligada ao Partido dos Trabalhadores e que defende pautas governistas da forma popular de administração desse partido, que atua como conciliador de classe. Essa central possui uma história ampla na luta com os trabalhadores, mas vem deixando seus princípios primeiros de lado e se coloca ao lado das bandeiras governistas desse partido.

Já a União Geral dos Trabalhadores – UGT, fundada em 2007, tem claro viés liberal, mesmo estando na luta pelos direitos trabalhistas, mas sem muita intervenção estatal e nem questionando o modelo de sociedade contemporânea. Uma central Ligada ao PSD.

Outra Central Liberal fundada em 2005 que questiona a atuação do Estado e busca defender os direitos trabalhistas via conciliação de classes, é a Nova Central Sindical dos Trabalhadores – NCST. Assim como a Central dos Sindicatos Brasileiros, fundada em 2008 que é vinculada ao PMDB.

A Intersindical – Central da Classe Trabalhadora, ligada ao PSOL oficialmente em 2014, surgida de uma dissidência da Central Única dos Trabalhadores e tem um viés mais combativo que visa outro modelo societário.

Outra instituição que surge e está nesse mesmo norte é a Central Sindical e Popular CSP – Conlutas, fundada em 2010, onde o PSTU e Correntes do PSOL organizam os trabalhadores. Uma outra central Sindical de corrente classista dos trabalhadores e com ideologia de desmonte do capital, sendo integrada ao PCB é a Unidade Classista fundada em 2012.

Essa proliferação de centrais sindicais demonstra o desgaste e descrença na CUT, e o avanço da organização conservadora dos trabalhadores com centrais reacionárias, ideologicamente atreladas ao capital.

No último século se desenha uma lógica financeira de mando do capital e que se torna mais visível no atual. A hegemonia do capital financeiro e sua força de associação e expansão se repercute nas organizações e nessa proliferação de movimentos surgidos nos últimos anos. Vários partidos

políticos, onde a maioria esmagadora representa o grande capital e seus valores morais. Tempos em que se abre a “Caixa de Pandora”, onde já não se tem medo de falar e demonstrar o que pensa e quer a direita brasileira.

O Filósofo, escritor e ensaísta Luiz Felipe Pondé na sua coluna semanal do Jornal Folha de São Paulo, no caderno C10 Ilustrada<sup>80</sup> descreve uma “Tipologia minimamente científica da esquerda contemporânea” sob o título: Tipologia da esquerda contemporânea. O sarcasmo de escritório presente nos textos “festivos de direita” do ensaísta continua peculiar nesse ensaio, que descreve, segundo ele, de forma “minimamente científica” os clichês da esquerda. Pois ele acredita que os vícios da direita ainda não estão tão evidentes de modo a permitir traçar conhecimento científico. Vivemos tempos onde tudo se torna ciência, deteriorando o verdadeiro conceito do que é fazer ciência. E esse filósofo, como um estudioso do comportamento, melhor que ninguém pode fazer ciência de comportamentos viciados. Como para ele a esquerda é velha e já possui seus clichês, nos mostra “cientificamente ou, de forma minimamente científica” as divisões da esquerda contemporânea. O primeiro grupo de esquerda, segundo Pondé, é a “Esquerda Clássica” com sua “tara que morram todos os reacionários. Corrupção é uma ferramenta válida, desde que usada para o partido e a revolução”. Uma esquerda “quase extinta” com sua gênese nas lutas de classe do século XIX. Mas o autor da coluna esquece que essa esquerda, surge a partir da luta contra a opressão da nascente direita daquele século, mostrando seu arcaísmo tanto quanto a chamada clássica esquerda. Ou seja, a direita é tão velha quanto essa esquerda e proliferam seus clichês, a corrupção e os discursos de ódio de um contra outro grupo há tempos:

Conservando as marcas da sociedade escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierarquizada do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que

---

<sup>80</sup> PONDÉ, L. F. A esquerda, velha como é, já tem seus clichês comportamentais. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2017/08/1911512-a-esquerda-velha-como-e-tem-seus-cliches-comportamentais.shtml>. Acessado em 28/08/2017.

obedece. [...] quando a desigualdade é muito marcada, a relação social assume a forma nua da opressão física e/ou psíquica. A divisão social das classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da dominação. (CHAUI. 2000, p. 89).

### A “Esquerda Sindicalista”

Quase sempre formada de gente que adora a contribuição sindical obrigatória, nunca "trabalhou de fato", e enche as ruas com infelizes que ganham um lanche para fazer número. É bastante agressiva quando colocam em risco a sua renda paga pelos cofres públicos. (PONDÉ, 2017).

Pondé deveria dar “nome aos bois”, parece-nos, que ele está se referindo à prática dos sindicatos do campo do projeto popular desenvolvimentista que distribuíram lanches aos “infelizes” nos atos pró-Dilma e contra o impeachment da então Presidente da República no final de 2015 até meados de 2016.

Segundo o colunista existe também, a “Esquerda dos “Sem” e das vítimas” um grupo que cobra da sociedade, reparações contra a brutalidade desigual produzida pelo capitalismo.

Cientificamente o professor demarca a “Esquerda descendente dos Hobbies”, pessoas das hortas de varanda, que usam drogas como resistência ao capitalismo, que vivem com pouco dinheiro e se dedicam à arte e política”. O Filósofo diminui a história do movimento Híppie, que desde 1960 busca questionar, se posicionar e resistir ao sistema capitalista e seu modelo predatório de consumo da vida.

Classifica a “Esquerda dos campi universitários” composta por estudantes e professores da classe média alta, não considerando em sua classificação científica, a história do ensino universitário brasileiro, que nasce para atender à burguesia ariana advinda da Europa. Já os funcionários dessas instituições, que segundo Pondé, “são na sua maioria, ligados à esquerda sindical” como se houvessem sindicatos somente de esquerda, ademais, dados mostram que as taxas de sindicalização oscilam muito, com tendências de dessindicalização e dificuldades para atuar na crise da nova configuração do

trabalho, enfraquecendo as lutas sindicais<sup>81</sup>. O colunista fala do lugar que ocupa em algumas universidades elitistas em que leciona e se formou, como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Fundação Armando Álvares Penteado e a Universidade de São Paulo, esquecendo, até porque, não respira o ar do submundo das universidades das regiões extremas e nem nas chamadas “Uni-esquinas” que possuem uma grande massa de estudantes do mercado da educação, formando robôs para o mundo do emprego, que vendem diplomas a “toque de caixa”. Essas, não possuem estudantes e professores de classe média alta e nem funcionários sindicalizados à esquerda, não participando e nem fomentando espaços de discussões para além da sala de aula sobre o desenvolvimento social e político do país, situação de que as universidades de prestígio não estão tão distantes. Dados que passam despercebidos na construção científica do professor que percebe, somente as universidades tradicionais, brancas e abastadas. Além disso, Pondé é adepto do discurso contra o “diabólico marxismo cultural” que estaria impregnado por toda a parte, pois “nossos filhos são, há muitos anos, obrigados a ler o “Manifesto Comunista” como uma bíblia”. (PONDÉ, 2015<sup>82</sup>). Onde será que esse senhor está colocando essas crianças para estudar?

Descreve a “Esquerda Hollywood”, das premiações de raça, classe e gênero, dos heróis da Marvel. O termo Hollywood, que se tornou o espaço do cinema americano pelo clima, pela possibilidade de fugir das amarras de Nova York, dos períodos dos conflitos de gerações<sup>83</sup>. Pondé compara essa esquerda, com os espetáculos de reivindicações políticas, que estão presentes nessas premiações há décadas, em uma prática que busca criar seus heróis cinematográficos.

---

<sup>81</sup> Consultar a Obra de Ricardo Antunes. Adeus ao trabalho? - Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Edição comemorativa de 20 anos republicada pela editora Cortez, 2015. Ver também, o artigo de Antunes e Giovanni Alves As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital.

Disponível em <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0184.pdf> Acessado em 29/08/2017 e o Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela Universidade de Campinas por Pedro Henrique de Alcântara e Silva, 2014. Disponível em file:///C:/Users/Alex%20Gon%C3%A7alves/Downloads/SilvaPedroHenriquedeAlcantaraeTCC.pdf acessado em 29/08/2017.

<sup>82</sup> PONDÉ, L. F. O ódio fofo e o ódio não fofo. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2015/08/1669325-o-odio-fofo-e-o-odio-nao-fofo.shtml> Acessado em 29/08/2017.

<sup>83</sup> Consultar obra de Otto Friedrich. Cidade das redes – Hollywood nos anos 40. Traduzida por Angela Melin, publicada em 1988 pela Companhia das Letras.

A “Esquerda Sexual” que busca perpetuar suas características e suas formas de comportamento em seus adeptos.

A “Esquerda dos Recursos Humanos”, com seus discursos de capitalismo consciente, entre outros adjetivos. O professor deveria repensar sua ideia de esquerda, pois se engana sobre o verdadeiro sentido da esquerda, mas essas distorções angariam muitos adeptos no momento nebuloso que passamos. Onde discursos inflamados, sarcásticos, divertidos, inteligentes, bem pronunciados, de auto-ajuda, de propagação de coragem, de luta contra a mediocridade conquistam corações “ingênuos” por toda parte, em um modelo societário que persiste na destruição social.

Descobre a “Esquerda da moçada que trabalha perto de casa” dos criadores de melhorias para a cidade, com referências ao Ex-Prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, com suas iniciativas que “trouxeram” para a mobilidade urbana a faixa de pedestre transversal, as ciclovias, a redução da velocidade dos veículos.

A “Esquerda Multiculturalista”, que engloba várias culturas em um único espaço que só sobrevive com apoios de investimentos. Mas será que isso é ruim?

Define a “Esquerda Artística em geral”, que busca o politicamente correto, que prega a santidade política. Mas Pondé não diz que esses grupos culturais e artísticos, transferem arte e cultura a partir de fomentos reduzidos em um país rico culturalmente, mas com pobre investimento de modo deliberado. Somente os privilegiados e uma pequena camada favorecida tem acesso, que tende a diminuir ainda mais, nos tempos atuais com o desmonte da cultura em cidades como São Paulo. Com sua suspensão de editais, encerramentos de projetos em um congelamento do orçamento municipal de mais de 40%<sup>84</sup>.

Também, aparece, no texto de Pondé, a “Esquerda de Mercado”, que para sobreviver precisa gritar “Fora Temer!”, como se o mercado defendesse a saída do atual Presidente da República Michel Temer, pois, mesmo com sua

---

<sup>84</sup> REIS, V. Protesto contra congelamento de Doria na cultura tem geladeiras, música e intervenções artísticas. G1, 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/movimentos-artisticos-e-sociais-protestam-em-sp-contra-cortes-de-doria-na-cultura.ghtml> Acessado em 29/08/2017.

baixa aprovação de 5%<sup>85</sup> e o seu enfraquecimento junto ao Congresso<sup>86</sup> ainda permanece firme rumo ao desmonte das conquistas sociais na intenção de devolver à burguesia a minúscula fatia do capital que foi conquistada pelos trabalhadores.

Por fim, o autor acusa a “Esquerda Católica do mercado da Teologia” Ora, essa mesma esquerda teve sua importância na história brasileira, desde as comunidades eclesiais de base, a Teologia da Libertação, a luta contra a ditadura militar, a pedagogia cristã de Paulo Freire, ações que estão no limite religioso.

O professor Pondé, como um bom Filósofo, soube usar o Kairós, usar o tempo oportuno contemporâneo para propagar seu sarcasmo, nessa época nebulosa de protestos, de ódio nas redes sociais, nesse espaço de “Multidão de Solitários” (BAUMAN). Juntando várias colocações soltas, que até parecem muito inteligentes e agrada aos adeptos da luta social online, com seus vídeos, palestras, cursos, memes, falsas notícias<sup>87</sup>.

Não obstante, é preciso reconhecer os equívocos da história da esquerda, com seus vícios, corrupção, rupturas, erros, não diálogo que beira à violência, ao totalitarismo, o afastamento da base e sua elitização semelhantes às da direita, em suas várias divisões de forças em disputa. Para alguns, O PT é de esquerda e esse partido contribuiu para as conquistas dos trabalhadores, o que é inegável, mas com seus problemas, que no limite, está longe de ser um Partido de esquerda, entretanto, não vale colocar a culpa da suposta situação de “crise” política do país em um partido. Como ressalta Pondé, (2015, Op cit): Mas a verdade é que quem abriu as portas do inferno para o ódio político no Brasil foi o próprio PT e sua militância truculenta.

---

<sup>85</sup> G1. Aprovação de Michel Temer cai para 5% e chega ao pior índice da história. 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/07/aprovacao-de-michel-temer-cai-para-5-e-chega-ao-pior-indice-da-historia.html> Acessado em 29/08/2017.

<sup>86</sup> ALENCASTRO, C, JUNGBLUT, C. Denúncia contra Temer: Base aliada começa a dar sinais de enfraquecimento na Câmara. O Globo, 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/denuncia-contra-temer-base-aliada-comeca-dar-sinais-de-enfraquecimento-na-camara-21562997> Acessado em 29/08/2017.

<sup>87</sup> AMENDOLA, G. ‘É necessário que cada boato seja desmentido’, diz professor da USP. Jornal o Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,e-necessario-que-cada-boato-seja-desmentido-diz-professor-da-usp,70001653443>. Acessado em: 31/08/2017.

O colunista que desenvolveu sua “tipologia minimamente científica da esquerda” descobre várias clivagens de um mesmo grupo, que poderiam até ser menores, não tão redundantes. Mas que, na verdade são, um único grupo com seus vícios e erros históricos, em busca de um ideal. Reconhecemos que as provocações do autor são pertinentes e de fato, existem grupos sociais que se cristalizaram, pensam em poder próprio, se afastaram das lutas de base, mas essas esquerdas genéricas e difusas, tão difíceis de entender nos tempos atuais representam uma distorção do real significado da esquerda histórica, que hoje, pode ser identificável pelas lutas por moradia, lutas contra o fim dos serviços sociais, contra o desmonte de políticas sociais, contra a precarização do trabalho, da vida, contra o racismo, contra a proliferação do ódio, do preconceito e da violência contra gêneros, nações, e tantas outras formas de opressão na contemporaneidade. Lutas que estão na agenda imediata da vida e tem seus limites, mas são necessárias para resistir no modo societário vigente, para em um futuro, não se precisar lutar para “defender o óbvio”. Mas, infelizmente, o discurso do professor virado à direita não quer captar.

Em um tempo de proliferação de pensamentos, ideias que precisam vir à tona, até para difundir o debate, os equívocos produzidos, deve-se perceber que a direção da esquerda e suas lideranças, não pregam a pobreza para seus adeptos, na intenção de continuarem “tomando vinho e comendo queijo”, mesmo que às vezes pareça isso. Mas a real intenção e seriedade da história da esquerda é para que todos tenham acesso a essas iguarias se assim desejarem e a toda a riqueza socialmente produzida.

Sabemos que em uma coluna o professor Pondé não teria tempo e espaço para levantar essas questões, que eu minimamente iniciei aqui, mas também, não darei conta. Mas como sei que é um sério Filósofo, escritor e ensaísta brasileiro, dará conta dessas questões e tantas outras na sua construção científica. Para não parecer que o discurso de Pondé, se iguala à linha do chamado Filósofo dogmático Olavo de Carvalho. Entretanto, Pondé, o proclamador da “direita festiva, para pegar mulher<sup>88</sup>” (PONDÉ, 2014), mostra falta de originalidade copiando a esquerda festiva e ridicularizando-a,

---

<sup>88</sup> PONDÉ, L. F. Por uma direita festiva. Folha de São Paulo, 2014. Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/04/1443306-por-uma-direita-festiva.shtml#\\_=\\_](http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/04/1443306-por-uma-direita-festiva.shtml#_=_) Acessado em 30/08/2017.

mostrando que ele é um pensador do deleite do nosso tempo, um fenômeno intelectual conservador verborrágico.

Discursos homofóbicos, misóginos, racistas, xenofóbicos dos informados via redes sociais, proliferam por todos os lados, uma multidão que dissemina o ódio, que esbraveja contra um mundo em onde sejamos iguais. Os grupos dominantes se apoderam de diversos meios de comunicação para difundir e propagar sua ideologia, buscando manobras para se sustentar no poder, para manter-se no pedestal já há muito tempo trincado da sociedade do capital, perpetuando os valores de uma sociabilidade podre, sustentada na família binária masculina e branca, em um militantismo acéfalo, nefasto, em um contexto social em que se manifesta o Estado de direito oligárquico, que um grupo minoritário detém o poder e o ódio aos grupos distintos desse, perpetuando a tradição, colocando às margens e criminalizando as lutas pela igualdade social nessa (re)atualização do conservadorismo<sup>89</sup>. Onde a lei depende da força das armas para se manter, pois não existe Estado sem violência. Então, com isso também, só a força do povo desenraizará esse poder, buscando ir além da democracia burguesa, resistindo, fortalecendo e criando outros caminhos, erigindo possibilidades na micro e macro política.

Com o Impeachment da Presidente da República, para além da polarização se foi golpe ou não, se o PT caiu ou ficou de pé para as próximas eleições, se devemos condenar o PT pelos seus equívocos, pelo momento econômico e político atual do Brasil ou se ele é de esquerda ou não, o fato é que, desde a derrubada da Presidente Dilma Rousseff e para além desse momento histórico, os direitos historicamente conquistados pela força dos trabalhadores em disputa com o capital estão sem exaurindo, a luta social da esquerda está de joelhos perante a força avassaladora que parece gigante do avanço liberal e conservador burguês. Rachou o projeto de poder construído por décadas pelos trabalhadores, pela esquerda. O horizonte de outra possibilidade social andou para trás, a nascente democracia está em ruínas, o poder popular está deteriorado. Fato que exigirá anos para se recompor outra vez, em busca de outra sociedade. Mesmo sabendo que a mudança social está

---

<sup>89</sup> A esse respeito consultar a obra: Ódio à Democracia do filósofo Jacques Rancière, publicado em 2014 pela Boitempo.

para além da política partidária eleitoral<sup>90</sup>, mas o que aconteceu na última eleição municipal do ano de 2016, representa um horizonte preocupante para o ano das eleições estaduais e Federal do ano de 2018, em um cenário de satanização da política, de valorização da novidade para gerir o país. Na última eleição municipal houve taxas recordes de desvalorização do “exercício do poder” eleitoral. Os Votos inválidos chegaram a 28,87%, Brancos subiram de 3,29%, para 3,48% e Nulos aumentaram de 7,55%, para 10,23%, conforme dados referentes as eleições de 2012 e 2016, respectivamente, para todo o território nacional.

O PSDB teve o seu melhor desempenho na última eleição municipal, tanto para Prefeito, quanto para Vereador, mas o PMDB ainda se mantém na liderança das Prefeituras e do Legislativo municipais, como se pode observar nos dados da tabela seguinte. Partidos esses, junto com o PROS e REDE, que conquistaram muitas Prefeituras na última eleição, estão na linha de frente da queda dos direitos sociais na sociedade atual.

---

<sup>90</sup> Em um sistema eleitoral burocrático, arcaico que perpetua não a chamada democracia e participação cidadã, mas sim, os valores conservadores de tempos passados que resistem em sumir. Pois, o mesmo percentual de mulheres eleitas Prefeitas, representa 31,6% do total de candidatos, onde 52% são eleitoras, são mulheres. Em 2012, a quantidade de Prefeituras assumidas por mulheres chegou a 11,91%, já em 2016, o número caiu para 11,45%, mesmo tendo mais candidatas em relação a eleição anterior, 2.097 candidatas e 2.105 respectivamente. Felizmente, nas câmaras municipais o número de participação feminina vem aumentando.

**QUADRO 4: PREFEITOS ELEITOS NAS DUAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES  
MUNICIPAIS<sup>91</sup>.**

<b>PARTIDOS</b>	<b>2012</b>	<b>2016</b>
PMDB	1.015	1.028
PSDB	686	789
PSD	495	539
PP	475	495
PSB	434	411
PDT	304	333
PR	274	295
DEM	276	265
PTB	298	259
PT	630	255
PPS	122	117
PRB	79	103
PV	99	99
PSC	82	88
PCdoB	51	82
SD <sup>92</sup>		62
PROS		53
PHS	16	37
PSL	23	31
PTN	12	29
PMN	42	27
PRP	23	18
PTC	19	15
PEN	0	14
PTdoB	25	13
PRTB	16	9
PSDC	10	9
PPL	11	4
REDE		4
PMB		3
PSOL	1	2
NOVO		0
PCB	0	0
PCO	0	0
PST	0	0

Disponível em: <https://www.uol/eleicoes/especiais/raio-x-2016-1-turno.htm#raio-x-eleicoes-2016>. Acessado em: 02/11/2017.

<sup>91</sup> O Brasil conta hoje com 5.570 Municípios. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE.

<sup>92</sup> SD, PROS, REDE, PMB e NOVO não participaram nas eleições para Prefeitos no ano de 2012.

Nos Municípios do Estado de São Paulo, o PT passou da gestão de 70 Prefeituras para apenas 8 nas duas últimas eleições, 2012 e 2016 respectivamente. O Prefeito eleito em 2016 da maior cidade do país, cidade de São Paulo, João Agripino da Costa Doria Junior, do PSDB, foi eleito como novidade para a gestão já no primeiro turno, acontecimento inédito, alcançando mais de 3 milhões de votos – 53,29%, já o segundo colocando, o candidato a reeleição, Fernando Haddad do PT, não chegou à 1 milhão de votos – 16,70% dos votos válidos. Esse partido perdeu força até nos Estados de seus governadores. Teve seu pior desempenho nas eleições em 20 anos, perdendo força até no seu berço político, na grande São Paulo, no ABC. Acontecimento que desenha um momento contemporâneo de disputa ideológica, em busca da perpetuação do poder hegemônico.

Esses dados desenharam as disputas em jogo nas eleições para Presidente em 2018, um cenário político que permanece ainda muito nebuloso, mas no próximo ano eleitoral, pode-se perpetuar o avanço conservador dos últimos anos, ou trazer um “respiro”, mesmo que mínimo, para os trabalhadores. Pois, como mostra as derrotas do PT na última eleição, esse partido perdeu confiança, Luiz Inácio Lula da Silva, pode conseguir chegar elegível, ou se os processos que ele responde correrem na lentidão, o que pode até ser intencional para deixá-lo inelegível próximo das eleições, fazendo que o PT não consiga lançar um candidato com condições de disputa a tempo. Um outro candidato que vem ganhando o cenário e se tornando um possível candidato é o Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro, junto com Ciro Gomes, Marina Silva, João Amoêdo do Partido Novo, Manuela D’Ávila e o atual Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin. Ademais, surgem diversos nomes liberais e religiosos para a Câmara Legislativa Federal e para o Senado, podendo fortalecer os ideários conservadores e liberais das Casas. Contudo, devemos não nos limitar em depositar a esperança de uma classe nas mãos de um herói de um dado partido político. Se esse for o caminho, já estaremos derrotados.

Esse conservadorismo que está mais visível nos últimos anos no cenário brasileiro, dá um panorama da atuação político-profissional dos Assistentes Sociais, onde esses profissionais estão inseridos no “chão” social de sua

época, com valores condicionados hegemonicamente, mostrando que a disputa pelo poder e riqueza socialmente construída está para além de uma institucionalidade, seja ela política ou profissional, mas que deve internamente fazer resistência para demonstrar essas raízes, afim de vislumbrar outra possibilidade.

Com isso, demonstraremos como a profissão de Serviço Social está congenitamente ligada aos valores conservadores: “sendo filha legítima da sociedade capitalista” (SOUZA, 1995), e que, os ideários progressistas de outra sociabilidade quase não adentram os interstícios possíveis da atuação profissional institucionalizada, ficando mais visíveis nos órgãos da categoria profissional, mas que infelizmente, reproduzem algumas atuações corporativistas, partidárias e culpabilizantes dos profissionais que não conseguem chegar àqueles espaços e a algumas instituições acadêmicas cercadas em si.

### CAPITULO III - O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: CONSERVADORISMO CONSTITUTIVO E RENITENTE

*Cúmplices do assassino que vos mata e traidores de vós mesmos? (ÉTIENNE DE LA BOÉTIE).*

Por volta de 1830 a expressão “Questão Social” era utilizada por pensadores críticos para referir-se aos acontecimentos históricos do *Pauperismo* iniciado na primeira expansão industrial na Inglaterra, no final do século XVIII, mas em meados do século XIX, essa expressão é desvirtuada por conservadores, criando reformas moralizantes, naturalizando a expressão originária no intuito de preservar a propriedade privada dos meios de produção. (NETTO, 2001, p. 44. *Apud* SILVA, 2013). Era necessário criar mecanismos para intervir nessa realidade, acolchoando as tensões e conflitos característicos determinados historicamente, surgindo nesse século, ações com fortes vínculos de bondade e caridade. O Brasil necessitava mudar, para trás ou para frente, mas mudar. Um país, conforme nos destaca Francisco de Oliveira, caracterizado pela “Vanguarda do atraso e atraso da vanguarda”. Um anacronismo de raiz, necessitando se modernizar, mas mantendo sua tradição. Um processo de rupturas, retrocessos e continuidades, mudanças europeizadas de início, buscando o branqueamento da nação, propostas democráticas emergindo e sendo freadas pela brutal violência que se preservava da Casa Grande.

Uma nação que se gestava em um caleidoscópio depois de séculos de escravidão: agrarismo e industrialização; cidade, campo e sertão; preguiça, luxúria e trabalho; mestiçagem, arianismo e democracia racial. Raça, povo e nação; colonialismo e autoritarismo. (IANNI, 2004, p. 26).

É no período da revolução burguesa brasileira no século XX e com seu processo de americanização com heranças escravistas, autoritárias, coronelistas, clientelistas que surge o Serviço Social e, como profissão institucionalizada e legitimada legalmente, se dá no desenvolvimento do capitalismo monopolista, em que o imperialismo se intensifica:

Em síntese, no caso brasileiro, a expansão monopolista faz-se, mantendo, de um lado, a dominação imperialista e, de outro, a desigualdade interna do desenvolvimento da sociedade nacional. Ela aprofunda as disparidades econômicas, sociais e regionais, na medida em que favorece a concentração social, regional e racial de renda, prestígio e poder. Engendra uma forma típica de dominação política, de cunho contra-revolucionário, em que o Estado assume um papel decisivo não só na unificação dos interesses das frações e classes burguesas, como na imposição e irradiação de seus interesses, valores e ideologias para o conjunto da sociedade. (IAMAMOTO, 2011b, p. 132).

É nesse contexto, que o *Pauperismo* se robustece, surgindo intervenções religiosas com a doutrina social católica, conceituadas em Encíclicas Papais, no pensamento de Tomás de Aquino advindo de interpretações Bíblicas, sobre a “superioridade da Caridade”, como um bem maior. Surge também, a ingerência estatal determinada pelo mercado para controlar os pauperizados, manter a ordem vigente da propriedade privada e administrar a pobreza.

O surgimento do Serviço Social é impensável fora da realidade sócio histórica brasileira, da qual, foi constituído. Com isso, buscaremos trazer elementos históricos para compreender essa profissão, pois:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolheram as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. (MARX, 2011, p. 25).

Com isso, é necessário analisar o desenvolvimento social brasileiro, suas formas produtivas e como surge a possibilidade da gênese do Serviço Social. Com enfoque, sobretudo, no Brasil, que no dizer de Caio Prado Junior (2004, p. 21) perpassa por especificidades do solo da pátria:

Sempre esteve presente na nossa formação social histórica desde seu processo de colonização e todos os desdobramentos ligados ao capitalismo mercantil, industrial e ao imperialismo, uma totalidade articulada com múltiplos determinantes.

Partindo do real, das determinações sociais, buscaremos constituir o referencial social da prática profissional:

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. (MARX, 2008, p. 47).

Com isso, há necessidade de situar o contexto de formação do Estado nacional brasileiro, para demarcar essa profissão e alguns pontos centrais do mercantilismo na história do capitalismo na colonização do Brasil, a partir da Europa, de sua metrópole, Portugal. Traçando o declínio do modo de produção Feudal para a gênese do Capitalismo, e o desenvolvimento do Brasil

Era necessário criar mecanismos que intervissem nessa realidade, acolchoando as características determinadas historicamente, surgindo nesse século, ações com fortes vínculos de “bondade” e caridade no processo de rupturas com continuidades, a “ascese laica”: que preserve, antes de tudo e mais, a propriedade privada dos meios de produção. (NETTO, 2011b, p. 155).

O cenário é permeado pela revolução brasileira na primeira república, com modernização e resíduos de seu passado patriarcal, patrimonialista, colonial, escravocrata que deixa resquícios até nossos dias, em uma pobreza socialmente construída. Com convulsões sobre o pauperismo nos movimentos operários, com o papel do Estado na organização Fordista/Taylorista de produção, nas ações das religiões, sobretudo, católica, mas não só, no monopólio capitalista, com isso, surgindo espaços ocupacionais com ideário conservador, com constantes golpes de Estado a partir da terceira década do século XX:

O que prevaleceu foi o passado, a continuidade colonial, o escravismo, o absolutismo. O modo pelo qual se organizou o Estado nacional garantiu a continuidade, o conservantismo, o lusitanismo. As forças que predominaram na organização do Primeiro Reinado, das regências e do Segundo Reinado garantiram a continuidade, sob o regime monárquico, manto da legalidade metafórica herdada do colonialismo absolutista. (IANNI, 2004, p. 14).

É nesse período de industrialização, de radicalização da autocracia burguesa, que se gesta o Serviço Social brasileiro, nessas primeiras décadas do século XX:

Uma sociedade marcada por uma tradição autoritária e excludente, condensada no “autoritarismo social”, isto é, uma sociedade hierarquizada em que as relações sociais ora são regidas pela cumplicidade – quando as pessoas se identificam como iguais – pelo mando e pela obediência – quando as pessoas se reconhecem como desiguais -, mas não pelo reconhecimento da igualdade jurídica dos cidadãos. A cidadania não se construiu historicamente no Brasil como nos países Europeus. (IAMAMOTO, 2009, p. 36).

Essa profissão, se legitima e se institucionaliza em um cenário de grande expansão do mercado de trabalho assistencial, estatal e privado. Emerge sob forte influência Franco/Belga, e após, desenvolve-se com influxo norte-americano.

Na entrada da segunda década do século presente, vislumbramos grandes retrocessos sociais, que fazem parte do pressuposto da sociabilidade do capital, onde cresce com grande proporção a mercantilização da educação em todos seus níveis, deteriorando a formação dos futuros profissionais, se tornando vítimas desse sistema desigual, que assumem uma maneira mecânica, sem pensamento crítico. As instituições educacionais com sua grande “fábrica de diplomas” e com isso, criando um largo contingente de profissionais de reserva formados nos últimos anos, profissionais que não conseguirão adentrar no mercado de trabalho via Serviço Social, em contexto de grande surgimento de escolas de Serviço Social na última década. A pesquisa de Iniciação Científica<sup>93</sup>, traz os dados quantitativos das escolas de Serviço Social em funcionamento até o ano de 2015. O Brasil possuía em funcionamento 69 cursos públicos presenciais, 415 presenciais privados e a estorrecedora quantidade de 2.241 polos de Ensino à distância. Espalhados nas 27 unidades federativas. Já nesse mesmo ano, o contingente de assistentes sociais chegava a aproximadamente 162.000 profissionais ativos

---

<sup>93</sup> Realizada por Alex Gonçalves dos Santos, sob a orientação do professor Dr. Ademir Alves da Silva, entre agosto de 2014 e agosto de 2015, com o título: A “Virada” do Serviço Social brasileiro: Ainda uma “Intenção de Ruptura”

em todo o país. Um salto assustador, pois no ano de 2008, essa quantidade alcançava um pouco mais de 82.000 profissionais.

Os profissionais da ponta, institucionalizados, com grandes cargas de trabalho, com adoecimento, sob assédio, com risco de demissão, ou transferência de setor no caso de servidor público, não possuem muitas possibilidades de rompimento dos limites instituídos para a atuação profissional no seu campo de trabalho, perpetuando as práticas atomizadas sem mediações necessárias, sem um processo de formação continuada, sem práticas coletivas e populares, com intervenções pautadas em valores religiosos. Concepção que está intimamente ligada ao desenvolvimento nacional, de predominância moral e política cristã, desde a sua “invasão”, sua história e seu governo, pois: a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado<sup>94</sup>. (CHAUI, 2000, p. 58).

Contudo, cabe demarcar que a profissão de Serviço Social é muito mais que isso, que nos seus 80 anos de história no Brasil, contribuiu muito para os avanços políticos e sociais, com posicionamentos e defesas importantes nas lutas dos trabalhadores, mas o que vem prevalecendo é um ideário conservador, em uma democracia débil, onde a ideologia de “igualdade” burguesa domina:

A ditadura perfeita terá a aparência da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão. (ALDOUS HUXLEY).

Com pequenos espasmos democráticos ao longo da história brasileira, na sociabilidade ditatorial burguesa:

Mas isso, apesar de tudo, é excepcional. Na maior parte dos exemplos, e no conjunto, em todo caso, atrás daquelas transformações que às vezes nos podem iludir, sente-se a presença de uma realidade já muito antiga que até nos admira

---

<sup>94</sup> Para agarrar a ideia Filosófica que Marilena Chaui, estudiosa da obra de Espinosa desenvolve, vale a referência da obra: Tratado Teológico-Político. Publicada sua 2ª Edição pela Martins Fontes, em 2008, de Baruch de Espinosa.

de aí achar, e que não é senão aquele passado colonial. (JUNIOR, 1942, p. 7).

Abre-se uma possibilidade para a profissão se rever na década de 1960, em tempos em que a autocracia burguesa não mede esforços para manter-se no poder, com controles antinacionais e antidemocráticos, inviabilizando movimentações populares. Um momento que obriga a profissão a se renovar, no chamado período de “Reconceituação”, gerida com fortes traços conservadores e forças contrárias às mudanças, que buscou lograr espaços que buscassem rever posições, mas é somente no sétimo e oitavo decênios do século XX, que vêm a público posições com claras intenções de ruptura das práticas passadas. Tendo sua gênese em Minas Gerais, essas práticas progressistas não surgiram aleatoriamente em Minas, pois era um Estado de elites reacionárias e com fortes mobilizações contra hegemônicas. Mas cabe destacar, que a influência do pensamento de Marx no Serviço Social assimilada ao Método de Belo Horizonte – BH, chega à profissão com fortes banalizações, que fazem parte da entrada do marxismo na esquerda internacional, que insere Marx a partir da Internacional Socialista, mais conhecida como Segunda Internacional, propagando um marxismo de manual, de determinismo econômico - “marxismo sem Marx, pela arte da tesoura” (NETTO, 2009b<sup>95</sup>), simplificando conceitos centrais do pensamento de Marx, tais como: Dialética Materialista, Totalidade e Teoria do Valor do Trabalho. Com isso, a perspectiva da revolução marxista, aparece como tarefa de uma profissão, confundida com movimento social, militância e partido.

Um movimento do desenvolvimento profissional barrado por mais uma ditadura que se instaura no Brasil, a Ditadura Militar de 1964, que deu seu golpe consolidador com o Ato Institucional nº 5, AI-5, em 1968.

Marx entra nas universidades com o formato estruturalista de Louis Althusser. Contudo, independente de qual formato de matriz teórica influenciou o Serviço Social brasileiro nos anos 1960, cabe o reconhecimento da sua importância, que começou a firmar-se a partir do declínio da ditadura em meados dos anos de 1970, com a efervescência social e as lutas dos

---

<sup>95</sup> Prólogo de José Paulo Netto da edição brasileira publicada pela editora Expressão Popular do livro: Para a questão Judaica.

movimentos populares, obrigando a profissão a tomar partido abertamente ao lado de uma classe.

O Serviço Social vira a década, tendo como marco de referência o “Congresso da Virada” de 1979, o terceiro Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - CBAS, ocorrido em São Paulo, como um evento divisor de águas, propiciando muitas conquistas, consolidando um legado social e profissional. Mas logo se gesta no Brasil, a estratégia neoliberal de gestão do modo de produção do capital, que se assenta em um modelo flexível, fragmentado e com destruição de recentes conquistas, tanto profissionais quanto sociais:

A sociedade brasileira caracteriza-se pela maior discrepância existente no mundo entre seus indicadores econômicos e seus indicadores sociais. Aqueles, situando o Brasil como a oitava potência econômica do mundo ocidental, se aproximam dos níveis dos países industrializados da Europa, enquanto os indicadores sociais se aproximam do nível dos países menos desenvolvidos do mundo afro-asiático. (JAGUARIBE, 1986, p. 187).

Cabe destacar, a partir daquele evento, a “vitória” em face do conservadorismo hegemônico<sup>96</sup> que estava à frente da profissão.

As disputas no âmbito da categoria profissional lograram derrubar as direções conservadoras das entidades da categoria, sendo a direção representativo-política assumida por profissionais dispostos a darem um novo rumo à profissão. Trata-se de, pontuar os marcos históricos na sociedade no momento da “virada” do Serviço Social brasileiro.

A profissão entra no novo século necessitando responder aos desafios novos/passados, que para além dos projetos sociais em curso, existem os projetos profissionais que se permeiam pelo pragmatismo, pela fragmentação, pelo utilitarismo, pela gestão social da desigualdade, ou em um projeto e prática político-representativa e acadêmica progressista, mas não alcança o cenário profissional de base. A hegemonia do projeto profissional em curso se dá pela “determinação” das entidades representativas, mas com pouca aderência dos profissionais como um todo, o que se agrava pela distância

---

<sup>96</sup> Direção político-representativa dada pelos organismos da profissão, onde um grupo detém um papel politicamente “dominante”, um papel hegemônico.

dessas entidades em relação aos profissionais que estão nos diversos espaços ocupacionais. Pois, esse “moderno Príncipe” do atual projeto profissional, da suposta aproximação desse projeto com a teoria social de Marx, se depara com evidentes limites na formação e na atuação profissional:

A riqueza e a complexidade do pensamento de Marx raramente tocaram as cordas do Serviço Social [...] O que ocorreu, a meu juízo, foi uma aproximação enviesada de setores do Serviço Social à tradição marxista [...] Mas, igualmente, me preocupa, porque pode induzir à falsa ideia de uma hegemonia da tradição marxista no cenário profissional – e não creio que este seja o quadro real. (NETTO, 1989).

Vivemos um século de crescimento do desemprego, do mercado de trabalho flexível que se intensifica ainda mais com a reforma trabalhista entrando em vigor e com a ampliação da terceirização, com a educação e a saúde pública cada vez mais mercantilizada, assim como o total desmonte da assistência social e todas as políticas mercantilizadas, uma precarização da vida em todos os níveis. Uma sociabilidade metamorfoseada no contexto da “crise” estrutural do capital desencadeada desde o final da década de 1970. Uma era que enfraquece a alma crítica profissional, nos colocando mais como “expectadores da desgraça”. O processo formativo primeiro da profissão, se baseia por uma formação generalista, com seus méritos, mas que se “aprende” um pouco de tudo e nada do todo, com grandes dificuldades de alcançar a totalidade da história social como um todo articulado e suas formas, as categorias constitutivas do movimento do capital, os elementos determinantes e secundários, com obstáculos em captar o que está além do fenômeno imediato e em perceber os pressupostos do capital, em agarrar a totalidade da realidade, uma totalidade constituída por totalidades, ou seja, o complexo do complexo. Ainda passamos por uma nebulosidade do que seja o Serviço Social, uma miscelânea envolvendo a profissão de Serviço Social, o profissional Assistente Social e a política de Assistência Social<sup>97</sup>, a turva

---

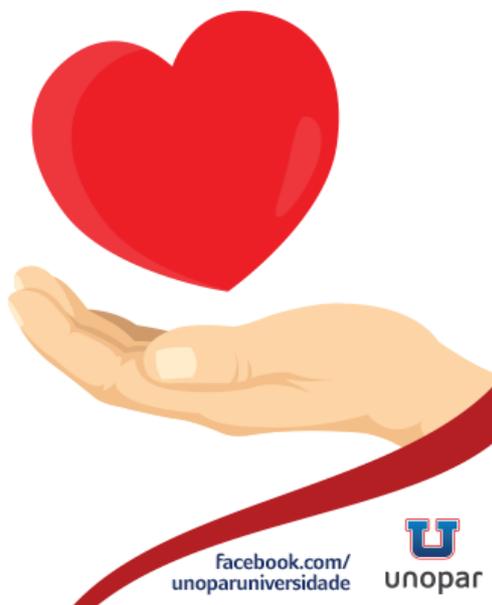
<sup>97</sup> No ano de 2016, nas comemorações de maio, referentes ao dia do Assistente Social, a universidade UNOPAR, publicou um Banner parabenizando os profissionais e chamando para um evento que confundia claramente, assistente social, assistência social e o Serviço Social. Constava que no dia do Assistente Social deve-se comemorar a Assistência Social que é: Amor ao próximo, Missão de vida e serviço para o mundo. Já o Centro universitário Ítalo Brasileiro, faz um cartaz com os seguintes dizeres: 80 anos de amor ao próximo. Para maiores

compreensão do que é o Projeto Ético-Político Profissional, um distanciamento crescente dos profissionais em relação aos movimentos sociais, a crescente burocratização nos espaços ocupacionais, relativa ou nenhuma autonomia nos espaços de trabalho, reduzindo-se em atendimento ao público, repasse de “benefícios” de maneira desconexa em espaços ocupacionais privados, terceirizados, públicos e tantos outros, um retorno (de quem nunca foi embora) crescente do conservadorismo na sociedade e na profissão, reiteradas ainda as práticas fiscalizadoras, punitivas, moralistas, em uma falsa compreensão do real significado do Estado Democrático de Direito, onde o Estado, mesmo com seu espaço de disputa, no limite, é burguês, em uma democracia capitalista formal burguesa, que coloca as pessoas como iguais no plano abstrato, mas desiguais no concreto<sup>98</sup>, em um aparato de Direito determinado pela lógica do mercado capitalista:

## Dia do Assistente Social

### Assistência Social é:

- ( ) Amor ao próximo
- ( ) Missão de vida
- ( ) Serviço para o mundo
- (x) Todas as anteriores



informações, consultar documentos do Conselho Federal de Serviço Social. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1267> Acessado em: 09/08/2017.

<sup>98</sup> Consultar obra: O Vão de Minerva, de Antônio Carlos Mazzeo, publicado em 2009 pela editora Boitempo.



Entretanto, em tempos atuais, se deve resistir e lutar pela permanência das conquistas sociais e buscar avançar, reconhecendo os limites impostos pelo capital.

Então, qual é a contribuição do Serviço Social à mudança societária? Devemos reconhecer os limites e possibilidades constitutivos à profissão e quando muito, contribuir para uma emancipação política, sabendo da barreira dessa emancipação, conforme nos alerta Marx:

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas forças próprias como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política. (MARX, 2010a, p. 54).

Com isso, a prática profissional do assistente social é mais que demandada nos espaços ocupacionais, o que deve ocorrer aqui, é captar, perceber e realizar uma prática profissional calcada no cotidiano, uma intervenção profissional que busque ser posicionada criticamente, com uma dimensão teórico-metodológica definida:

Tal dimensão tem que ser articulada à dimensão investigativa. Esta é uma mediação fundamental, posto que permite uma revisão dos fundamentos técnicos, teóricos, e ético-políticos que orientam a profissão, conduzindo seu avanço no sentido de que aponta tendências e permite uma antecipação, a reconstituição de objetos de intervenção, a apreensão de demandas emergentes, a reconfiguração das demandas: ela é a dimensão do novo. É através desta dimensão que se pode fazer a crítica ontológica do cotidiano. A dimensão investigativa permite também a produção de conhecimentos voltados para os interesses dos setores populares que são os usuários das instituições às quais nos vinculamos. (GUERRA, 2012, p. 55).

Pois em tempo de barbárie e mercantilização da vida, em uma sociabilidade de mercado, onde a exceção se torna a regra, onde: o produto vale pela etiqueta, pela “grife” e não por aquilo que efetivamente é seu valor. (MARTINELLI, 1998, p. 142):

A nossa profissão, o Serviço Social, ao contrário de estar em vias de extinção, é, mais do que nunca, necessária, sobretudo na perspectiva da interdisciplinaridade, pois essa prática que realizamos, a prática do Assistente Social, é fundamental na construção de nexos de articulação entre as diferentes práticas sociais (MARTINELLI, 1998, p. 136).

É no cotidiano que os profissionais de Serviço social podem arrancar uma prática profissional pautada no projeto ético-político profissional, contribuindo para construir uma nova história social, pois é nessa sociedade anômala que se esconde a nova. É necessário compreender as contradições conceituais da profissão, agarrar a raiz da questão, para além do pragmático, imediato, compreender que o Serviço Social não é uma classe, não é um partido, em busca de avançar contra a ofensiva ideológica burguesa que ocupa grande espaço na profissão. Temos que reafirmar a formação ampla após a graduação, que não se restringe à pós-graduação, formação contínua para radicalizar as proposições do Projeto Ético-Político, formar profissionais que pensem criticamente coisas concretas, ter processos formativos mais densos, criando um “paradigma alternativo” (Potyara) “para além do capital” (Mészáros), proporcionando uma crítica radical da raiz da totalidade social, na busca de qualificar os sujeitos “privilegiados” inseridos na realidade, os assistentes sociais, para “quebrar” a tendência majoritária de uma profissão administrativa

da barbárie, isso: “*se tivermos sorte*”. (MÉSZÁROS, 2003, p. 108). Criar formação continua de que as entidades representativas deverão dar conta, formando assistentes sociais: “*como sujeitos ricos, ontologicamente primários*”. (LUKÁCS, 2012), teoricamente críticos. Para não continuar caindo em: “*uma epistemologia à esquerda, mas uma prática de direita*”. (LUKÁCS). Para termos uma prática que não se reduza à finitude mortal de cada um, para ir além de si, pois: “*mesmo o mais limitado dos homens pode-se desenvolver ilimitadamente*”. (GOETHE). Entendendo que a emancipação humana jamais se concretizará sem aglutinar forças coletivas para dar saltos qualitativos. Temos que: “*resistir ao estranhamento enquanto preparamos a emancipação*”. (IASI, 2010, p. 80. *Apud* SILVA, 2013, p. 255).

Nessa pesquisa, apreende-se que, os espaços de grande articulação política da profissão, são frequentados, em sua maioria, por pequenos grupos acadêmicos, destacando que os espaços não contemplam a maior parte dos Assistentes Sociais e não dialogam com os profissionais fora do mundo acadêmico, que, para participar, precisam parcelar muitas vezes o pagamento da alimentação, estadia, viagem para o local e além disso, pagar um valor exorbitante que cobre somente a inscrição do evento. Além de tudo, precisam conseguir a liberação do serviço, pois os grandes Congressos e outros eventos nacionais da categoria profissional quase não contemplam um final de semana, ocorrem somente durante a semana, durante os dias úteis de serviço dos profissionais. Esses espaços são destinados preferencialmente, para um mundo “*intelectual produtivista*”, mostrando posições contrárias ao discurso, que coopera em tornar as condições de manter-se no evento absurdamente caras, dado que temos uma direção político-representativa elitizada, distante da base da comunidade profissional.

Os eventos de maior envergadura da categoria profissional dos Assistentes Sociais evidenciam os elementos contraditórios entre o discurso da representatividade profissional e a realidade inserida no chão da base profissional. Onde a direção profissional está hegemonicamente nas mãos das mesmas pessoas por anos, os protagonistas que dão o norte acadêmico/formativo da profissão são os mesmos, não existem oportunidades para outros profissionais, o discurso democrático passa longe. Os Conselhos

influenciados e permeados pelas pautas partidárias. Os conselhos das revistas científicas da área de serviço social e afins são dirigidos por professores que pertencem às diversas revistas, os mesmos nomes em várias revistas, nos espaços de assembleias, encontros dos Conselhos lá estão os mesmos rostos, ocorrendo pouca rotatividade da base. Entretanto, também, existe baixa adesão de “novos” profissionais a esses espaços, a participação política profissional para além dos mesmos é muito baixa, com pouca inserção que dificulta na mudança dessa realidade de alianças.

Mesmo com a importante intenção de ampliar os debates do último Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CBAS, ocorrido em 2016, com a transmissão ao vivo, das mesas, o que se percebe nesses espaços são encontros voltados para uma “nata” específica. Os dois últimos CBAS, de 2013 e 2016, ocorreram somente nos dias da semana, dificultando a participação dos profissionais. Um evento com um custo altíssimo de organização, com participação muito antecipada de pelo menos 5 membros de cada entidade da categoria, CFESS, CRESS da região, ABEPSS e ENESSO, deixando muito elevado o custo da preparação do evento, repercutindo no valor total dos gastos nas inscrições do evento que chegam a R\$ 700 reais por profissional, além das demais despesas como estadia, alimentação e transporte. Entendemos que o evento deve ser auto-financeável, pois as entidades não possuem recursos para custear o encontro, mas cabe lembrar, que o CBAS recebe apoio de órgãos públicos, a exemplo, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, da Caixa Econômica Federal dentre outros, com isso, poderia ser feita uma contenção de gastos. Um evento que arrecada em média 2 milhões de reais, valores do último encontro, com receita final para preparação do próximo CBAS de aproximadamente R\$ 400 mil reais, um evento de grande proporção e de valores excludentes para perpetuar a direção e pensamento de um mesmo grupo de pessoas. Para a participação de um pouco mais de 3 mil pessoas e a apresentação de mais ou menos 1.000 trabalhos. Já o Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social – ENPESS, a inscrição para os profissionais, gira em torno de R\$ 300 à R\$ 600 reais, para os estudantes de graduação e pós varia de R\$ 50 a R\$ 500 reais, valores do último encontro. No Seminário

anual de Serviço Social realizado pela Editora Cortez, que possui quase que um monopólio da publicação em livros da área, os livros são caros. Esse seminário de um único dia, que traz professores de outros Estados para mediar a mesa e não fazer a palestra propriamente dita, agregando maior valor à inscrição, que gira em torno de R\$ 300 reais por profissional para a inscrição, fora demais gastos pessoais. Veremos na tabela que segue, praticamente os mesmos nomes nas palestras, se repetindo ano após ano, com o mesmo palestrante, quando se chama alguém de um movimento social é uma pessoa com prestígio no meio social médio. Pessoas que estão inseridas na camada de classe trabalhadora prestigiada, com diversos privilégios que se perpetuam na direção social da profissão. Direção que é pouca receptiva para os quase 7% das camadas sociais mais baixas que estão adentrando no ensino universitário, nesse espaço elitizado, excludente, preconceituoso, burguês, arrogante, vaidoso do meio acadêmico, que possui pouca auto-crítica. Um modelo que adocece docentes e discentes. Essa expansão com pouca qualidade na formação, se deve também, ao processo de financeirização da educação nos últimos anos:

A exclusão com relação à universidade é evidente, somente 18,1% das pessoas de 18 a 25 anos está no ensino superior hoje no Brasil, sendo que nas classes mais baixas somente 6,9% está nas universidades enquanto a elite 41% [...] O crescimento vertiginoso desses grupos capitalistas acompanhou a financeirização da educação com o boom do FIES e do PROUNI nesses anos. Só de 2010 a 2013, o FIES cresceu 630% em matrículas, passando de 5% para 39% de matrículas nas redes particulares. Tendo um aumento de 1456% por cento nos gastos públicos em instituições privadas no período saltando de 880 milhões para 13,7 Bilhões por ano. [...] O número de IES (instituições de ensino superior) no Brasil saltou de 4,9 milhões de matrículas em 2006 para 8 milhões em 2016. A enorme expansão dos cursos superiores, no entanto não deve nos enganar quanto a sua democratização, já que no Brasil 78% por cento das vagas estão localizadas nas redes particulares de ensino. A expansão do ensino superior foi ainda mais substancial, com mais de 2,6 milhões de estudantes a partir de 2009, com o boom de matrículas do FIES e da expansão desenfreada do ensino à distância<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> Faísca – Juventude Anticapitalista e Revolucionária. Faísca lança campanha: “Basta de lucrar com a educação, Kroton-Anhanguera nas mãos dos estudantes”. Disponível em: <http://esquerdadiario.com.br/Faisca-lanca-campanha-Basta-de-lucrar-com-a-educacao-Kroton-Anhanguera-nas-maos-dos-estudantes> Acessado em: 05/11/2017.

**QUADRO 5: CONFERENCISTAS NOS ÚLTIMOS CBAS**

<b>CBAS</b>	<b>2007</b>	<b>2010</b>	<b>2013</b>	<b>2016</b>
LOCAL	Foz do Iguaçu: PR	Brasília: DF	Águas de Lindóia: SP	Olinda: PE
TEMA CENTRAL DO EVENTO	A Questão Social na América Latina: ofensiva capitalista, resistência de classe e Serviço Social.	Lutas sociais e exercício profissional no contexto da crise do capital: mediações e a consolidação do projeto ético-político do Serviço Social.	Impactos da crise do capital nas políticas sociais e no trabalho de assistentes sociais	80 anos do Serviço Social no Brasil – a certeza na frente, a história na mão
MESA DE ABERTURA	José Paulo Netto; Luis Armando Suarez Salazar	Mauro Iasi; Ana Elizabete Mota	José Paulo Netto; Ana Elizabete Mota	Ana Elizabete Mota; Marilda Iamamoto
MESA DE ENCERRAMENTO	Plenárias simultâneas Vários Docentes.	Valério Arcary; José Paulo Netto; Elaine Rossetti Behring	Marilda Iamamoto; Maria Carmelita Yazbek	Elaine Rossetti Behring; Ivete Simionato

Fonte: Sites dos CRESSs, CFESS e ABEPSS.

Sem desqualificar a importância da pesquisa no âmbito do Serviço Social, da trajetória desses profissionais, da contribuição e da resistência que historicamente travam no âmbito profissional, cabe denunciar a tendência do produtivismo, da elitização, nessa área profissional, determinado pelos órgãos acadêmicos, pelo meio social que vivemos.

A participação nos espaços político-formativos é mais posicionada em transferir o conhecimento e experiência adquiridos, na maior parte das vezes, na vida acadêmica, priorizando uma visão mais “crítica” dos eventos realizados, privilegiando pesquisas pautadas nos pressupostos de um pensamento crítico, de filiação marxista. Mostrando pouco diálogo das entidades representativas e seu processo elitista, contribuindo para a segregação dos profissionais da ponta, os que não pensam conforme manda a cartilha “hegemônica” profissional. A direção profissional perpetua nos espaços político-representativos a sua gênese elitista, que prevalece desde sua origem, demonstrando os conflitos no interior da própria profissão. Se percebe uma construção teórica que sobrevaloriza o discurso “crítico da produção”, com pouca interlocução em tendências afastadas do chamado “marxismo” na

formação profissional.

Se percebem no momento contemporâneo, as posturas conservadoras dominantes na atuação profissional. O Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS mostra sua influência na ideologia propagada no interior profissional, voltado ao desenvolvimento do capitalismo com justiça social, pois:

O Assistente Social tem, como nenhum outro profissional, a missão de levar à humanidade – tão mais frustrada quanto mais próspera – além de certos lineamentos, da reforma social, a compreensão e o amor que falam ao coração e dão transcendência à ordem social. (CBCISS, 2006, p. 41).

Ideário, que vem ganhando muita força na atualidade, referenciado no grupo do Serviço Social Libertário, das 23 Teses do professor Dr. Edson Marques Oliveira da Universidade do Paraná, devido também, à confusão que ocorre dentro dos órgãos representativos da profissão, parecendo realmente, que a prática profissional de ponta é igual à bolha imaginária que esses órgãos perpetuam. O professor propõe uma mudança, propõe voltar às ideias que nunca foram embora realmente do interior profissional de ponta. Busca:

Resgatar a essência de sua origem como profissão de intervenção humano-social e como ciência social aplicada, diferente do rumo que vem tomando, de uma “profissão militante político-ideológico partidária<sup>100</sup>”. (OLIVEIRA, 2017, p. 3).

O professor busca uma visão “neutra” da profissão, sem posicionamento, sem luta, sem lado, voltar ao pensamento de Jane Addams e Mary Ellen Richmond: A centralidade de nosso fazer é o ser humano e não as expressões da questão social, pois são os seres humanos os mais afetados pelas expressões da questão social. (OLIVEIRA, 2017, p. 10). O docente acredita que não se deve defender o atual projeto ético-político da profissão, mas uma formação ampla de várias vertentes ideológicas para além da

---

<sup>100</sup> OLIVEIRA, E, M. 23 TESES PELA REFORMA DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: Pelo resgate de sua identidade e de uma cultura profissionalizante. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B159LRiZwoG5TFFzMW9VSUs2THM/view>. Acessado em: 09/11/2017.

doutrinação única. Nas 23 teses o professor, busca debater com possíveis necessárias mudanças da profissão, contudo, muitas mudanças que ele propõe, já acontecem. A profissão é formada para além, e digo mais, é muito mais do que os órgãos político-representativos, que devem se posicionar mais próximos à base e não somente no discurso, e que dão munição para essas teses que vem crescendo e se proliferando no meio profissional, que estão criando espaços de discussão para uma intervenção mais contundente para capitalizar seus ideários. Cabe à nós, resistir ao retrocesso, ao retorno do que nunca se foi, mas uma resistência para além do discurso, para além de uma ação profissional progressista que se restrinja às universidades e os órgãos da categoria profissional:

Não podemos eliminar o conservadorismo de forma absoluta porque suas raízes estão além da profissão. Mas, profissionalmente, podemos aprofundar a sua crítica, criar formas de enfrentamento que enfraqueçam a sua permanência; recusar seus apelos moralistas, denunciar suas ingerências, alargando as bases democráticas e emancipatórias do nosso projeto, na luta pela hegemonia. Essas ações só ganham densidade se forem coletivamente discutidas e organizadas, se forem conscientemente objetivadas como ações políticas. Assim, o enfrentamento do conservadorismo é parte de um enfrentamento maior, de combate a todas as formas de opressão, de alienação e exploração, no sentido da superação da barbárie, da emancipação humana e do socialismo. Somente com esse enfrentamento terá sentido afirmar: NÃO PASSARÃO!. (BARROCO, 2015, p. 634, 635).

A profissão de Serviço Social existe com seus limites e possibilidades constitutivos e na atual conjuntura, coloca-se em xeque a “consolidação” do Projeto Ético-Político dos Assistentes Sociais, abrindo possibilidades para o seu exaurimento, pois:

O problema está, objetivamente, não apenas na constatação dos limites que estão ontologicamente dados à profissão e ao profissional, *mas no enrijecimento, na destruição da potência crítica capaz de forcejar negativamente (criticamente) o imediatamente e positivamente dado*<sup>101</sup>. (SILVA, 2013, p. 129).

---

<sup>101</sup> Grifos de Silva.

Todas as repercussões que resvalam no Serviço Social, derivadas da mercantilização da educação, das instituições educacionais com sua grande “fábrica de diplomas” vão criando um largo contingente de profissionais de reserva, formados nos últimos anos. Em 9 anos o contingente profissional aumentou um pouco mais de 100%.

O conservadorismo percorre nossa trajetória profissional. A questão é saber em que medida ele está sendo superado no processo de construção do projeto ético-político profissional direcionado à ruptura com o conservadorismo, construção que já dura mais de trinta anos. A profissão não é uma ilha. Ela reflete as contradições sociais, suas tendências e, como tal, a luta pela hegemonia entre ideias e projetos profissionais e societários. (BARROCO, op. cit., p. 634).

Estamos passando por um processo de massificação, ampliação do acesso com queda de qualidade na formação universitária, com isso, profissionais limitados a responder às demandas institucionais:

Em face dos conflitos e das contradições que permeiam a vida profissional e por várias determinações que não se restringem às escolhas ideológicas dos profissionais, parte da categoria é envolvida em apelos irracionais que apontam para soluções pragmáticas: modelos de ação, técnicas de autoajuda, regras de comportamento que prometem resolver imediatamente “problemas” individualizados, abstraídos da história e de suas determinações objetivas. No exercício profissional, o Serviço Social é chamado a desempenhar tarefas policiais, nas desocupações truculentas de áreas de moradia, no deslocamento de moradores de rua e usuários de droga para lugar nenhum, na censura e no controle dos usuários, em especial nas instituições tradicionalmente conservadoras que envolvem de forma direta a moral e a família. (BARROCO, 2015, p. 633).

Das vagas de universidade presencial pública e presencial privada, a pública não oferece nem 10% das vagas da presencial privada. Mas comparando as vagas oferecidas no ensino público presencial com a modalidade à distância, a diferença é assustadora, não alcança nem 1% das vagas ofertadas pelo ensino à distância. Mesmo sabendo que nem a metade dessas vagas é preenchida, a diferença é estarrecedora. Pois:

Apenas 8 grupos capitalistas têm mais estudantes matriculados do que toda a rede pública de educação superior no país (27,8% contra 25% em 2014) [...] A Kroton-Anhanguera, que acumulou fusões [...] com lucros bilionários [...] saltando de 85.988 alunos matriculados em 2010 e, passados quatro anos, chegando a 1 milhão. E a Estácio, o segundo maior do Brasil, aumentou seus lucros em 347% [...] Das 7 milhões de vagas oferecidas, apenas 2,6 milhões de pessoas ingressam nas universidades por ano, não porque não querem mas porque o acesso lhes é negado com o funil social do vestibular e por causa da baixa taxa de absorção do ensino privado com apenas 33,5% de preenchimento das vagas que são oferecidas. (FAÍSCA-JUVENTUDE ANTICAPITALISTA E REVOLUCIONÁRIA<sup>102</sup>).

---

<sup>102</sup> Disponível em: <http://esquerdadiario.com.br/Faisca-lanca-campanha-Basta-de-lucrar-com-a-educacao-Kroton-Anhanguera-nas-maos-dos-estudantes> Acessado em: 05/11/2017.

**QUADRO 6: INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS QUE OFERECEM CURSO DE SERVIÇO SOCIAL, DISTRIBUÍDAS CONFORME AS MODALIDADES.**

<b>ESTADO</b>	<b>UNIVERSIDADE PÚBLICA PRESENCIAL</b>	<b>VAGAS ANUAIS</b>	<b>UNIVERSIDADE PRIVADA PRESENCIAL</b>	<b>VAGAS ANUAIS</b>	<b>ENSINO À DISTÂNCIA EM IES PRIVADA</b>	<b>VAGAS ANUAIS</b>
Rio Grande do Sul	3	130	19	1.700	15	116.040
Santa Catarina	1	140	15	1.390	17	115.620
Paraná	8	469	25	2.352	17	117.090
São Paulo	2	190	79	18.175	21	124.539
Minas Gerais	8	815	53	7.210	22	125.225
Rio de Janeiro	5	746	20	10.275	17	118.840
Espírito Santo	1	90	12	1.160	17	119.895
Distrito Federal	1	160	9	1.920	16	117.240
Goiás	1	50	9	1.660	17	117.389
Mato Grosso do Sul	0	0	6	840	16	118.040
Mato Grosso	1	83	9	1.630	16	116.989
Bahia	2	190	36	7.130	23	122.605
Sergipe	1	140	6	4.840	11	110.440
Alagoas	1	190	8	1.220	14	113.889
Pernambuco	3	260	19	3.850	16	117.289
Paraíba	3	374	9	1.360	11	108.040
Rio Grande do Norte	2	140	9	1.680	13	113.189
Ceará	2	195	20	3.340	14	122.090
Piauí	1	50	19	2.840	11	99.179
Maranhão	1	80	15	2.340	14	113.080
Tocantins	2	160	3	250	11	108.190
Pará	1	160	13	2.860	13	106.935
Amapá	0	0	1	160	8	100.080

Roraima	1	68	1	160	9	89.180
Amazonas	1	148	10	2.433	12	105.940
Rondônia	0	0	6	620	11	90.730
Acre	0	0	4	353	8	84.390
<b>TOTAL</b>	<b>52</b>	<b>5.028</b>	<b>435</b>	<b>83.748</b>	<b>390</b>	<b>2.894,764</b>

Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acessado em: 18/10/2017<sup>103</sup>.

<sup>103</sup> A quantidade total de vagas distribuídas entre as IES, refere-se a cada ano e não, aos semestres. A quantidade total de vagas de cada modalidade, mesmo sem o preenchimento da metade dessas vagas, está distribuída pelas IES, que podem ter mais de um horário, campus e até centenas de polos, no caso da modalidade à distância. No site do Ministério da Educação, existe uma informação inconsistente, de que o curso de Serviço Social na Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista – FESB, do Estado de São Paulo, é oferecido gratuitamente. Entretanto, em contato com a universidade, por telefone, fui informado que o curso é oferecido no período noturno e que a mensalidade é paga, no valor de R\$ 608,00 mensais.

**QUADRO 7: ASSISTENTES SOCIAIS ATIVOS NO PAÍS<sup>104</sup>**

<b>ANO</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2017</b>
Quantidade	82.021	86.734	102.087	108.893	121.234	135.545	149.029	168.796
Aumento anual		4.713	15.353	6.806	12.341	14.311	13.484	19.767 <sup>105</sup>

Fonte: CFESS, 2017.

**QUADRO 8: ESTADOS COM MAIOR NÚMERO DE PROFISSIONAIS ATIVOS NOS ANOS 2013, 2014 E 2017:**

<b>ANO</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2017</b>
São Paulo	28.548	30.519	33.514
Rio de Janeiro	14.210	15.381	17.400
Minas Gerais	14.342	15.435	16.277

Fonte: CFESS, 2017.

<sup>104</sup> Dados até agosto do ano de 2017, enviados pelos Conselhos Regionais de Serviço Social, distribuídos nas 26 Regiões, sendo: 1ª Pará, 2ª Maranhão, 3ª Ceará, 4ª Pernambuco, 5ª Bahia, 6ª Minas Gerais, 7ª Rio de Janeiro, 8ª Distrito Federal, 9ª São Paulo, 10ª Rio Grande do Sul, 11ª Paraná; 12ª Santa Catarina, 13ª Paraíba, 14ª Rio Grande do Norte, 15ª Amazonas e Roraima, 16ª Alagoas, 17ª Espírito Santo, 18ª Sergipe, 19ª Goiás, 20ª Mato Grosso, 21ª Mato Grosso do Sul, 22ª Piauí, 23ª Rondônia, 24ª Amapá, 25ª Tocantins, 26ª Acre.

<sup>105</sup> Não possuímos os dados de 2015 e 2016.

O processo de questionamento e todo seu desenvolvimento no âmbito do Serviço Social foram de extrema importância, mas não rompem e não deve romper com o conservadorismo profissional que domina o Serviço Social na contemporaneidade, pois: “jamais teremos um Serviço Social marxista”. (NETTO, 1989, p. 101. *Apud* SILVA, 2013).

Percebe-se o esfacelamento do projeto ético-político hegemônico profissional, devido as transformações e os retrocessos na vida social, onde a profissão se depara com a contradição intrínseca à sua constituição.

Buscando agarrar a ideia e dominar o conceito de todos esses processos apresentamos essa pesquisa que visa questionar essa esquerda acadêmica profissional, essa luta acadêmica, essa cultura científica de esquerda, mas que não alcança a realidade, não alcança o chão social de profissionais, abandonados à sua própria sorte e muitas vezes culpabilizados.

Observamos o discurso panfletário em uma parte dos órgãos da categoria, da elite profissional e acadêmica, com as ideias da teoria marxista pertencente à formação do serviço social. Com encontros de “fornadas” de pesquisas, com pouca aderência política para além das paredes do espaço físico do evento. Uma atuação dos órgãos da categoria profissional e da academia que está mais a olhar para o oceano e de costas para a terra. Perpetua uma ideia hegemônica que pensa, mas não executa, não aterrissa as análises na realidade. Uma hegemonia de cima pra baixo. Não percebendo que é a realidade que determina a prática, não a teoria, que custa a entender a necessidade de articulação da experiência com o conceito: “se por um lado toda experiência sem a forma do conceito é cega, o conceito sem o conteúdo da experiência é vazio<sup>106</sup>”

Percebemos a dificuldade de a profissão realizar até mesmo a emancipação política, será que isso compete a uma prática profissional? Uma categoria hegemônica profissional que está distante das entidades para além da sua categoria e que deveria estar mais próxima da base, da comunidade, de pequenos grupos políticos, ou seja, se vislumbra a necessidade de estar próximo de diversos espaços políticos em diferentes contextos. Uma institucionalização cristalizada que se distancia dos movimentos sociais.

---

<sup>106</sup> Kant - Crítica da razão pura.

Caracterizar esse processo de desenvolvimento brasileiro e em qual realidade social surge a profissão de Serviço Social nesse país, é de suma importância para perceber seus limites, mas podendo cavar na realidade do cotidiano sua potência, resistência e conquistas. A necessidade de viver a profissão “por inteiro e inteiramente”:

Pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da invisibilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à história. (MARTINS, 2010, p. 57).

Mesmo com seus limites, com o conservadorismo e retrocessos dos últimos anos, a profissão de Serviço Social deve fazer dela: “um instrumento a serviço da libertação dos trabalhadores” (SOUZA, 1995, p. 192):

Para isso, cada um de nós tem de rever suas práticas cotidianas, lutar contra as acomodações e as determinações da instituição em que trabalhamos. Temos todos de jogar os farrapos de uma profissão comprometida com um passado que já tem de estar enterrado. [...] mas ter propostas militantes e ações que contribuam para um projeto maior. (SOUZA, 1995, p. 199).

A mudança social ocorrerá articulando forças sociais, a partir dos trabalhadores, dos movimentos sociais, da luta política partidária, pelo sindicato, em suma, em todos os espaços participativos institucionais. Mas sem perder a crítica dos limites constitutivos desses espaços no marco capitalista. Se fazem necessárias essas participações, na micro e na macro política, articulação e unificação das forças progressistas, no trabalho da base, nas associações de bairro, em espaços comunitários, na luta cotidiana para almejarmos o futuro esperado que resiste em florescer. Pois como disse Saramago: O fim de uma viagem é apenas o começo de outra.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

*Mesmo o mais limitado dos homens pode-se desenvolver ilimitadamente. (GOETHE).*

O cenário brasileiro com seus resíduos de seu passado patriarcal, patrimonialista, colonial, escravocrata, segue o seu ideário conservador, com constantes golpes de Estado. Vivemos hoje tempos que colocam em xeque os princípios de igualdade, universalidade, democratização. Onde os grupos sociais estão perdidos no meio obscuro em menos de uma década, perpetuando o erro de se colocar toda a esperança da nação em uma data eleitoral, em uma pessoa, em um herói. Se assim for, permaneceremos derrotados. Os movimentos sociais, sindicatos, centrais e muitas formas institucionalizadas de lutas então “na lona”, recuados e de joelhos, com pouca luz para seguir na luta. Mas ainda existem grupos, pessoas, espaços comprometidos com os valores de um outro mundo, de um outro outubro, de uma outra comuna de lutas em micro e macro nível, no chão da base tão necessária para o avanço, permanência e resistência das conquistas e forçando para ir além. Onde o avanço conservador se fortalece em vários Estados, com o grande crescimento de Institutos liberais, em especial, no Nordeste e tantos movimentos sociais liberais que buscarão eleger representantes em várias instâncias da política institucional e criar alianças para um segundo turno presidencial.

Com isso, a profissão de Serviço Social, deverá, no século XXI, responder aos desafios novos/passados que se impregnam ainda mais nos últimos anos na sociabilidade do capital e com isso, no interior da profissão. Desafios tais como, retrocessos, avanço do conservadorismo, fragmentação. Mercado de trabalho formal e informal, do seu “exército social de reserva”. Tempos de precarização da vida em todos seus níveis, políticas públicas mercantilizadas, em suma, uma sociabilidade metamorfoseada, convalidada desde o fim do século passado ao início do atual. Período que enfraquece a alma crítica profissional, mesmo restrita à espaços específicos, com formação acadêmica cada vez mais fragmentada, sem qualidade tanto crítica quanto formativa profissional que não permite ir além do fenômeno imediato, aos

elementos constitutivos do movimento do capital, vivemos tempos que já não são de hoje de um distanciamento crescente dos profissionais em relação aos movimentos sociais, a crescente burocratização nos espaços ocupacionais, relativa ou nenhuma autonomia nos espaços de trabalho, reduzindo-se em poucos concursos públicos, em empresas privadas, terceirizadas, onde o profissional precisa se adequar ou sair, pois pelo crescente número de profissionais formados na última década, não existem empregos para todos e uma fila de profissionais desempregados, tendo que adentrar ao mercado de trabalho recebendo um salário mínimo ou menos que isso agora com a possibilidade do trabalho por hora, intermitente, que já existia, mas que agora será regra Legal.

Com isso, qual a contribuição do Serviço Social na mudança societária? Reconhecer seus limites, quando muito, contribuir para uma emancipação política, sabendo do limite dessa emancipação. Pela tradição marxista, cabe reconhecer as possibilidades da profissão, mas não nos iludir com elas. Pelas conquistas dos anos 90, tais como: Lei de Regulamentação, Diretrizes Curriculares e Código de Ética, que defendem conceitualmente uma profissão compromissada com valores emancipatórios em seu período de maturidade intelectual, buscar compreender suas contradições conceituais, agarrando a raiz da questão, compreender que o Serviço Social não é uma classe, um partido político, um grupo militante, mas que deve aliar-se às lutas anticapitalistas, entendendo que os direitos sociais não levarão à emancipação humana por si só e que jamais essa se realizará no âmbito profissional.

Com isso, ainda é necessário afirmar o debate marxista no Serviço Social, reconhecendo sua importância na história da profissão, é preciso desenvolver formações amplas após a graduação para além da pós-graduação que é para um grupo específico de pessoas, mesmo que nos últimos anos um segmento social subalternizado venha adentrando esse espaço da graduação, para se ter uma formação contínua para radicalizar as proposições do Projeto profissional, possibilitando formar profissionais que pensam criticamente coisas concretas, a fim de quebrar a tendência de reduzir o Serviço Social a uma profissão gestora das expressões da barbárie social e econômica. Promovendo formação profissional contínua, as entidades representativas deverão dar

conta, junto com a necessária quebra da vaidade, da abertura para o diálogo e de voltar-se às bases, voltar aos movimentos sociais e todas as formas de lutas coletivas. Questões primordiais que devem ser revistas para termos uma profissão comprometida com a busca da emancipação humana para além da academia e dos órgãos representativos. Para deixar de ter: “uma epistemologia à esquerda, mas uma prática de direita”. (LUKÁCS). Pois a emancipação humana jamais se concretizará, sem aglutinar forças coletivas, sem quebrar práticas punitivas, sem se voltar para a base, pois temos que: “resistir ao estranhamento enquanto preparamos a emancipação”. (IASI, 2010, p. 80. *Apud* SILVA, 2013, p. 255).

## REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, M. B. C; CABRAL, M. S. R. **O Novo Sindicalismo e o Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Significado do papel político do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CBAS - 1979**. Serviço Social e Sociedade, Nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, G. **Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho**. São Paulo: Praxis, 2013.

\_\_\_\_\_. **O ‘novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 16ª Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARISTÓTELES. **A Política**. 2ª edição. São Paulo: Edipro, 2009.

**Assistentes Sociais no Brasil: elementos para o estudo do perfil profissional**. In PRÉDES, R. et al: CFESS, 2005.

AUGUSTO, G. P. **A organização do trabalho no século XX: Taylorismo, fordismo e toyotismo**. 3ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social**. Serviço Social e Sociedade, Nº 124. São Paulo: Cortez, 2015.

BERNARDO, J. **Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores: Ainda há lugar para os sindicatos?** São Paulo: Boitempo, 2000.

BOBBIO, N. **O conceito de Sociedade civil**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

BRAVO, M. I. **O Significado Político e Profissional do Congresso da Virada para o Serviço Social Brasileiro**. Serviço Social e Sociedade, Nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

BOSCHETTI, I. **Começaria Tudo Outra Vez se Preciso Fosse**. Serviço Social e Sociedade, Nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

BOTTOMORE, T. B. **As classes na sociedade moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BRAGA, R. **A política do precariado do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

BRAZ, M. **O III CBAS de 1979: a Virada e o seu Legado às Novas Gerações**. Serviço Social e Sociedade, Nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Partido e Revolução: 1848-1989**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CASTRO, M. M. **A História do Serviço Social na América Latina**. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

**CBCISS. CENTRO BRASILEIRO DE COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO DE SERVIÇOS SOCIAIS**. Rio de Janeiro, CBCISS, 2006.

\_\_\_\_\_. **Teorização do Serviço Social: Documentos Araxá, Teresópolis, Sumaré**. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHUL HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

**CÓDIGO DE ÉTICA DO/A ASSISTENTE SOCIAL**. Lei 8. 662/93. 10ª Ed. Brasília: CFESS, 2012.

**CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL**. Seminário Nacional: 30 anos do Congresso da Virada. Brasília: CFESS, 2012.

EDER, K. **A nova política de classes**. São Paulo: EDUSC, 2002.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **Anti-Duhring**. São Paulo: Boitempo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2ª Ed. Lisboa: Estampa, 1974.

\_\_\_\_\_ ; KAUTSKY, K. **O Socialismo Jurídico**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2012

FALEIROS, V. de P. **Confrontos teóricos do movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina**. Serviço Social & Sociedade. Nº 24. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **Reconceituação do Serviço Social no Brasil: uma questão em movimento?**. Serviço Social & Sociedade. Nº 84. São Paulo: Cortez, 2005.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1960.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GORKI, M. **Rale: no fundo**. São Paulo: Veredas, 2007.

GUERRA, Y. **A dimensão técnico-operativa do exercício profissional**, in Santos, Cláudia Mônica et al (Orgs.) **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

HARVEY, D. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HEGEL, G. W. F. **A sociedade civil burguesa**. Lisboa: Estampa, 1979.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 10ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HIRANO, S. **Castas, estamentos e classes sociais – Introdução ao pensamento sociológico de Marx e Weber**. 3ª Ed. São Paulo: Unicamp, 2002.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789 – 1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

IAMAMOTO, M. V. **A Formação Acadêmico-Profissional no Serviço Social brasileiro**. Serviço Social e Sociedade, Nº 120. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. **As Dimensões Ético-Políticas e Teórico-Methodológicas no Serviço Social Contemporâneo.** In MOTA, A. E. et al. Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na contemporaneidade. Trabalho e formação profissional.** 17ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos.** 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, R. de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 33ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

IANNI, O. **A ideia de Brasil moderno.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Classe e nação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986

JÚNIOR, C. P. **A revolução brasileira.** 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Formação do Brasil contemporâneo (Colônia).** São Paulo: Martins Fontes, 1942.

\_\_\_\_\_. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

KOIKE, M. M. **Formação Profissional em Serviço Social: Exigências Atuais.** In CFESS (Org): Serviço Social: Direitos sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

LAZZARATO, M. **O governo das desigualdades. Crítica da insegurança neoliberal.** São Paulo: EDUFSCAR, 2012.

LEFEBRVE, H. **Lógica formal lógica dialética.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. **Sociologia de Marx.** Rio de Janeiro: Forense, 1979.

LENIN, V. I. **As Três fontes e as três partes constitutivas do marxismo.** 4ª Ed. São Paulo: Global, 1983.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: O processo e formação do mercado interno para a grande indústria.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas em três tomos.** 3ª Ed. Lisboa: Alfa e ômega, volume 1, 1986.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo civil**. São Paulo: Edipro, 2014.

LOSURDO, D. **A luta de classes: uma história política e filosófica**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LOWY, M. **Método dialético e teoria política**. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARICATO, E. et al. **Cidades: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINELLI, M. L. **Serviço Social: identidade e alienação**. 15ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na transição para o próximo milênio: desafios e perspectivas**, in Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo: Cortez, Ano XIX, Nº 57, 1998.

MARTINS, J de. S. **A sociabilidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARX, K. **As lutas de classes na França de 1848 a 1850**. São Paulo: Boitempo, 2012b.

\_\_\_\_\_. **As lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013c.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social: de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Lutas de classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo, 2010c.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Para a questão judaica**. São Paulo: Expressão Popular, 2009b.

\_\_\_\_\_. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013b.

- \_\_\_\_\_. **Sobre a Questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MAX, B. **História do socialismo e das lutas sociais**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- MAZZEO, A. C. **Estado e Burguesia no Brasil: Origens da autocracia burguesa**. São Paulo: Boitempo, 2015a.
- \_\_\_\_\_. **O Vôo de Minerva: a construção da política, do igualitarismo e da democracia no ocidente antigo**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- \_\_\_\_\_. Possibilidades Lenineanas para uma Paidéia Comunista. In: **Lenin: Teoria e Prática Revolucionária**. DEO, A; MAZZEO, A. C; DEL ROIO, M. (Orgs). São Paulo: Marília/Oficina Universitária – São Paulo/Cultura Acadêmica, 2015b.
- MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O século XXI: socialismo ou barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MONTAÑO, C. **A Natureza do serviço social, - um ensaio sobre sua gênese, a "especificidade" e a sua reprodução**. São Paulo: Cortez, 2007.
- \_\_\_\_\_; DURIGUETTO, M. L. **Estado, classe e movimento social**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOURA, J. B. **A realização da razão: Um programa Hegeliano?**. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- NETTO, J. P. **A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social**. In MOTA, A. E. et al. **Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A crítica conservadora à reconceptualização**. *Serviço Social & Sociedade*. Nº 5. São Paulo: Cortez, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo Monopolista e o Serviço Social**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

\_\_\_\_\_. **III CBAS: Algumas Referências para a sua Contextualização.** Serviço Social e Sociedade, Nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64.** 16ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011c.

\_\_\_\_\_. **O movimento de Reconceituação – 40 anos depois.** Serviço Social & Sociedade. Nº 84. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Transformações Societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil.** Serviço Social e Sociedade, Nº 50. São Paulo: Cortez, 1996.

PACHUKANIS, E B. **Teoria geral do direito e marxismo.** São Paulo: Boitempo, 2017.

PEREIRA, L. D; et al. **Análise comparativa entre expansão dos cursos de Serviço Social EAD e presenciais.** Temporalis. Nº 27. Brasília: ABEPSS, 2014.

\_\_\_\_\_; IAMAMOTO, M. V. **Educação Superior e Serviço Social: o aprofundamento mercantil da formação profissional a partir de 2003.** Serviço Social e Sociedade, Nº 96. São Paulo: Cortez, 2008.

POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira.** São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social.** São Paulo: Boitempo, 2014.

PONTES, R. N. **Mediação e Serviço Social – um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

POULANTZAS, N. **Poder Político e Classes sociais.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

RANCIERE, J. **O ódio à democracia.** São Paulo: Boitempo, 2014.

RIDENTI, M. **Classes sociais e representação.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SARTORI, V. B. **Lukács e a crítica ontológica do direito.** São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, J. F. S. **Serviço Social: resistência e emancipação?.** São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, M. O. da S e. **O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, J. **A Ralé Brasileira - Quem É e Como Vive**. Minas Gerais: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros - Nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. Minas Gerais: UFMG, 2012.

SOUZA, L. E de. **CONGRESSO CHICO MENDES**. Serviço Social: as respostas da categoria aos desafios conjunturais: 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995

STANDING, G. **O precariado - A nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013.

TEIXEIRA, J. B; BRAZ, M. **O Projeto Ético-Político do Serviço Social**. In CFESS (Org): Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VERINOTIO – Revista on-line de educação e ciências humanas. Ana Selva Castelo Branco Albinati. **J. Chasin: a ontonegatividade da politicidade em Marx**. N. 9, Ano V, nov. 2008.

VIEIRA, B. O. **História do Serviço Social: contribuição para a construção de sua teoria**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

YAZBEK, M. C. **O Significado Sócio-Histórico da Profissão**. In CFESS (Org): Serviço Social: Direitos sociais e Competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

WEBER, M. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política: Duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.